

ABORDAGENS DA PSICANÁLISE SOB À ÓTICA EDUCACIONAL



MARCIA SIQUEIRA DE ANDRADE
CARLOS BATISTA
(ORGANIZADORES)


EDITORA
SCHREIBEN

MARCIA SIQUEIRA DE ANDRADE
CARLOS BATISTA

**ABORDAGENS
DA PSICANÁLISE
SOB À ÓTICA
EDUCACIONAL**



EDITORA
SCHREIBEN

2024

© Do Autor - 2024.

Editoração e capa: Carlos Batista.

Imagem da capa: Pexels, 2024, SHVETS production. pexels-shvets-production-7176026.jpg. Disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/conselhos-orientacoes-assistencia-anonimo-7176026/>

Revisão: os autores.

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (UFPeI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedências das tabelas, quadros, mapas e fotografias são de exclusivas responsabilidades dos autores.

É PROIBIDA a reprodução parcial e/ou total dos conteúdos desse estudo sem os devidos créditos aos autores.

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A974

Abordagens da psicanálise sob à ótica educacional. /
Organizadores: Marcia Siqueira de Andrade, Carlos Batista.
– Itapiranga : Schreiben, 2024.
161 p. ; e-book

E-book no formato PDF.
EISBN: 978-65-5440-215-6
DOI: 10.29327/5362917

1. Psicanálise e educação. 2. Psiquiatria infantil –
educação inclusiva. 3. Professores - formação. I. Título. II.
Andrade, Marcia Siqueira de. III. Batista, Carlos.

CDU 159.97:37

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

PREFÁCIO	06
-----------------------	----

Valdemir Bezerra da Silva

Capítulo 1

CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA A EDUCAÇÃO: UMA BREVE REVISÃO INTEGRATIVA.....	08
--	----

Tereza Cristina Durvalino Silva

Capítulo 2

A PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO – A TRANSFERÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	17
--	----

Regina Helena Osorio de Andrade Bitelli
Valeska de Souza Pereira Cruz

Capítulo 3

CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA A EDUCAÇÃO: A RELAÇÃO DA FASE DA LATÊNCIA E OS CONFLITOS ESCOLARES.....	29
--	----

Maria de Lourdes Mendes da Cruz
Ana Paula Oliveira Bernardino

Capítulo 4

CONTRIBUIÇÃO DA PSIQUIATRIA INFANTIL PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: REVISÃO DE LITERATURA.....	43
--	----

Herivelton Martinelli Santos

Capítulo 5

DINÂMICA TRANSFERENCIAL NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E APRENDIZAGEM – REVISÃO INTEGRATIVA.....	60
--	----

Renata Soares Leal Ferrarezi
Valéria Ribeiro Collato

Capítulo 6

A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR:
CARACTERÍSTICAS, VÍCIOS E VIRTUDES
DESTE PROCESSO.....78

Osmar da Silva Junior

Capítulo 7

UM ESTUDO SOBRE A TRANSFERÊNCIA
E CONTRATRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO.....85

Maria Moura

Rogério dos Santos Moura

Capítulo 8

PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
ESTUDOS E PROPOSIÇÕES.....96

Alex Sandro de Souza

Suzana Barbosa de Castro

Capítulo 9

A PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO DO DOCENTE.....107

Miriam Carvalho Xavier

Marcia Siqueira de Andrade

Capítulo 10

TRANSFERÊNCIA & CONTRA-TRANSFERÊNCIA:
REFLEXÃO DOCENTE NA ÓTICA DA PSICANÁLISE.....118

Eliana dos Santos Farias

Marcia Siqueira de Andrade

Capítulo 11

LITERATURA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO
PROFESSOR: UMA RELAÇÃO PSICANALÍTICA.....134

Claudia Gonçalves da Silva

Capítulo 12

**A SUBLIMAÇÃO COMO MECANISMO DE DEFESA
DA PULSÃO DE SABER**

NOS PROCESSOS ARTÍSTICOS.....148

Patrícia Regina Penna Soares

POSFÁCIO.....158

Carlos Batista

SOBRE OS ORGANIZADORES.....159

PREFÁCIO

No decorrer da leitura deste livro, o leitor descobrirá que, em vários momentos, os caminhos da Psicanálise se entrelaçam com os da Educação. Portanto, os capítulos desse livro são bússolas que conduzem o leitor por territórios algumas vezes desconhecidos, principalmente, aquele leitor que não está habituado com leitura sobre temas psicanalíticos. Os autores apontam as trilhas que o leitor pode seguir para conhecer os fenômenos da Transferência e Contratransferência, sobretudo, dentro do contexto educacional.

Ao longo desta jornada, o leitor tem a oportunidade de entender que os princípios fundamentais da Psicanálise são aplicáveis em todos os contextos, principalmente, no ambiente de sala de aula, onde ocorre o fenômeno transferencial na relação professor-aluno, à semelhança do que se passa no seio da família, sobretudo na relação pais e filhos.

A partir da leitura dos capítulos desse livro, o leitor poderá constatar que, inconscientemente, os alunos projetam em seus professores o tipo de relacionamento que têm com seus pais. Deste modo, dentro do contexto educacional, a Psicanálise pode ser empregada como um poderoso instrumento capaz de indicar quais caminhos o educador poderá percorrer para sair dos labirintos resultantes da projeção.

Além disso, os autores revelam que, nos ambientes educacionais, também ocorre o fenômeno da contratransferência, visto que muitas vezes a relação professor-aluno é influenciada e conduzida por um diálogo inconsciente e silencioso. Em outros termos, o leitor poderá constatar que, quando aplicada ao contexto educacional, a Psicanálise pode ser uma ótima ferramenta para identificar e interpretar os fenômenos psíquicos que regem as relações humanas.

Em síntese, nesse livro, os autores descrevem, com maestria, a influência e o impacto dos processos inconscientes, como: Transferência e Contratransferência nas relações humanas e, sobretudo, em sala de aula. Por isso, a Psicanálise pode ser considerada uma bússola, visto que pode auxiliar o leitor a percorrer de forma segura os caminhos que levam a uma Educação autêntica, enriquecedora, significativa e consciente.

Posto isso, caro leitor, resta-me convidá-lo a ler atentamente os capítulos que compõem este livro, pois são preciosidades que merecem atenção especial! Mãos à obra, pois a seara é grande e requer conhecimento para lidar com as adversidades que surgem no meio da trajetória existencial. Boa leitura!

Prof. Dr. Valdemir Bezerra da Silva

Capítulo 1

CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA A EDUCAÇÃO: UMA BREVE REVISÃO INTEGRATIVA

*Tereza Cristina Durvalino Silva*¹

INTRODUÇÃO

A psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud, no final do século XIX, é uma abordagem teórica e clínica voltada para a compreensão dos processos mentais e dinâmicos inconscientes que influenciam o comportamento humano. Ao longo das décadas essa disciplina tem se mostrado pertinente não apenas no campo da saúde mental, mas também em diversos outros campos, inclusive na educação (JUNIOR, 2023).

A educação é um processo complexo que inclui não apenas a transferência de conhecimento, mas também a educação holística do indivíduo. Nesse sentido, compreender as motivações, emoções e aspectos inconscientes presentes nos processos de aprendizagem e na relação entre professores e alunos é fundamental para promover um ambiente educacional saudável e estimulante (JUNIOR, 2023).

Diante do exposto o estudo tem como questão problema: “Como a psicanálise pode contribuir para a educação?”. E tem objetivo geral analisar a contribuição da psicanálise na educação.

Para realizar o presente estudo, foi adotado uma metodologia de revisão integrativa, que consiste na análise sistemática e crítica da literatura científica disponível sobre o tema em questão. Os artigos científicos selecionados para esta revisão serão obtidos a partir das

¹ Mestranda em Educação, Subjetividade e Psicanálise – PPGE pela Universidade Ibirapuera. Licenciada em Pedagogia. Especialização em Gestão em Serviço de Saúde. Instrutora da American Heart Association, no curso de (BLS), para profissionais de saúde. Responsável técnica junto ao COREN, pela Escola de Enfermagem São Joaquim. Diretora do curso Técnico de Enfermagem do Hospital Beneficência Portuguesa. Contato:terezacristinadurvalino@gmail.com.

principais bases de dados disponíveis, como CAPES, LILACS, SciELO, entre outras. Também foram considerados apenas artigos científicos que estejam integralmente disponíveis na internet, garantindo o acesso ao conteúdo completo das publicações.

Para a inclusão dos artigos, foram escolhidos aqueles publicados nos últimos 5 anos. A busca por artigos relevantes será realizada utilizando palavras-chave relacionadas à psicanálise e à educação, combinadas de forma a abranger o máximo de informações pertinentes ao estudo.

A partir dessa seleção, os artigos serão lidos e analisados de forma crítica, identificando as principais ideias, conceitos e abordagens que contribuem para a compreensão da contribuição da psicanálise para a educação. A síntese dos resultados será apresentada de forma clara e organizada, ressaltando as principais diretrizes e sugestões vindas da revisão bibliográfica.

Espera-se que este estudo bibliográfico contribua para o conhecimento da interface entre psicanálise e educação e forneça conhecimentos teóricos e práticos para professores, educadores e profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Entender a influência dos processos psicológicos e emocionais na educação pode abrir novas perspectivas para promover o desenvolvimento integral dos alunos, edificar relacionamentos saudáveis e enriquecedores no ambiente educacional.

O estudo justifica-se por conta da necessidade de ampliar o conhecimento sobre a contribuição da psicanálise para a educação e oferecer vantagens teóricas e práticos para professores, educadores e profissionais da área. Entender as motivações semelhantes emocionais e desfalecidos em jogo nos processos de aprendizagem e na relação entre professores e alunos pode levar a práticas educacionais mais eficazes e humanas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicanálise na Educação

A relação pedagógica se confunde com as relações humanas, o desenvolvimento humano é tratado por meio dos vínculos que os indivíduos constituem entre si, assim como a aprendizagem que se estabelece pelas informações realizadas, pela expressão de si e pela

convivência com o outro (MIRANDA, 2019).

Em suas argumentações, Pereira (2017) ressalta que:

“A psicanálise e educação não é a psicanálise, tampouco é a educação. É um campo de interface que acolhe, de uma e de outra, elementos para melhor analisar e intervir no real educativo.”

Nessa direção, a educação está associada ao subjetivo, ou seja, ao processo de transferência, que é justamente o conhecimento adquirido no grupo, por meio de atividades de interação ou ensino realizadas em grupos. (MONTEIRO, 2021).

Dessa forma, o professor ocupa o ambiente que vai além do aprendizado pedagógico, pois se torna o suporte dos investimentos libidinais dos alunos. Nessa relação, o professor é substituído por figuras parentais que representam o espaço do saber, da imaginação e da posse. Assim, as relações educacionais são compreendidas como relações afetivas com saberes edificados coletivamente (DO COUTO, 2019).

Monteiro (2021), relata que Freud, deduz o papel do educador quando salienta que:

“A educação deve escrupulosamente abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras. Tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida. (Freud, 1913/1995, p. 191).”

Ribeiro (2014), em suas palavras relata a visão de Freud, no sujeito professor frente a transferência na educação, ao mencionar que:

“(…) nossos pais substitutos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligada ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a trata-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamos-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e ajudados por ela, litamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso. (Freud, 1914/1969, p.249).”

A psicanálise executa um papel fundamental na compreensão dos processos psicológicos envolvidos na educação pois realça a importância de se constituir uma relação significativa com o conheci-

mento.

Deste modo, essa relação pode ser sustentada quando os indivíduos se encontram em estado de desajuste emocional ou intelectual, o que dificulta o recebimento correto dos conteúdos (JUNIOR, 2023).

Ao introduzir a noção do educação Ribeiro (2014), contextualiza trazendo a concepção de Freud sobre um trabalho educativo analítico:

“ O trabalho da educação é algo sui generis: não deve ser confundido com a influência psicanalítica e não pode ser substituído por ela (...). A possibilidade de influência analítica repousa em precondições bastante definidas, que podem ser resumidas sob a expressão “situação analítica”; ela exige o desenvolvimento de determinadas estruturas psíquicas e de uma atitude específica para como analista. (Freud,1925, p.308)”.

A contribuição da psicanálise para a educação é realizada através da conjectura do desenvolvimento humano, que dá uma compreensão mais profunda do funcionamento da mente. A transferência no campo pedagógico carrega novos elementos de reflexão sobre os processos educativos, pois o professor estimula a imaginação do aluno favorecendo o anseio e a eficácia da aprendizagem (DO COUTO, 2019).

A relação entre psicanálise e educação implica o surgimento de novas ideias e mudanças no processo educacional. Conhecendo a psicanálise, o professor passa a observar seu discente como um ser desejante, levando em circunstância a subjetividade do aluno (MIRANDA, 2019). Para isso, Monteiro (2002) afirma que:

“Mesmo assumindo a posição de sujeito suposto saber atribuída pelo aluno, o professor deve renunciar à posição narcísica de ter todo o saber sobre o aluno e posicionar-se como mediador entre o aluno e o conhecimento. Desta forma, permitirá que o aluno aprenda e permaneça desejando saber, cumprindo os movimentos de aproximação (dependência) e afastamento (superação).”

O professor tem a possibilidade de criar situações que aproximem o inconsciente e o consciente, despertando no discente o desejo de descobrir sua identidade e o mundo que cerca, o que se reflete em seu desenvolvimento humano (JUNIOR, 2023).

Assim, entender a contribuição da psicanálise para a educação oferece uma visão mais ampla e enriquecedora do processo educativo, enfatizando a importância da relação entre professor e aluno, reco-

nhecendo os aspectos subjetivos envolvidos e estimulando o anseio de aprender. Essa perspectiva pode influir positivamente a prática educativa, fomentando um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos alunos (MONTEIRO, 2021).

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para realizar o presente estudo, foi adotado uma metodologia de revisão integrativa, que consiste na análise sistemática e crítica da literatura científica disponível sobre o tema em questão.

As palavras de Pompeo et al. (2009) definem a revisão integrativa como:

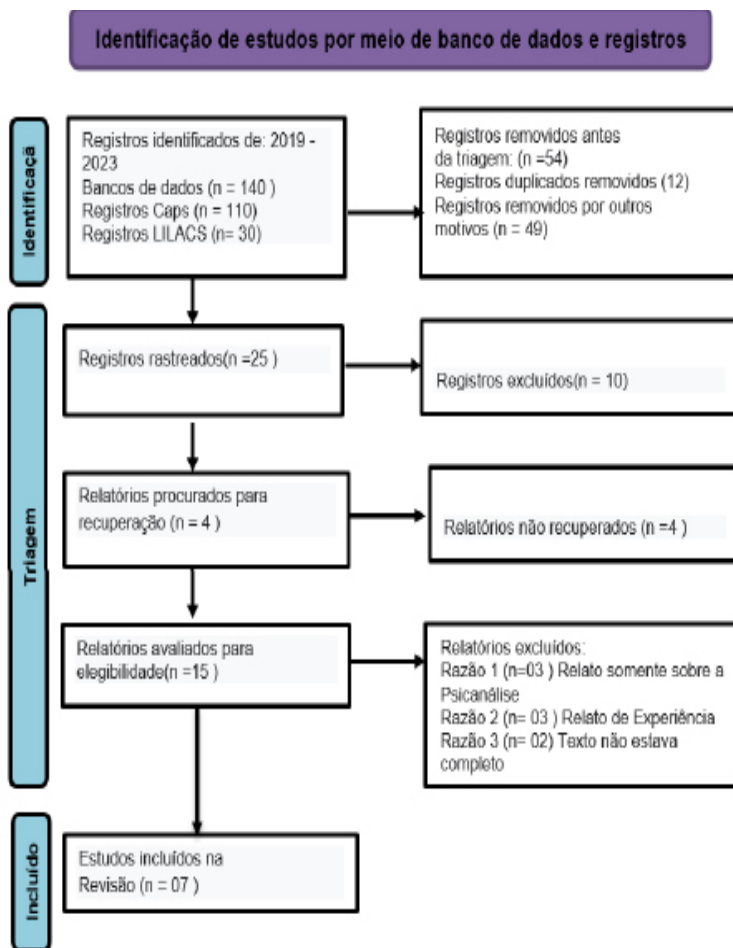
“A pesquisa integrativa é um método de revisão sistemática caracteriza-se por ser mais abrangente por permitir a inclusão das pesquisas teórica e empírica com diferentes abordagens metodológicas, sejam elas qualitativas ou quantitativas.”

E para Botelho, Cunha e Macedo (2011, p.133), o método de revisão integrativa pode ser “incorporado às pesquisas realizadas em outras áreas do saber, além das áreas da saúde e da educação”.

Através da busca nas Bases de Dados, utilizando os descritores específicos, foram encontradas 140 publicações, incluindo artigos e teses que mencionavam o assunto, destes, foram selecionados 07 artigos por responderem ao objetivo proposto e seguirem os critérios de inclusão.

O Fluxograma 1, representado pelo PRISMA abaixo, demonstra a síntese, da busca e seleção da busca bibliográfica para este estudo.

Fluxograma 1



Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

DISCUSSÃO

O critério de incluir artigos publicados na íntegra eliminou vários artigos e livros encontrados durante a seleção, por fim, a leitura na íntegra resultou em sete artigos selecionados.

Durante a análise dos artigos selecionados, verificou-se que de uma forma geral, praticamente todos os artigos, enfatizavam sobre a influência da psicanálise na educação.

Dos descritores encontrados em todos os artigos foram verificou-se a presença de mais de um descritor, porém em todos as palavras: Educação e Psicanálise foi abordado em todos e somente em um dos artigos o descritor citado foi encontrado junto e não separado.

Três dos artigos foram escolhidos fora da data de publicação determinada pela relevância dos assuntos abordados.

Sobre as temáticas abordada, dois artigos selecionados, abordaram sobre a história da Educação com suas leis, práticas educativas e curriculares.

Três artigos selecionados, utilizaram as Teorias de Freud para verificar as contribuições da psicanálise na educação.

Dois artigos selecionados, abordaram a relação da transferência entre professor/aluno ao relatarem sobre o processo de aprendizagem.

Por fim, no conjunto total dos artigos analisados, verificou-se diferentes abordagens sobre o assunto, que contribuíram para a elaboração da revisão integrativa. Identificando as principais ideias, conceitos e abordagens que contribuem para a compreensão da contribuição da psicanálise para a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente revisão integrativa, foi possível analisar a contribuição da psicanálise para a educação, respondendo à questão problema: “Como a psicanálise pode contribuir para a educação?”. Nosso objetivo geral era analisar essa contribuição, explorando a literatura científica dos últimos 5 anos disponível em bases de dados conhecidas.

Ao longo do estudo, foi possível compreender que a psicanálise oferece insights valiosos para compreender os processos psicológicos e emocionais que permeiam a educação.

Uma das contribuições da psicanálise para a educação está na compreensão da importância da relação entre professor e aluno. Reconhecer o sujeito como um ser desejante, levar em conta sua subjetividade e promover um ambiente que estimule a imaginação e o desejo de aprender são elementos que podem potencializar o processo educativo.

Sendo válido citar que a psicanálise resulta uma reflexão sobre os processos de transferência e contratransferência no contexto pedagógico, abrindo espaço para uma compreensão mais profunda das dinâmicas interpessoais na sala de aula. Favorecendo assim a construção de relações saudáveis e afetivas, que impactam positivamente o desenvolvimento dos alunos.

Contudo, é válido citar que é importante reconhecer que a aplicação da psicanálise na educação apresenta desafios e limitações. A necessidade de uma formação adequada dos profissionais e a demanda por uma abordagem ética e respeitosa são aspectos a serem considerados.

Por fim, esta breve revisão integrativa reforça o tradicional da psicanálise como um campo teórico e clínico que pode enriquecer a prática educacional. A contribuição da psicanálise na educação reside em sua capacidade de fornecer uma compreensão mais profunda do sujeito e das relações interpessoais, ampliando as possibilidades de aprendizagem e crescimento.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. **O método da revisão** integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

DO COUTO, Margaret Pires. As contribuições da Psicanálise à Educação. **Sapere Aude**, v. 10, n. 19, p. 310-318, 2019.

JUNIOR, José dos Santos. Arthur Ramos e a criança problema: conexões entre a psicanálise e educação nas tecnologias da correção. **Revista História da Educação**. 2023.

MIRANDA, Robson Contreiro. A contribuição da psicanálise na educação para o desenvolvimento humano. **Revista Científica Intelletto**, v. 4, n. 3, 2019.

MONTEIRO, Elisabete A. A Transferência e a Ação Educativa. **Estilos da Clínica**, Vol. VII, n.13, 12-17, 2002.

MONTEIRO, Elisabete Aparecida; DIAS, Mariângela de Andrade

Máximo. Do mal-estar ao educar: desdobramentos do diálogo entre psicanálise e educação. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 2, p. 368-382, 2021.

POMPEO, D. A.; ROSSI, L. A.; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem. **Acta paul. enferm.** [online], v. 22, n. 4, p. 434-438, 2009. Acesso em:27 maio. 2023.

PEREIRA, M.P. Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor/aluno. **Boletim de Psicologia**, 67 (146): 25-36, 2017.

RIBEIRO, Márcen de Pádua. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 39, pp.23-30, 2o sem. de 2014.

Capítulo 2

A PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO - A TRANSFERÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

*Regina Helena Osorio de Andrade Bitelli*¹

*Valeska de Souza Pereira Cruz*²

Introdução

A transferência é um conceito freudiano que tem contribuído com a educação escolar, especialmente na relação professor-aluno.

Mesmo sem se ter dedicado a um estudo voltado especificamente à Educação, Freud acreditava na possibilidade de impacto da psicanálise nessa área, como um meio de auxiliar a criança no processo de renúncia do prazer, para se adequar às práticas aceitáveis pela sociedade.

O criador da psicanálise considerava a educação como um legado que passa de pai para filho, pois essa relação pedagógica está implícita na relação humana, e, por esse motivo, a aprendizagem acontece principalmente na relação professor-aluno através do conteúdo transmitido e adquirido. Porém, diante de estudos mais recentes sobre os saberes educacionais, a escola e o professor parecem estar perdendo os seus valores na sociedade, de acordo com as teorias de desenvolvimento.

Diante da nova pedagogia proposta, na relação adequada com seu aluno (Monteiro, 2002, p. 13), “o professor não assume seu papel de autoridade, deixando o saber para que o próprio aluno construa, o que impede a completude do indivíduo que vê na pessoa do professor esse objeto de desejo do saber, para que o aluno seja mais feliz e realizado, o ideal do Ego (satisfação dos seus desejos, obtendo o prazer, a

1 Mestranda em Educação pela Universidade Ibirapuera (São Paulo – SP) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista (São Paulo – SP)

2 Mestranda em Educação pela Universidade Ibirapuera (São Paulo – SP) e licenciada em Ciências pela Fundação de ensino de Olinda – FUNESO (Olinda-SP) ail.com.

felicidade)”.

Nosso objetivo é, portanto, observar as contribuições do conceito de transferência no processo de ensino-aprendizagem e na relação do aluno com o professor dentro da atividade educacional de forma mais eficaz como afirma Monteiro (2002), que justifica o eventual fracasso escolar pela ineficácia do método aplicado pelo professor ou pela imaturidade do aluno.

Por esse motivo, esperamos, através dos artigos analisados, compreender com clareza o conceito de transferência e como esta contribui para o processo de ensino-aprendizagem diante da impossibilidade da adequada relação professor-aluno.

Para o nosso estudo utilizamos o Método Prisma, que consiste em uma abordagem estruturada para realizar uma revisão narrativa de literatura sobre o conceito de transferência, suas contribuições no processo educacional e na relação professor-aluno, com base nos conceitos psicanalíticos freudianos e de seus seguidores.

A transferência na psicanálise e seus conceitos

A preocupação com a complexidade do processo de ensino e aprendizagem, especialmente na atualidade com os avanços tecnológicos, tem contribuído para a ampliação de pesquisas que visam à busca de novos conhecimentos pedagógicos.

Entre essas diversas áreas que vêm contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre Educação, como a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, entre outras, encontra-se a Psicanálise com estudos freudianos que ajudam a compreender fenômenos recorrentes em sala de aula.

Como se pode observar pelos estudos realizados sobre a complexidade do processo educativo, vários autores incluem a temática da transferência, mais efetivamente abordada pela psicanálise freudiana, como um elemento que contribui para a compreensão da importância das relações que ocorrem no ambiente escolar.

Em que consiste a transferência, objeto da psicanálise? Como se define? Que relação pode ter com o processo educacional?

A palavra transferência, de acordo com Zimmerman (2002), é de origem latina, do prefixo trans (passar através de) e de ferros (conduzir).

De acordo com Mariotto (2017), a definição de transferência

para Freud consiste nas “[...] reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico” (FREUD, 1901, in MARIOTTO, 2017, p. 38)

Dessa forma, a teoria transferencial de Freud, conceito fundamental na psicanálise, constitui-se na transferência de sentimentos e emoções de um paciente para o terapeuta, muitas vezes baseados em relações passadas significativas.

Em seu artigo, Pereira (2017) apresenta outros conceitos distintos, recorrendo também a Freud (1912), que afirma que a transferência vivenciada pelo sujeito:

explicita que a ação conjunta da disposição congênita e as experiências vividas na infância determinam em cada indivíduo uma modalidade especial de vida afetiva e libidinal. Disso resulta um clichê (ou vários), que é repetido ou reproduzido no decorrer da vida. Somente uma parte dessas tendências, que determinam a vida afetiva e libidinal, segue uma evolução psíquica completa.” (FREUD, 1912/1981, em PEREIRA, 2017, p.26).

Pereira aponta ainda outros conceitos, entre eles aquele apresentado por Laplanche e Pontalis (1983), os quais afirmam que, na Psicanálise, a transferência designa “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (LAPLANCHE E PONTALIS, 1983, in PEREIRA, 2017, p.27).

Encontram-se também, no mesmo artigo, as concepções de transferência propostas por Melaine Klein e Lacan.

Pereira (2017) afirma que, de acordo com Klein (1952),

a transferência é entendida como uma reprodução, na figura do analista, de todos os objetos primitivos e relações objetais internalizadas no psiquismo do paciente, acompanhadas das respectivas pulsões, fantasias inconscientes e ansiedades (p.28).

Em relação ao conceito proposto por Lacan (1982), a transferência acontece conforme a função que exerce na prática.

Isso significa que ocorre na relação em que um representa para o outro a função simbólica do saber, isto é, o coloca na posição daquele que não sabe e situa o outro membro da relação, no lugar daquele que tem um saber, isto é, o coloca no lugar de sujeito suposto saber (PEREIRA, 2017, p. 28).

Esta autora alega também que “Não se pretende comparar o conceito nas diferentes correntes, mas analisar e discutir a forma como é compreendida a transferência na relação professor-aluno” (PEREIRA, 2017, p.26). A autora destaca que a teoria da transferência, proposta por Freud, foi sendo alterada ao longo do tempo, tratando-se, porém, de um fenômeno que, de acordo com Freud (1912/1981, em PEREIRA; 2017), está presente em todas as relações humanas.

Por outro lado, Pereira (2017) reafirma que, embora Freud não tenha se ocupado especificamente do processo de aprendizagem, o psicanalista elaborou teorias sobre o funcionamento mental, a personalidade e o desenvolvimento do indivíduo, que fundamentam a investigação deste processo.

Como se pode observar nos estudos apontados, a transferência no campo da psicanálise, demonstra a importância da relação com o outro na construção da personalidade e no desenvolvimento no campo do saber. Desta forma, trata-se efetivamente de um estudo relevante para a ampliação do conhecimento de como se aprende e de como se ensina.

A transferência na ação educativa

Os estudos freudianos, como se sabe, tiveram objetivos clínicos, embora Freud tenha manifestado também grande interesse pela área educacional.

O processo de ensino e aprendizagem reúne aspectos relevantes e que devem ser considerados quando se propõem discutir propostas na busca de soluções para os mais diversos problemas presentes no âmbito escolar.

São quase unânimes os teóricos que apontam como uma das principais condições para o sucesso desse processo, a relação professor-aluno.

Dessa forma, para Monteiro (2022), torna-se necessária uma reflexão sobre o que a pedagogia tem valorizado nos últimos tempos, assim como uma melhor compreensão sobre a relação professor-aluno

e seus pressupostos, principalmente através do conceito freudiano sobre a transferência.

De acordo com a autora, tantas mudanças aconteceram nas últimas décadas em relação a educação, estudos que defendem o protagonismo do aluno na construção do seu conhecimento, fazendo com que os professores, hoje, não se considerem mais detentores do saber, e sim construtivistas ou facilitadores dos saberes que serão construídos pela própria criança partindo dos seus conhecimentos prévios, tornando assim a educação mais moderna e relevante.

A autora afirma também que os adultos, hoje, se esquivam de responsabilidades educacionais ou de autoridade em seus lares aguardando que a Ciência responda às suas questões ou mesmo seja a responsável por seus erros e frustrações na educação escolar e familiar.

De acordo com Monteiro (2022, p. 13), “os pedagogos afirmam que existe uma ‘relação adequada’ entre a maturação do aluno e o método aplicado pelo professor, e que quando essa relação não acontece, o sucesso pedagógico não acontece”.

Segundo a autora,

“Quando essa relação é quebrada por parte do professor, a pedagogia moderna aponta a necessidade de um curso de capacitação, a famosa reciclagem, e quando essa quebra da relação acontece pelo lado do aluno, o mesmo deverá ser encaminhado para um acompanhamento psicológico ou psicopedagógico para que esse sucesso educativo aconteça” (MONTEIRO, 2022, pág. 13).

Em seu artigo, Monteiro critica esse discurso pedagógico e afirma, que essa ilusão pedagógica de uma “relação adequada” pode ser compreendida pelo processo de transferência que acontece entre o professor e o aluno, e traz como um desafio a compreensão do conceito de transferência e do porquê ocorre essa transferência, segundo as teorias de Freud e Lacan na constituição do sujeito e no funcionamento do aparelho psíquico, de forma inconsciente, que traz uma compreensão maior dessa quebra da relação adequada sugerida por pedagogos de forma geral.

Lembra ainda a autora que o fundamento do psiquismo começa quando se registra a falta, que normalmente acontece, da figura da mãe (Monteiro, 2002). A criança, ao perceber que o seio materno, por exemplo, não pertence a ela, carrega esse sentimento de que o seio da mãe, objeto que lhe traz prazer e completude, não faz parte dela.

Após esse sentimento de falta, surge o efeito de castração, a incompletude, ou seja, nasce um sujeito em falta (Complexo de Édipo). Diante da falta, o sujeito passa a direcionar ou a buscar sua completude no outro. Nessa busca pela completude, ocorre o que se chama de transferência, quando cada ser humano sente a necessidade de satisfazer o seu desejo em outro ser.

Essa transferência revela a incapacidade dessa relação adequada defendida pelos psicólogos, pois cada ser que se relaciona com outro ser tem, nesse processo, vários outros seres que são os desejos de completude de ambos. A autora lembra que, de acordo com a psicanálise, para viver em sociedade, as pessoas precisam renunciar a muitos desejos ou substituí-los por outros. Por isso, a pedagogia moderna não tem como promover a tal “relação adequada”, pois os seres humanos são diferentes uns dos outros e buscam diferentes satisfações em diferentes momentos de sua vida, e essa busca, por uma pedagogia adequada, gera, para os indivíduos, a frustração, por não alcançarem essa relação idealizada (MONTEIRO, 2002).

Dessa forma, apesar dos princípios da transferência terem sido inicialmente propostos para um contexto da psicanálise clínica, implicitamente podem ser também aplicados às relações que se estabelecem no meio social.

É com esse pensamento que Mariotto (2017), em seu artigo, discute a contribuição que o conceito freudiano da transferência pode oferecer no campo da Educação. Essa contribuição observa-se, de acordo com a autora, na relação professor-aluno que impacta a teoria e a prática no processo educacional, pois “todo ato educativo refere-se a operações de transmissão – de um legado, de um saber, de um desejo –, e de transformação – da carne, ao sujeito” (MARIOTTO, 2017, p. 36).

De acordo com Mariotto (2017), educar e curar se aproximam. Entretanto, essa semelhança vem

sempre com o compromisso ético de vislumbrarem o abismo que separa a posição do analista e o lugar do educador... e não se educa tudo nem se cura tudo, por outro, o lugar de onde se faz operar esse impossível é completamente distinto um do outro (p.38).

A autora se apoia na afirmação de Freud de que “educar é transferir um legado de pai para filho”. Assim sendo, o professor representa uma peça-chave nesse processo de transferência, uma vez que, na

escola, substitui os pais. Dependendo dessa relação, o processo de ensino e aprendizagem terá resultados positivos ou negativos, pois “o conceito de transferência traz de arrasto a questão do poder e autoridade que são investidos no professor a partir do aluno, e também a de desejo, tanto do aluno quanto do professor” (p.38).

Por sua vez, Ribeiro (2014), em seu artigo, propõe alternativas entre elementos que relacionam a educação e a psicanálise, observando as contribuições dos conceitos psicanalíticos freudianos e de como esses conceitos podem auxiliar o professor em sua prática docente, por possuírem pontos em comum com o processo educacional e a relação professor-aluno, que contribuem para o desenvolvimento do ser humano.

De acordo com a autora, a educação, segundo Freud (1901/1912) está relacionada com o recalque social das pulsões e reconhecida como positiva por refrear ou controlar o princípio do prazer através da adaptação à realidade vivida, assim como a sublimação, uma vez que, com o passar do tempo essas áreas foram consideradas complementares em que a educação serviria como o canal condicionador das pulsões para caminhos aceitáveis da sociedade evitando também a neurose, e a psicanálise seria o complemento dessa primeira educação, diante daquilo que por ventura tenha escapado, não se confundindo, porém, o trabalho pedagógico com o trabalho analítico.

Ribeiro (2014) recorre ainda a Filloux, (1997) ao afirmar que as duas áreas do conhecimento agem de formas distintas, pois a educação atua no âmbito da promoção educativa e a psicanálise atua na promoção terapêutica, mas ambas lidam com a promoção humana. Essa promoção humana está interligada com o campo da linguagem, o campo do simbólico, no qual se pressupõe que alguém aprende e outro ensina.

De acordo com Santos (2009, citado por Ribeiro, 2014), apoiado em Freud (1914/1969), o aluno reveste o professor de um interesse especial, tirando o foco do conteúdo apenas, o que pode desenvolver o interesse ou o desinteresse na aprendizagem desse conteúdo. Isso ocorre pelo processo de transferência, quando o aluno se volta para o professor como a figura que saberá ensiná-lo. Essa transferência ocorre em todas as relações sem que haja a presença de um analista, e seus efeitos podem ser agradáveis ou não. A transferência pode ser compreendida como uma reedição de experiências vividas e no caso da educação essa transferência se dá entre o aluno e a figura do professor

(SANTOS, 2009, in RIBEIRO, 2014).

De acordo com Kupfer (2005, in Ribeiro, 2014), a transferência passa a ser uma reedição dos impulsos que foram marcados nos primeiros momentos de vida do ser humano e a figura do professor pode despertar sentimentos em relação ao aluno, os quais podem ser de amor ou ódio, de simpatia ou antipatia, mesmo que essa relação do aluno com o professor nunca tenha acontecido antes.

Tais sentimentos são transferidos para o professor como sendo o mesmo o primeiro objeto de desejo, o qual recaía anteriormente sobre os familiares: pai, mãe e irmãos, e, apesar dos professores encontrarem dificuldades em lidar com os sentimentos da transferência, esse processo é o que garante o sucesso do ensino-aprendizagem.

A transferência passa a se instalar nessa relação quando o desejo de saber do aluno se agarra à figura do professor. Os desejos passam a ter como alvo o professor. É o professor que tem algo importante para o aluno, e isto lhe garante a autoridade na sala de aula, assim como tende a influenciar nas futuras decisões desse aluno.

Por outro lado, o professor também é alvo desse sentimento de transferência mesmo sem perceber. Neste caso, o professor, como o detentor do saber, poderá criar o sentimento de castração no aluno por ser um ser completo e possuidor de algo que o aluno não tem.

Para a psicanálise, porém, o indivíduo não pode fazer tudo o que deseja sem limites, e o professor e a educação devem ser esse instrumento que ajudará o aluno no processo da administração de seus impulsos na adaptação do convívio em sociedade. Neste sentido, o professor deverá trabalhar em prol do sujeito rejeitando todo e qualquer processo predeterminado para a educação como reduzir a homogeneização e didáticas-padrão trabalhando com a individualização, uma vez que cada ser é diferente em seu íntimo.

O mais desafiador para o professor deve ser encontrar o equilíbrio de quando, quanto e por que meios acontecerão as proibições ao aluno nesse processo educacional contribuindo para construção do sujeito (RIBEIRO, 2014).

Diferentes tipos de transferência

Considerando a importância do professor na relação com seus alunos, torna-se necessário pensar na qualidade dessa relação. Nesse sentido, há que se pensar também na qualidade da transferência, reco-

nhecida como elemento relevante nesse processo.

Visando então a reafirmar a importância da transferência na relação que acontece entre professor e aluno, Pereira (2017) recorre a Kupfer (2004), segundo a qual, quando o aluno se dirige ao professor, atribuindo-lhe um sentido conferido pelo desejo, este logo passará a fazer parte do seu cenário inconsciente. Nesse sentido, “O desejo transfere sentido e poder à figura do professor, que funciona como um mero suporte esvaziado de sentido enquanto pessoa” (KUPFER, 2004, in PEREIRA, 2017, p. 29).

A autora ainda cita Nunes (2004), o qual se fundamenta em estudos de Lacan que “considera que a transferência na relação professor-aluno ocorre, porque existe uma desigualdade de saberes entre seus participantes” (NUNES, 2004, in PEREIRA, 2017, p. 29). De acordo com Nunes, no encontro professor-aluno, o primeiro possui o que falta ao segundo, isto é, o conhecimento. Por esse motivo, para facilitar o acesso do aluno ao saber desejado, o professor deve colocar-se numa posição de incompletude, apesar de ter consciência de que detém um saber que o aluno ainda não atingiu. É necessário que o aluno seja motivado e esteja receptivo para a aquisição do conhecimento. A ação educativa ocorre, portanto, no encontro entre pessoas (PEREIRA, 2017).

Assim sendo, torna-se necessário conhecer os possíveis tipos de transferência presentes nas relações, incluindo a de professor-aluno. Em princípio, a transferência pode ser positiva ou negativa.

De acordo com Pereira (2017), a transferência, essencial para a relação professor-aluno, deve ser positiva. A autora apresenta mais um dado em favor da relação transferencial ao citar Ornellas (2005), que, apoiado em estudos de Lacan, afirma que “quando o professor aceita a transferência, acata a ternura respeitosa e afetuosa do aluno para ajudá-lo, mas traz o conhecimento que legitima sua autoridade pedagógica, uma autoridade que é outorgada pelo aluno” (p. 178-179).

Em relação à transferência negativa, a autora cita Freud (1912/1981) que a apresenta como a “predominância de pulsões agressivas e seus derivados, sob a forma de inveja, ciúme, rivalidade, voracidade, ambição desmedida, algumas formas de destrutividade, além do erotismo também encontrado na transferência positiva” (PEREIRA, 2017, p.30). Trata-se de um tipo de transferência que tende a prejudicar de forma significativa a aprendizagem (PEREIRA, 2017).

Além disso, Santos (2009, citado por Ribeiro, 2014), fala que quando ocorre um comportamento de desrespeito é uma característica da transferência negativa, principalmente quando o aluno se opõe ou é reativo a alguma orientação do professor. Isso pode levar o estudante a um não querer bem ou até mesmo desrespeitar esse professor.

Em casos de afeto positivo, a relação tende a ser fácil e agradável, enquanto em casos de afeto hostil, tanto o aluno quanto o professor podem ter responsabilidades na dificuldade da interação. Daí a importância do afeto na relação entre aluno e professor e como diferentes tipos de emoções podem influenciar a dinâmica dessa relação.

Para Zimerman (2002), entretanto, citada por Pereira (2017), apenas classificar a transferência em positiva ou negativa não atende à compreensão dos diferentes fenômenos que se observam. Por isso, propõe ainda a transferência especular, a idealizadora, a erótica e erotizada, e a perversa.

Com relação a tais tipos de transferência, a autora analisa a especular, na relação pedagógica, como sendo própria de pessoas com fixação primitiva, como é o caso dos alunos que requerem sempre a atenção, opinião e aprovação do professor na realização de suas atividades. Seria esperada em crianças pequenas, no início da escolarização, quando ainda experimentam um nível de indiferenciação afetiva com as figuras parentais (ZIMERMAN, 2002, in PEREIRA, p.32).

No contexto da relação pedagógica, a autora explora a noção de transferência idealizadora, e inspirada nos estudos de ZIMERMAN, salienta a propensão do aluno a idealizar excessivamente o professor na busca pelo conhecimento. Contudo, existe a possibilidade de o professor sentir-se lisonjeado com essa idealização, o que pode, por sua vez, impedir o aluno de reconhecer suas próprias competências e limitações acadêmicas. Assim, ao permanecer na esfera da transferência idealizadora, o aluno pode encontrar dificuldades em estabelecer identificações mais sólidas com o professor, impedindo-o de transitar da idealização para a internalização do educador como modelo ou referência positiva na construção do conhecimento.

Já na transferência erotizada, está mais vinculada à necessidade de qualquer pessoa de se sentir amada, sendo essa a demanda por compreensão, reconhecimento e contato emocional, que pode fundir-se com o desejo de um contato físico ou simples reconhecimento intelectual.

Finalmente, Pereira aborda a transferência perversa por meio de uma análise detalhada de suas interações com professores e alunos que enfrentam dificuldades escolares. Ele explora as dinâmicas em que os alunos tendem a desafiar as normas e acordos estabelecidos em sala de aula, muitas vezes manifestando comportamentos excessivos. Essas situações colocam à prova a autoridade do professor e questionam o papel profissional desse educador no ambiente escolar.

Nesse sentido, Pereira (2017) alega ainda que “Não se pretende comparar o conceito nas diferentes correntes, mas analisar e discutir a forma como é compreendida a transferência na relação professor-aluno” (p.26).

Pode-se então dizer que o professor desempenha um papel importante na transmissão do conhecimento, mas essa transmissão não se restringe apenas a uma questão de fornecer informações.

Considerações finais

A transferência é um tema complexo e desconhecido por muitos profissionais, seja da área de educação ou não, porque esse processo acontece em todas as áreas de relacionamento, tendo em vista que o ser humano é um ser social.

No âmbito da educação, essa relação pode ser positiva trazendo ganhos e benefícios no processo de ensino e aprendizagem como pode ser negativa, provocando danos para a relação professor-aluno e consequentemente para a aprendizagem, com o surgimento de resistências que geram bloqueio no desenvolvimento da construção do saber.

Na relação professor-aluno, a transferência pode ocorrer quando os alunos projetam sentimentos, desejos, expectativas e experiências passadas aos professores. Isso pode afetar a dinâmica da sala de aula e influenciar a interação entre ambos, positivamente ou não.

Como afirma Santos (2009), “muitos professores, têm ciência dos movimentos afetivos que despertam em seus alunos, sabem dessa responsabilidade, porém os interpretam como algo pessoal e à sua didática” (in RIBEIRO, 2014, p. 29)

Compreender essa relação é extremamente importante, diante das manifestações de amor e de rejeição, para que o professor tenha domínio sobre esses elementos que interferem no aprendizado.

Desta forma, estar ciente sobre a influência da transferência em suas diferentes formas, presentes no âmbito escolar, pode ajudar os

professores a estabelecerem relações mais empáticas, compreenderem as necessidades emocionais dos alunos e facilitarem um ambiente de aprendizado mais efetivo, pois, como afirma Mariotto (2017), “Da educação infantil à universidade, a transferência torna-se a mola propulsora do processo ensino- aprendizagem” (p.39)

Referências

Mariotto, R.M.M. (2017) - *Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso* - Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 35-48.

Monteiro, E. (2002) - *A transferência e a ação educativa* – Estilo da Clínica, Vol. VII n. 13, São Paulo.

Pereira, M.P. (2017) - *Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor-aluno* - Boletim de Psicologia, 2017, Vol. LXVIII, Nº 146: 025-036.

Ribeiro, M. P. (2014) - *Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno* - Psic. da Ed., São Paulo, 39, 2º sem. de 2014, pp. 23-30.

Capítulo 3

CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE PARA A EDUCAÇÃO: A RELAÇÃO DA FASE DA LATÊNCIA E OS CONFLITOS ESCOLARES

*Maria de Lourdes Mendes da Cruz
Ana Paula Oliveira Bernardino*

1. INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma abordagem teórica que se preocupa em investigar os processos mentais inconscientes e suas relações com os comportamentos humanos. A teoria psicanalítica foi desenvolvida por Sigmund Freud, no final do século XIX, e desde então, tem tido um grande impacto em diversas áreas do conhecimento humano, incluindo a educação. Neste artigo, explorar-se-á a contribuição da psicanálise para a educação, enfatizando suas principais ideias e conceitos, desde compreender a forma como as crianças aprendem e desenvolvem suas personalidades, até o processo de intervenção propriamente dito.

As principais ideias da teoria psicanalítica é a existência do inconsciente, uma região da mente humana que é inacessível à consciência, mas que tem um grande impacto sobre o comportamento humano. Segundo Freud, o inconsciente é formado por desejos, impulsos e emoções reprimidas que são consideradas inaceitáveis pela consciência. Essas repressões são responsáveis por muitos dos conflitos que as pessoas experimentam em suas vidas.

Outro conceito importante da psicanálise é o complexo de Édipo. Segundo Freud, o complexo de Édipo é uma fase do desenvolvimento psicosssexual que ocorre na infância, em que a criança desenvolve desejos sexuais em relação ao progenitor do sexo oposto e rivalidade com o progenitor do mesmo sexo. O conhecimento desse conceito pode ajudar os educadores a entenderem a dinâmica das relações familiares das crianças e como isso pode influenciar seu comportamento na escola. Uma criança que tem uma relação conflituosa com

um dos pais pode ter dificuldades em se relacionar com seus colegas na escola. Além disso, a psicanálise enfatiza a importância da relação entre o educador e a criança.

Outro quesito que reafirma a importância da psicanálise na educação é o que diz da relação educador-aluno que segundo essa ciência, é vista como uma transferência, onde a criança projeta suas emoções e sentimentos no educador. O educador, por sua vez, deve ser capaz de reconhecer e lidar com essas transferências para ajudar a criança a superar seus conflitos internos. Essa abordagem pode ajudar a construir uma relação de confiança entre o educador e a criança, que é fundamental para o processo de aprendizagem.

Por fim, a psicanálise pode ser útil na identificação e tratamento de problemas emocionais e comportamentais das crianças. Por exemplo, a psicanálise pode ajudar a identificar as causas subjacentes do comportamento agressivo ou da falta de interesse na escola. A partir disso, os educadores podem trabalhar em conjunto com os pais e profissionais da saúde para auxiliarem a criança a superar esse conflito interno. Parte superior do formulário.

2. JUSTIFICATIVA OU RELEVÂNCIA DO TEMA

A escola é o lugar de socialização muito presente na vida dos jovens, pois todos os dias são obrigados a conviver com outras pessoas. Essas vivências nem sempre são positivas. Até porque a origem das crises nem sempre são de responsabilidade da escola e os indivíduos tendem a descontar em outrem as suas mágoas. Como quando, uma criança que tenha passado por um evento traumático, como a morte de um ente querido, pode apresentar dificuldades em se concentrar nas atividades escolares e essas frustrações e baixo-autoestima se manifestar muitas vezes em indisciplina ou em dificuldade de aprendizagem.

O ambiente escolar, muitas vezes repete situações da família, onde o desejo de aprender do aluno se depara com o desejo do professor, que por sua vez está ligado a ideal pedagógico, imposto pelo próprio educador. De um lado o aluno que se sujeita a um desejo inconsciente do professor, que pode chegar a ser um bloqueador das suas competências. Para a aquisição do conhecimento acontecer, a única possibilidade, é incentivando o indivíduo para o desejo de efetivação da aprendizagem acontecer.

Pensando nisso, a Psicanálise pode ajudar o professor a compreender essa intrincada relação, dimensionar sua importância, chamar a reflexão sobre si mesmo e sua prática docente, atentando para sua singularidade, responsabilidade e a psicanálise na educação possibilita o a utilização do imaginário e subconsciente, organizando pulsões no campo simbólico, que relacionado a consciência, culmina no despertar do conhecimento.

Segundo (Kupfer, 2005, p. 91), iniciada a transferência, a figura do professor é esvaziada de sentido e preenchida pelo aluno. Transferir é “atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo” (Kupfer, 2005, p. 92). E o professor usado pela transferência passa a fazer parte do inconsciente do aluno.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

A escola é um lugar de conflitos e atualmente, se tornou um local onde se exclui os “diferentes”. O termo diferente refere-se àqueles alunos que destoam dos demais. Seja na constituição física, social ou cognitiva. Muitos alunos em alguma fase da estudiantil podem apresentar dificuldade de aprendizagem que precisa ser investigada e auxiliada, mas a indisciplina e violência também coexistem.

A complexidade do processo de escolarização narrado por Patto (1995), tem em seus registros, mecanismos de exclusão que vinculam o preconceito e a discriminação por classes sociais, gênero, raça, cultura e diversos modos de aprendizagem. As experiências de exclusão vivenciadas por crianças, jovens e adultos, induzindo-as a formarem um autoconceito negativo concernente à impotência. A discriminação e o preconceito que o negro e/ou pobre e/ou a mulher e/ou crianças sofrem no seu dia a dia, provocam sofrimento e angústia. Esses conflitos são produzidos social e historicamente e perpassam os diferentes âmbitos da vida coletiva, estando presentes também no convívio escolar.

O professor na sala de aula, precisa lidar com diferentes tipos de alunos, seja tímido, estudioso, irresponsável, despreocupado, impaciente, entre outros. É preciso ter “jogo de cintura” para poder dialogar com estudantes dos mais variados perfis e desperte o interesse desse aluno. Sem falar na desvalorização dos professores, que ainda precisam encarar a desvalorização da profissão no seu dia a dia de trabalho, como acontece devido a diversos fatores, como baixos salários, jornadas exaustivas, dentre outros.

A sociedade da atualidade, em questão de demonstração de sentimento, nem de longe se lembra os tempos passados. E levando em conta que os conflitos existenciais sempre existiram e serão vividos pelas crianças, adolescentes e adultos, pois segundo Freud, que era médico, baseou seus estudos com o propósito de entender e explicar o funcionamento da mente humana, ajudando a tratar distúrbios mentais e neuroses. O objeto de estudo da psicanálise sempre foi a relação entre os desejos inconscientes e os comportamentos e sentimentos vividos pelas pessoas.

Segundo a teoria da psicanálise, os seres humanos, conservam no ID, as energias vividas, em tempos anteriores aos 2 anos, o recalçado, e que muitas vezes se apresenta na consciência de forma disfarçada. Tais sentimentos muitas vezes leva o sujeito a apresentar vários comportamentos, que nem sempre são fáceis de entender e lidar. Muitas vezes as pessoas são pressionadas a não expor o que se sente, levando-as a fingir e esconder. Mas, muitas pessoas em diversas fases da vida podem demonstra alguma frustração ou inquietude. Seja na forma de agressão, ansiedade ou outra forma negativa de viver em sociedade.

4. OBJETIVO

O presente artigo pretende mostrar que a psicanálise pode contribuir para a formação do profissional de educação. Oferecendo subsídios para que o corpo docente crie práticas pedagógicas que atendam suas necessidades e as dos alunos, como sujeitos do desenvolvimento, além de solucionar os possíveis conflitos que possam existir no ambiente escolar.

Os conflitos relacionados a questões socioemocionais (Bullyin); não reconhecer e não conseguir trabalhar com todos os processos transferenciais que envolvem o processo de aprendizagem; não entender como esses aspectos são estabelecidos e como podem ser gerenciados pelo educador para potencializar o processo educativo; incapacidade de entender e desenvolver projetos para tratar assuntos como “ansiedade”, “depressão”, “automutilação”, “suicídio”. Cabe a escola propor projetos que pense as questões relacionadas às famílias, aos estudantes e na equipe escolar, alinhados em um mesmo discurso, oferecendo pontos de vista sobre os variados fenômenos no contexto escolar, que envolvam saúde psíquica e emocional, em contexto escolar com adolescentes. Visto que todos esses assuntos influenciam na

aprendizagem e pode influenciar negativamente a vivência de todos os envolvidos e que demanda intervenção. Sabendo que essas questões geram demandas negativas no setor educacional, se o profissional da educação, não tiver conhecimentos psicanalíticos não poderá saberá dar os devidos encaminhamentos.

Enquanto outro profissional em diferente situação se sairá melhor.

5. UNIVERSO DA PESQUISA

O universo dessa pesquisa será a escola que sempre foi um ambiente de convívio sociocultural, em que é presumível o encontro na diversidade, caracterizado por símbolos, crenças, valores e grande diversidade de culturas. Desse modo, o grande desafio para os educadores, que necessitam descobrir e aplicar algumas estratégias de ensino diversificado que ultrapassem programas, ementas e conteúdo, ou seja, deve empenhar e buscar mecanismos e metodologia que atendem a diversidade cultural dos seus alunos.

Como a educação é um direito fundamental de todos, e que perpassa o desenvolvimento humano por meio do ensino e da aprendizagem, visando sempre desenvolver e potencializar a capacidade intelectual do indivíduo, deve ser associado às formações escolar, familiar e social. Vale ressaltar que a educação não se limita à instrução ou à transmissão de conhecimento, pois compreende o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, aprimorando habilidades e competências.

Emerge a necessidade de uma educação escolar completa, direcionada para a diversidade, que respeite a pluralidade cultural, étnica e religiosa que existe no ambiente escolar, para então compreender e valorizar a complexa realidade dos educandos, no sentido de promover a convivência fraterna, e, portanto, a paz e a justiça social.

O perfil do aluno na atualidade

O perfil dos estudantes de 10 anos atrás e o atual, mudou. Deixou de ser um aluno passivo, que só recebia conteúdo de forma bancária para um aluno crítico e ativo na sua formação. Por isso os docentes precisam utilizar estratégias atualizadas e a formação pedagógica e tão somente, não é suficiente para se relacionar com potenciais e

atuais alunos. As competências desse aluno no século XXI, mostra que a aprendizagem agora é mútua para educadores e educandos. Ter uma boa relação entre essas duas partes tem como base os 4Cs estabelecidos pela National Education Association (é o maior sindicato dos Estados Unidos e que representa professores de escolas públicas e outro pessoal de apoio, professores e funcionários de faculdades e universidades, educadores aposentados e estudantes universitários se preparando para se tornar professores: comunicação, colaboração, criatividade e pensamento crítico. Para que esses alunos se tornem parte da construção do conhecimento, os educadores terão que ser os mediadores nesse processo. É necessário união de esforços e que os dois grupos trabalhem juntos e sejam protagonistas das suas próprias histórias, tragam experiências e conhecimentos variados para dentro da sala de aula. A resposta positiva, por parte dos alunos, é preciso que eles recebam uma comunicação assertiva e tenham o protagonismo no aprendizado, lidem bem com as habilidades socioemocionais durante o conhecimento, e desenvolvam o senso de coletividade.

A relação entre aluno e professores no século XXI é aquela que coloca os dois como centro de toda decisão e une o ensino tradicional e tecnológico na aprendizagem. preciso olhar alunos como ser humanos, onde os alunos são movidos por estímulos.

6. HIPÓTESES

Este estudo tem como objetivo descrever os conflitos que as crianças apresentam na fase escola ao mesmo tempo, verificar se estas apresentariam as características típicas da latência, que é um dos períodos de desenvolvimento psicosssexual da apontado nos estudos de Freud.

De início é preciso entender “O que é latência?” A palavra latência significa o estado daquilo que é latente, que, por sua vez, significa algo que não se vê, que está oculto, ou ainda, que está subentendido, dissimulado. É o tempo que se estabelece, por exemplo, entre um estímulo e uma resposta, sendo ela considerada, antes de qualquer coisa, um intervalo.

Estando o aluno em determinada fase do desenvolvimento psíquico, como as quais Freud estudou e divulgou, pode apresentar algum comportamento atípico ou não condizente com a realidade. Segundo ele, elas são importantes determinantes psíquicas. As fases são:

Fase oral (nascimento a 1 ano): seu ponto de tensão e gratificação é a boca, a língua e lábios inclui o morder e a sucção, que tem início quando o bebê nasce até completar um ano aproximadamente. Seu ponto de estímulo é pela boca (o seu meio de contato com o mundo que a rodeia) e experiência dor, frustração e satisfação através de pulsões orais

Fase anal (1-3 anos): Nesse período a criança, passa a adquirir o controle dos esfíncteres e a zona de maior satisfação é a região do ânus. Ela descobre que pode controlar as fezes que saem de seu interior, oferecendo-as à mãe ora como um presente, ora como algo agressivo e começa a ter noção de higiene e de posse e quer pegar os objetos, tocá-los e ver que aquilo faz fora do limite do seu corpo treinamento dos hábitos de higiene tem um efeito significativo na formação da personalidade, onde pela primeira vez ocorrerá interferência na satisfação de um impulso instintivo da fase anal, que é o prazer erótico da defecação.

Fase fálico edipiana (3-5 anos): Fase em que o de interesse é o genital de, pois há a estimulação e excitação; o pênis é o órgão de interesse de ambos os sexos; masturbação genital é comum; intensa preocupação com ansiedade de castração (temor de perda ou danos aos genitais); inveja do pênis (insatisfação com os próprios genitais e desejo de possuir genitais masculinos), vista em meninas. Nesta fase o Complexo de Édipo é universal. Criança deseja ter relações sexuais e se casar com o membro parental do sexo oposto e, simultaneamente livrar-se do membro do mesmo sexo.

Fase de latência (dos 5-6 anos a 11-12 anos): Estado de relativa inatividade da pulsão sexual, com resolução do complexo de Édipo, pulsões sexuais canalizadas para objetivos mais apropriados socialmente, formação do superego uma das três estruturas psíquicas da mente responsável pelo desenvolvimento moral e ético, incluindo a consciência.

Fase genital (puberdade para adultos): é a última fase da teoria do desenvolvimento psicosexual de Freud e começa na puberdade. É um momento de experimentação sexual adolescente, cuja resolução bem-sucedida é estabelecer um relacionamento amoroso com outra pessoa nos nossos 20 anos. O instinto sexual é direcionado ao prazer obtido através do outro, ao invés do prazer próprio, como no estágio fálico.

Em relação aos desafios psicológicos colocados às crianças em idade escolar, de acordo com Ferreira e Araújo (2001), afirmaram que as crianças precisam superar os conflitos que vinham sendo lentamente elaborados durante as fases anteriores: ligação, controle e identificação. Durante esta etapa, o manejo da frustração, a perda da onipotência e a ligação simbiótica com os pais dão lugar ao interesse pelo mundo e pelo contato com crianças de igualdade ou idade semelhante. Entretanto, nem sempre os conflitos se acomodam tão facilmente e muitas crianças possuem indicação de psicoterapia para auxílio e acompanhamento na elaboração deles.

Este é o período do desenvolvimento menos estudado psicanaliticamente, e menos compreendido, embora corresponda à maior porção da procura para atendimento clínico na infância (López, 2004; Sarnoff, 1995; Urribarri, 1999). Há maior procura por atendimento para crianças nessa fase pode estar ligada ao fato de coincidir com o início da vida escolar e essas dificuldades até então apresentada, contidas pelo ambiente doméstico, mostram-se com mais evidência pela mudança de ambiente e pela separação de um objeto cuidador mais presente.

Segundo Sarnoff (1995), há duas definições de latência comumente utilizadas: latência como uma faixa etária, representando o período que vai dos 6 aos 12 anos de idade; e latência como um estado psicológico. A segunda definição, é o período durante o qual a criança experimenta uma complexa reorganização da estrutura defensiva do ego. Trachtenberg (1991) define a latência como “o período da defesa, da repressão, da dissociação rígida que marca dois mundos: o das crianças, que é o mundo edípico e pré-edípico, colorido de intensas ansiedades paranóides, e o mundo adulto, o das responsabilidades e integrações” (p.44). Não se trata, no entanto, de um estágio universal e encontra-se facultativamente presente, de acordo com questões sociais e culturais (Sarnoff, 1995).

Nessa fase as crianças começam a se relacionam melhor com as pessoas que vão sendo inseridas na sua vida. A criança tem sua sexualidade reprimida ou sublimada, para que então possa se concentrar em outras atividades como jogos, aprendizados, brincadeiras e amizades. É nesse período que as crianças se tornam capazes de identificarem-se com outros, que não seus pais, como colegas de escola, professores, personagens e heróis da ficção, que serão importantes para o desenvolvimento da identidade sexual dessas crianças. E segundo Freud, nesse

período que se desenvolvem atitudes como a vergonha e a moralidade, que serão determinantes no encaminhamento dos desejos sexuais que serão despertados na puberdade.

Algumas hipóteses que possam estar favorecendo implicações escolares e que ocorrem no período de latência. A primeira delas é o recalque, que seria uma defesa que o sujeito encontra para um impulso instintual, tentando livrar-se do que pode lhe causar angústia, tornando-o inoperante. A segunda, a transferência professor-aluno, necessária para que haja aprendizagem. E por último a demanda família-escola, as quais depositam muitas expectativas na criança, como por exemplo, bom comportamento, boas notas, boa interação com os colegas, tudo isso, para que, no futuro tenha uma boa condição de vida. Essa cobrança para ser alguém importante, com uma boa situação financeira, pode ser justamente o motivo das implicações na aprendizagem da criança, pois além de pressionar, fazem com que a criança se sinta “presa” aos desejos do “Outro”, deixando de lado os seus próprios desejos. Então, o sujeito fracassa, como forma de denunciar essa cadeia/prisão.

7. REFERENCIAL TEÓRICO

A mais famosa das teorias do desenvolvimento cognitivo foi desenvolvida pelo biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Segundo ele, o aprendizado seria construído pela criança durante sua relação com objetos e pessoas. Essa ideia é a base da teoria chamada construtivismo. Onde cada nova descoberta seria assimilada e acomodada junto ao que a criança já conhecia do mundo, tornando-o cada vez mais amplo, até que as relações se formam e as coisas começam a fazer sentido na cabeça da criança. E as ferramentas mentais que serão utilizadas para essa construção mudam conforme a faixa etária e conforme o ambiente e os estímulos. Por esse entendimento, o desenvolvimento cognitivo começa a se desenvolver no nascimento e se divide em 4 estágios principais: sensorial, simbólico, concreto e formal. Dependendo de qual fase a criança de encontra, a resposta ao ambiente será uma.

Henry Wallon e a Teoria da Afetividade, questiona a qualquer forma de ensino que não leve em consideração a questão afetiva, social e política da educação, onde “todas as crianças, sejam quais forem suas origens familiares, sociais, étnicas, tem direito igual ao desenvolvimento máximo que sua personalidade comporta. Elas não devem

ter outra limitação além de suas aptidões” (LAKOMY, 2003 p. 60). Nesse sentido, a aprendizagem deveria ser imbuída de interações sociais, trocas e formação de vínculos, intermediados pela compreensão do papel da afetividade e suas implicações. Isso pressupõe uma educação orientada para o desenvolvimento afetivo, social e intelectual de forma integrada, capaz criar mecanismos de compreensão, aceitação, negação, assimilação ou administração das sensações e sentimentos desencadeados. Para ele, os professores e alunos são mutuamente afetados no processo de formação, onde desenvolvimento cognitivo é, também, ampliação dos afetos e da capacidade de expressar sentimentos. O desafio do afeto é compartilhado entre todos os sujeitos, no ambiente escolar.

Para Lev Vygotsky, a formação da criança se dá numa relação direta entre o sujeito e a sociedade a seu redor – ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Mais tarde, essa teoria passou a ser conhecida como socioconstrutivismo ou sociointeracionismo.

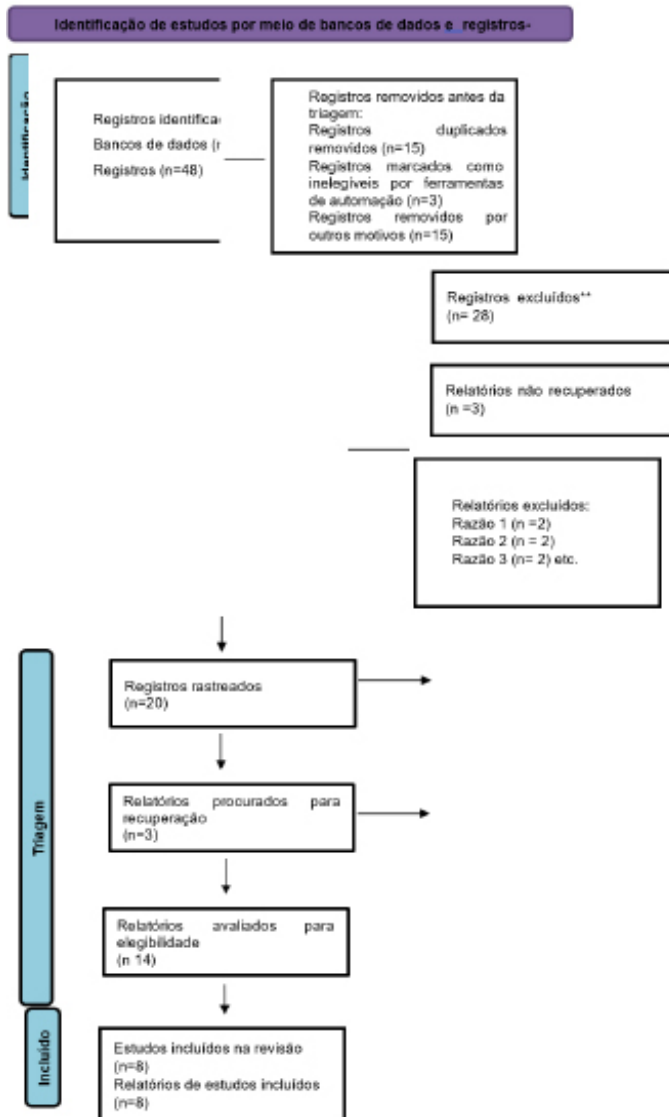
Para FREUD (1976), que é o maior representante dos estudos da psicanálise de todos os tempos, a aquisição do conhecimento depende da relação professor-aluno. Que ganha destaque no período da latência quando os professores tomam o lugar dos pais. Os sentimentos provenientes da resolução edípica, que eram dirigidos aos pais, pertencerão agora aos professores. Assim, a partir desse investimento afetivo, os professores se beneficiarão da influência que o pai exercia sobre a criança e poderão desse modo, contribuir para a formação do Ego ideal dessa criança. O professor precisa compreender o seu papel, de maneira a despir-se da postura autoritária de dono do saber e da verdade.

Em relação entre psicanálise e educação, é sabido que Freud não desenvolveu nenhuma teoria educacional, nenhuma reflexão mais ou menos sistemática sobre os fins e meios da educação e não propôs nenhuma meta ou patamar de desenvolvimento, padrão de comportamento ou nível de performance, a serem atingidos pelas crianças graças a determinadas intervenções adultas, porém com toda a gama de informações postuladas por esse importante teórico, pode-se ter embasamento para lidar com todas as questões eminente nesse ambiente.

8. PROCEDIMENTO

Através dos artigos pesquisados em alguns sites, tais como, o Google Acadêmico, SCIELO, Academia.edu, Portal Capes, mostrou que muitos conflitos e dificuldades existentes no ambiente escolar, poderiam estar relacionados ou ter uma ligação com a fase de latência.

9. FLUXOGRAMA



Foram encontrados 48 artigos em 5 (cinco) bancos de dados, sendo eles, SCIELO, PEPSIC (Periódico Eletrônico de Psicologia), no site de psicanálise (<https://www.psicanaliseclinica.com>), o Google Acadêmico, Academia.ed e o Portal Capes.

Dos 48 (quarenta e oito) artigos encontrados e que foram identificados como possíveis potenciais, por apresentarem possibilidades de pesquisas, de início, destes 20 (vinte) foram rastreados, 28 (vinte e oito) excluídos por não apresentarem coerência com a nossa ideia de trabalho. Desses excluídos, tentou-se recuperar 3 (três), porém não houve sucesso. Dos artigos rastreados restaram 14 (quatorze) que eram artigos que apresentavam assuntos e que mencionavam a psicanálise e da educação, mesmo assim no final só 8 (oito) foram capazes de oferecer subsídios para o nosso artigo.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os conflitos que existem nos ambientes escolares, faz-se necessário um amplo conhecimento da psicanálise por parte do corpo docente.

Esse artigo deixou claro, também, que não é tarefa do professor ser terapeuta e sim aquele profissional que transfere o que sabe e que vive num processo chamado transferência, onde, segundo Freud em suas contribuições da psicanálise, aponta que o professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial, quer dizer que a aprendizagem não está focada somente nos conteúdos, mas, na questão que se impõe entre professor e aluno, e isso pode estimular ou não o aprendizado. A transferência faz com que o aluno se volte para a figura do professor, se tornando para o aluno, “aquele que sabe como ensiná-lo”. Sendo a noção de transferência fundamental e útil na relação professor e aluno, pois contribui para a constituição e no protagonismo do sujeito.

Mostrou que a fase da latência coincide com entrada da criança na escola e que essa fase em algumas crianças pode apresentar conflitos, sendo eles responsáveis por algumas questões, como a dificuldade de aprendizagem e a indisciplina, e que segundo Freud, a relativa inatividade da pulsão sexual e com a resolução do complexo de Édipo, as pulsões sexuais são canalizadas para objetivos mais apropriados socialmente. E a formação do superego, uma das três estruturas psíquicas da mente são responsáveis pelo desenvolvimento moral e ético,

incluindo a consciência.

11. REFERÊNCIA

Educação terapêutica: o que a psicanálise pode pedir à educação.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571281997000200006#:~:text=Pode%2Dse%20dizer%20que%20h%C3%A1,a%20op%20era%C3%A7%C3%A3o%20educativa%20propriamente%20dita>. Acesso em: 10/06/2023.

Influências de Freud – Educação e Psicanálise.

Disponível em <<https://www.psicanaliseclinica.com/educacao-psicanalise-influenciapedagogia/#:~:text=A%20Psican%C3%A1lise%20pode%20contribuir%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20educador,-A%20escola%20e&text=O%20aluno%20se%20encontra%20numa,-forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 10/06/2023.

Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno.

Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n39/n39a03.pdf>>. Acesso em: 10/06/2023.

Educação terapêutica: o que a psicanálise pode pedir à educação.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571281997000200006#:~:text=Pode%2Dse%20dizer%20que%20h%C3%A1,a%20op%20era%C3%A7%C3%A3o%20educativa%20propriamente%20dita>. Acesso em: 10/06/2023.

Influências de Freud – Educação e Psicanálise.

Disponível em <<https://www.psicanaliseclinica.com/educacao-psicanalise-influencia-pedagogia/#:~:text=A%20Psican%C3%A1lise%20pode%20contribuir%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20educador,%20escola%20e&text=O%20aluno%20se%20encontra%20numa,forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 10/06/2023.

Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/BkTZcG7YGLqZSxbb6C5yLNG/?lang=pt>> Acesso em: 10/06/2023.

Contribuições do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Educação: a articulação psicanálise e educação e o significado de aluno-sujeito. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/TnLnjmqjGNPJfr-XwHDDM3d/?format=html&lang=pt>>. Acesso em 10/06/2023

Educação, psicanálise e sociedade: possibilidades de uma relação crítica. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/c5fjBY7qnT-CswQR9zp3rrwt/?lang=pt>>. Acesso em: 10/06/2023.

Capítulo 4

CONTRIBUIÇÃO DA PSIQUIATRIA INFANTIL PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: REVISÃO DE LITERATURA

SANTOS, Herivelton Martinelli¹

1 INTRODUÇÃO

A humanidade é um todo em evolução, com diferentes necessidades e adaptações durante a vida de cada ser humano. Ingressar na escola e construir relações sociais e buscar o letramento em língua materna e matemática é um desafio para qualquer criança, que precisa vencer seus próprios desafios para estar aberta e resiliente emocionalmente, para conseguir vencer o desafio de simplesmente viver.

Para a criança com necessidades especiais (com transtornos psiquiátricos ou não), ingressar na escola regular, mesmo por meio da inclusão é um desafio imenso. Ela não está ali apenas para ser alfabetizada, se possível, ou para garantir que conseguirá praticar os autocuidados, é preciso garantir que todas as possibilidades em cidadania, sejam a ela garantida.

Este artigo tem como objetivo buscar as contribuições e considerações dos autores a respeito da importância da psiquiatria infantil para a educação especial inclusiva nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para validar os objetivos acima listados será feito uma revisão de literatura dos transtornos psiquiátricos na infância e sua evolução, a vinculação da psiquiatria infantil com a psicologia e a pedagogia, também a educação especial e inclusiva, e as contribuições da psiquiatria infantil para a educação especial inclusiva.

¹ Bacharel em Serviço Social UFF, Especialista em Educação Infantil e Serviço Social. Mestrando pela Universidade Ibirapuera.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é prática social, coletiva, atividade educativa, deve ser um processo libertador e criador, pois traz consigo a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Para Petri (2005) a pesquisa tem um sentido mais amplo como uma atividade humana, forma de trabalho, no sentido de capacitar o homem a ser agente do próprio desenvolvimento e do desenvolvimento dos outros, produzindo um conhecimento sobre a realidade natural e social.

Fonseca (2002) explicita algumas características principais de uma pesquisa qualitativa, nas quais se embasam também este trabalho:

“Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados”. Fonseca (2002)

Para este estudo optou-se pela revisão bibliográfica de estudos referentes transtornos psiquiátricos na infância e sua evolução, a vinculação da psiquiatria infantil com a psicologia e a pedagogia, também a educação especial e inclusiva, e as contribuições da psiquiatria infantil para a educação especial inclusiva nos anos iniciais do ensino fundamental.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS NA INFÂNCIA

Bernardino (2017) nos lembra que quando nasce um bebê, ele enfrenta um grande desafio, ajustar as demandas biológicas à construção de seus símbolos, suas interpretações de mundo, e a formação do EU psíquico. O que faz com que ele fique feliz com a mãe que o alimenta, e não fique com alguma outra pessoa que o aperta ao abraçar, por exemplo, Lacan chama isso de conceito inconsciente, onde iniciam-se os relacionamentos interpessoais, e inicia-se a sincronia entre

o desenvolvimento biológico e o psicossocial.

D'Abreu (2012) revisou autores para registro da dificuldade do diagnóstico psiquiátrico em crianças. O autor anota que a dificuldade já se encontra na quantidade menor de registros científicos dos diagnósticos de crianças e jovens em relação ao diagnóstico dos adultos. Também a dificuldade do próprio diagnóstico em si, devido a sobreposição de sintomas, e testes pouco conclusivos. Devido aos aspectos subjetivos dos testes, finalizando com profissionais rotulando as crianças, mas não diagnosticando de fato, respaldo encontrado em Bird e Duarte (2002).

D'Abreu (2012) citando Papolos e Papolos (2002) também registra as mudanças de comportamentos pelas faixas etárias, no não controle dos impulsos, dificuldade em tolerar as frustrações, dificuldade em manter a atenção, em lidar com os medos, dificuldade de fala em crianças menores. Estas dificuldades, quando mantidas durante o desenvolvimento são sinais de problemas mais complexos que devem ser investigados.

O autor ainda cita estudos americanos e brasileiros onde temos o registro comparativo entre os diagnósticos adultos e infantis e suas dificuldades metodológicas em cada faixa etária aplicando os testes de RUTTER, DISC, DSM-III-R, CBCL, SQD, DAWBA², onde foram registrados variações metodológicas para transtornos afetivos, esquizofrenia, transtornos disruptivos (oposional e de conduta), deficit de atenção, hiperatividade, com ou sem as comorbidades de depressão ou ansiedade.

D'Abreu (2012) anota que em crianças os transtornos psiquiátricos são internalizantes ou externalizantes, sendo que os internalizantes englobam os transtornos de ansiedade e de humor. São caracterizados por dor intensa, medo irracional, depressão, tristeza, baixa autoestima, ansiedade de separação, ansiedade generalizada, estresse pós-traumático, transtornos obsessivos compulsivos, distímia, bipolaridade e ideação suicida.

Crianças com transtornos externalizantes, são descritas por D'Abreu (2012) como portadoras de comportamentos desafiadores, desobedientes, hostis, agressivos, mentirosas, antissocial, impulsivos, desatentos, normalmente portadoras de deficit de atenção, hiperativi-

2 Testes para diagnósticos - RUTTER (questionário de personalidade), DISC (Dominância, Influência, Estabilidade, Cautela), DSM-III-R (Manual de Diagnostico e Estatística das Doenças Mentais), CBCL (comportamento e competência social), SQD (questionário de dificuldades e capacidades), DAWBA (diagnostico e indicadores de saúde mental)

dade. D'Abreu (2012) registra Hinshaw (1992), quando fala da dificuldade de tratamento dos transtornos externalizantes sob os internalizantes.

I. D'Abreu (2012) registra que a dificuldade de diagnóstico, afasta as crianças de tratamentos mais adequados, evoluindo para situações mais graves como uso de medicações psicotrópicas, abuso de drogas e álcool, sociopatias, comportamentos de riscos, problemas na escola, tendência ao suicídio, com graves impactos na vida social, familiar, educacional e na profissional.

MACHADO et al (2015) ao publicarem o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) DSM-5 , manual obrigatório para os transtornos psicomotores divide o diagnóstico clínico deverá ser efetivado sob a ótica dos 3 eixos, sendo que:

- a) eixo I - síndrome clínica,
- b) eixo II transtornos de personalidade,
- c) eixo III condições médicas gerais.

A publicação é organizada nos capítulos temáticos como transtorno do desenvolvimento, transtornos de esquizofrenia e psicóticos, transtornos bipolares, transtornos depressivos e de ansiedade, transtornos obsessivos compulsivos, transtornos relacionados a trauma e estresse, transtornos dissociativos, transtornos somáticos, transtornos alimentares, transtornos de eliminação, transtornos de sono-vigília, transtornos/disfunções sexuais, transtornos/distrofia de gênero, transtornos disruptivo/controlado de impulsos, transtornos aditivos, transtornos neurocognitivos, transtornos de personalidade, transtornos causados por medicamentos ou efeitos adversos e outras condições que causem transtornos psíquicos.

Os autores definem a idade mínima para a aplicação dos testes iniciais e formulação do diagnóstico a idade escolar, onde já esteja se apresentando leitura imprecisa ou lenta, dificuldade de compreensão da leitura, dificuldade de escrita/ortografia, dificuldade ou pouco raciocínio matemático.

O exposto fica evidente na seção III do DSM-5, onde são passadas orientações para pais, tutores e profissionais para crianças e adolescentes de 6 a 17 anos (amplo) e medidas específicas para adolescen-

tes de 11 a 17 anos, com seus quadros de fobia. Bem como o quadro de medidas de gravidade em cada diagnóstico e acompanhamento, que deve ser continuado até o final da adolescência.

Dentro destas considerações os autores reconhecem os transtornos de neurodesenvolvimento (crianças com características fisiopatológicas específicas associado a atraso da maturação cortical) que são bases de retardo mental e transtornos do espectro autista TEA (menor, moderada, maior), com um capítulo específico, com divisões em déficits de comunicação e interação social associados a comportamentos, interesses e atividades restritas ou repetitivas.

No Capítulo, que trata do Transtorno Desafiante Opositor TDO, MACHADO et al (2015), onde os sintomas de humor irritado/irritável, comportamento argumentativo/desafiante e comportamento vingativo se apresentam, os registros já mostram estes comportamentos em crianças de 5 anos de idade. Registram que a duração média dos comportamentos é de 6 meses, que passando deste período, as crianças já devem ser observadas com olhar profissional pois são indicadores de gravidade em transtornos mentais.

O capítulo que trata de transtornos relacionados a traumas e estressores MACHADO et al (2015) dividiram em transtorno de apego reativo, transtorno de interação social desinibida, estresse pós-traumático, transtorno do estresse agudo e transtornos do ajustamento. Em expresse pós-traumático, os autores montaram uma tabela de critérios de diagnóstico para crianças de até 6 anos, e quatro fases, a saber:

Fase A – exposição pessoal ou testemunho (com cuidadores primários – pessoas próximas) de morte real ou ameaça, lesões graves, violência sexual

Fase B – presença de memórias recorrentes e angustiantes relacionadas a algum evento, sonhos aflitivos, reações dissociativas e angústia com revisões do evento traumático,

Fase C – sintomas de esquiva persistente das atividades, de pessoas ou eventos, cognições negativas associadas – medo, vergonha, recusa em participar de eventos, associações

Fase D – Alterações da excitação e reatividade: irritabilidade, explosões de raiva sem motivação, hipervigilância, dificuldade de concentração, perturbações de sono. Machado et al (2015)

MACHADO et al (2015) também destacam a importância de diagnóstico da Síndrome da Psicose Atenuada, que apresenta como sintomas delírios, alucinações, discurso desorganizado, com apresen-

tação frequente, com sofrimento ou prejuízo de atividades, com necessidade de atendimento médico emergencial nas demais especialidades médicas.

3.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA BRASILEIRA

A educação inclusiva tem suas bases da declaração de Salamanca em 1994, a saber:

(...) O princípio da inclusão consiste no reconhecimento de necessidade de se caminhar rumo à escola para todos, um lugar que inclua todos os alunos celebre as diferenças, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais (UNESCO,1994,p.03).

E no artigo 22, da Lei de Diretrizes e Bases:

Entende-se por educação especial, para os efeitos dessa lei, a modalidade de educação escolar, oferecida na escola regular de ensino para educandos com necessidades especiais. (...) A oferta de educação especial dever educacional do Estado, tem início na faixa etária de 0 a seis anos, durante a educação infantil.(BRASIL, 1994)

Mesmo garantido via legislação, o direito à inclusão esteve sempre ligado a instituições especializadas, mas isto mudou em 2015 com a promulgação da Lei da Inclusão 13146, que estabeleceu normas e condutas a serem respeitadas por instituições públicas e privadas, no sentido da não recusa das matrículas de alunos especiais.

Com base nos dados do PNE (2018), a educação inclusiva na faixa etária dos 04 aos 17 anos teve aumento de 84% em classes comuns, enquanto o aumento de matrículas nas classes exclusivas foi de 16%. Estes números refletem a busca pela inclusão na rede normal de ensino. Estes mesmos 16% foram encontrados quando analisadas as matrículas de alunos especiais no ensino médio regular em classes não especializadas.

Atender os alunos especiais colocou a escola formal em cheque, pela falta de recursos e de acessibilidade, mas também a falta de qualificação dos professores. O conjunto da falta de recursos físicos, financeiros e humanos, deixa de fazer da escola um lugar atrativo. O aluno que entra percebe que seus esforços não são recompensados, percebe que as barreiras existem e ainda continuam intransponíveis e desiste

de continuar os estudos, aumentando o número de evasão escolar. Situação também apontada por Aporta e Lacerda (2018) com base nos dados do Censo Escolar de 2014.

A inclusão e como deve ser tratada a acessibilidade na Educação é orientada através da Convenção dos Direitos das pessoas com Deficiência, em suas páginas 83 a 85, o restante do documento trata de direitos e garantias em saúde, mobilidade, aparelhos, equipamentos e acesso à cidadania de modo pleno e completo.

O processo de inclusão depende de toda a comunidade escolar, posição defendida por Aporta e Lacerda (2018) onde afirmam que cada um cumprir seu papel, transformando paradigmas em ações práticas e efetivas. A Educação Inclusiva, já há muito praticada nas Escolas Especializadas, agora foi atribuída como função também da Escola Pública formal, com a Lei 13. 146 a lei da Inclusão. Educação é um processo, e por conta deste processo muitos alunos estão trilhando seus caminhos de aprendizagem e de adaptação.

Incluir o aluno seja ele portador de alguma deficiência, ou mesmo alunos com dificuldades de aprendizagem, não é somente deixar que ele frequente as aulas e interaja de alguma forma com os colegas, não se preocupando com o aprendizado, não se preocupando em estimular o desenvolvimento de competências que serão cobradas pela sociedade.

Aporta e Lacerda (2018) registram que o professor, principalmente o professor de educação inclusiva, deve partir do pressuposto que se deve ensinar tudo a todos, mas não ensinar tudo da mesma forma a todos, nem avaliar a todos tendo em mente os mesmos objetivos e metas. Todos os alunos precisam ter suas perspectivas socioculturais respeitadas e resgatadas, respeitando o tempo e a forma de aquisição de cada um, posição também defendida por Ternowski e Fillos (2013).

Os autores defendem que a inclusão para alunos com dificuldades de aprendizagem, mas sem estarem ligados a uma especialidade da saúde, alunos atrasados nos conteúdos, que de tanto ficaram para trás acabam caindo nos números da exclusão escolar.

Ternowski e Fillos (2013), ainda relatam acompanhamento escolar por 6 meses em sala especial em contra turno com alunos especiais e alunos com dificuldade/atraso de aprendizagem, reforçando os conteúdos passados e fazendo a ligação com os atuais, através de jogo e filmes.

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSIQUIATRIA INFANTIL PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Alcântara (2019) anota os primeiros registros da debilidade enquanto patologia mental por Ernest Dupré 1909 - distúrbio da inteligência e não patologia funcional, sem comprometimento orgânico, onde o foco era a origem e causa da doença, e a associação entre a psiquiatria e a pedagogia. Esta linha de pesquisa sofre mudança de olhares com os estudos de Binet e Simon, segundo a autora, pois estes começam a registrar a aplicação de testes de inteligência.

Alcântara (2019) ao visitar Santigado (2005) destaca que até o início do século XIX não havia registros de publicações sobre práticas pedagógicas específicas para a deficiência mental, mas planos médicos com orientações pedagógicas, dentro do método experimental. Santiago (2005) observa este registro como uma tendência humanista dentro da psiquiatria, em busca da liberdade e do potencial humano, deixando de lado o conceito da natureza humana estável, e valores intrínsecos naturais inerentes ao homem.

Alcântara (2019) anota a mudança de postura do século XX, através da incorporação do deficit cognitivo à debilidade mental, dentro do contexto da psicologia emergente. A debilidade passa a incorporar o diagnóstico do aluno com distúrbios e dificuldades de aprendizagem, e toda a problemática de desempenho escolar.

Alcântara (2019) marca o registro do termo idiotismo (Philippe Pinel) a debilidade mental, tratando este conjunto como uma alienação mental, onde poderia existir a ausência de atividade intelectual (impossibilidade de educação) e os distúrbios (que permitiam a educação parcial). Educação aqui entendida como normas de comportamento e alfabetização em língua materna e matemática.

A educabilidade da criança psiquiátrica, parte do encontro da psiquiatria moderna com a pedagogia e a psicologia emergente. A urgência em se escolarizar, também trouxe a urgência em se classificar a criança. Dentro desta nova premissa Alcântara (2019), destaca novamente os trabalhos de Binet e Simon, com a obrigatoriedade dos pais em escolarizar os filhos, a ineducabilidade é associada a falta de inteligência, a classificação das crianças nesta condição com retardo mental, o aperfeiçoamento da psiquiatria infantil e da pedagogia, na busca de novas metodologias.

Alcântara (2019) ainda nos estudos de Binet e Simon, anota que

através dos testes começam a conseguir diferenciar crianças débeis, de normais com dificuldades e as disléxicas, também a diferenciação de falsos verdadeiros, onde os verdadeiros estão ligados também a problemas orgânicos, e os falsos a conflitos psíquicos.

Vasques (2007,2009) apoia-se na psiquiatria freudiana para justificar o olhar da psiquiatria infantil para as metodologias de educação inclusiva e integradora. Também na visitação de Lacan nas obras de Freud quando se apresenta a interlocução entre as transformações históricas do mundo moderno em seus aspectos sociais, tecnológicos, políticos.

A loucura e o sofrimento psíquico, segundo Vasques (2007,2009), visitando Freud e Lacan, deixam de ser interpretados como erro e falha, as a interpretação de uma pessoa e sua própria verdade, frente a diversidade de sintomas que podem ser apresentados e sua classificação pela DSM-5, ou equivalente.

Vasques (2007,2009), Santos e Barros (2021) defendem que a criança é um sujeito em formação, com potenciais variados, e a escolarização faz parte de construção do EU IDEAL, frente ao EU REAL, e a própria reflexão sobre esta construção. O autor, ainda busca do entendimento da questão QUANDO NASCE O ALUNO? O aluno nasce muito antes da escola, mas ali e aprimorado, moldado, das escolhas de pais, gestores e professores.

Souza (2021) reconhece a dificuldade em se discutir a saúde mental da criança, por ser um tema amplo, complexo e multifacetado, principalmente em nossa sociedade atual, onde geralmente pais e mães trabalham, deixando as crianças com familiares próximos ou organizações escolares, e a possibilidade de potencialização de dificuldades em se lidar com emoções e sentimentos, acarretando problemas ou potencializando situações psicológicas, sociais e cognitivas.

O autor, ao reconhecer a dinâmica diferenciada da saúde mental infantil no contexto atual, fala da importância dos professores em além de serem facilitadores de aprendizagem, serem “fiscais” da saúde e integridade dos mesmos. Reconhece a grande quantidade de situações que podem inferir sofrimento a criança, sem que ela esteja apta a ser resiliente, e a importância da família no processo de cuidado e recuperação, onde ele existir.

Ao reconhecer que a criança adoecida mentalmente (temporário ou permanente), não possui as premissas para a construção da relação de ensino-aprendizagem, Souza (2021) fala na necessidade de ações de

promoção da saúde mental na escola, buscando ações de prevenção, melhorando a identificação precoce e a referência. Souza (2021) traz um capítulo sobre bullying, que não trataremos neste artigo, mas merece um olhar diferenciado, dentro da saúde mental em contexto escolar.

Mantoan(1997,2003) ao relacionar psicologia, psicanálise e pedagogia, com foco nas deficiências entende a “falta de desejo por aprender”, como déficit real, que “ocorreria por lesão orgânica - como causa primordial” que limitaria as trocas entre o sujeito e o meio, incluso aqui a construção da relação de ensino aprendizagem com o professor.

Vasques (2007,2009), Santos e Barros (2021) defendem que em educação especial, cada aluno é realmente único, e que é preciso buscar estratégias que serão personalizadas, e não poderão ser utilizadas para outro aluno. Que é preciso deixar de lado a reivindicação da igualdade e da massificação da educação, pois em educação especial não ha normalidade, ou neutralidade. Ha a aceitação da diferença e sua alteridade, em seu processo lento, trabalhoso e contínuo em todas as esferas (pessoal, social, interpessoal).

Alcântara (2019) ao estudar os processos de constituição da criança com deficiência intelectual na educação infantil, já na introdução registra sua preocupação com que a superficialidade com que o tema e tratado entre os autores, e na diferença de tratamento entre a linha psicanalítica freudiana e lacaniana, mesmo sendo está mais inter-relacionada com a Linguística, a Antropologia e a Filosofia. A autora busca desvendar a “criança-problema” e transformá-la em “criança-enigma”, deixando aberto um leque de oportunidades a serem testadas e experimentadas, tanto na psicanálise, psicologia, intermediadas pela pedagogia e pela medicina em busca de pontes para falas de “impossível saber, impossível controlar, impossível de educar”.

Alcântara (2019) defende que a escola precisa defender a constituição do sujeito a frente de sua missão social de formação de cidadãos. Para crianças em condições psiquiátricas há de se confrontar a formação do sujeito e as velhas fórmulas institucionais, que hoje estão em discussão.

Neste contexto, a autora fala do pedido da escola que as crianças estejam “laudadas”, exigindo diagnósticos e explicações de comportamentos, que podem ou não demandar educação inclusiva, diminuindo a angústia a respeito de respostas e de classificação dos pequenos entre

o aluno idealizado, e as reais necessidades daquela criança.

Alcântara (2019) fala sobre a distanciação da escola dos reais desejos das crianças, da experimentação e da criatividade em prol de uma alienação e manutenção das engrenagens de subjetivação, e da realidade objetiva da complexa rede de relações e inter-relações entre os problemas reais e os idealizados pela escola e pela família para a criança.

Alcântara (2019) fala reforça a necessidade de se abandonar o estigma de que criança com transtorno psiquiátrico “não aprende”, pois ela não tem capacidade de desejar, condenando a criança a objetivação de si mesma, e abandonando-a a constituição do seu EU, completamente sozinha.

A autora entende que ao abandonar a criança, a escola abre espaço para o fracasso escolar, evasão, para indisciplina, para reprovações, ainda mais nas instituições onde o ensino é mercantilizado, comercializado, pois realmente o aluno psiquiátrico “não se encaixa”.

Nacinovic e Rodrigues (2020) ao estudarem a medicalização dos alunos de educação especial e inclusiva, abordam o tema sobre medicalização cada vez mais cedo das crianças, com psicofármacos cada vez mais fortes. Os autores falam sobre o aumento da busca de soluções farmacológicas para problemas não biológicos. A automatização de “laudos” para problemas de relacionamento social, relacionamento com as tecnologias, com os afetos e desafetos, chegando a ponto de fornecer um laudo de autista, para uma criança cega.

Dentro da premissa de ensino mercantilizado, citado por Alcântara (2019), Souza (2021), Santana, Teixeira (2021) traz-nos as escolhas psicopedagógicas das organizações escolares. O autor anota que muitas escolas, ao perceberem os problemas psicopedagógicos, buscam caminhos que causam mais sofrimento psíquico a criança, que não consegue adaptar-se a proposta metodológica da organização, bem como a “patologização imposta”, chamando as crianças de desatentos, preguiçosos, ou já classificando a criança em patologias sem análise profissional. Situação muito perigosa, para a qual os pais ou familiares mais próximos à escola, devem estar atentos.

3.4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Salgado (2012) fala do despreparo dos professores e equipe em atender crianças com comorbidades psiquiátricas e a confusão entre

os papéis da família e da escola no amparo destas crianças.

O tecnicismo do mundo moderno promove o movimento de que a informação precisa estar disponível, inclusive a morte, informações que às crianças ficam expostas sem poder de processamento e entendimento. E a incansável busca por certezas e objetivos pré-estabelecidos sem reflexões e com pouca ou nenhuma flexibilidade. O autor aponta que o adulto não pode castrar a criança na busca do seu Eu Pessoal, e que a relação de ensino-aprendizagem é entendida na psiquiatria freudiana como um ato relacional.

Salgado (2012) recomenda que os pais devem buscar a escola mais adequada, de forma a assegurar que esta possua os profissionais mais adequados ao oferecimento da educação especial dentro das necessidades da criança. Que a escola e os professores devem acolher crianças com distúrbios psíquicos em seus variados graus, respeitando as individualidades, e aceitar as incertezas do processo de ensinar e aprender, olhando para o sujeito em construção e todas as suas dificuldades e peculiaridades. Também que o professor seja pesquisador, buscador de uma visão mais ampla de mundo, de inovações e tecnologias.

Simiano e Vasques (2017) falam em escuta sensível e a flexibilização dos processos e metodologias para a formatação de atividades e avaliações em educação especial, e como a documentação pedagógica e importante para os registros de significado e construção da identidade da criança, como um “diário com duas vozes”.

Souza (2021), Santana, Teixeira (2021) recomendam que o professor de educação infantil tenha olhar capacitado para ver e agilidade para adaptar seu roteiro pedagógico às necessidades de seu público-alvo, trabalhando de forma a promover a saúde mental dos alunos, pelos quais está responsável.

Este rol de conduta, mostra-se necessário, devido à quantidade de horas que está em contato com a criança, que pode ser maior, que os pais ou responsáveis, tem com ela.

Souza (2021) fala de estar atentos a comportamentos de isolamento/afastamento das outras crianças, sinais de ansiedade, depressão, estresse que estejam prejudicando o desenvolvimento escolar de modo imediato. Que olhar o sofrimento da criança, e não classificá-la como aluno problema, como “aquele que não se encaixa”, é uma maneira simplista de abandonar a criança a sua própria sorte, sem que ela esteja apta a se defender sozinha.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo buscar as contribuições e considerações dos autores a respeito da importância da psiquiatria infantil para a educação especial inclusiva nos anos iniciais do ensino fundamental. Isto foi feito através de uma revisão de literatura a respeito dos transtornos psiquiátricos na infância e sua evolução, sua vinculação com a psiquiatria infantil com a psicologia e a pedagogia. Também a educação especial e inclusiva e as contribuições da psiquiatria infantil para a educação inclusiva nos anos iniciais do ensino fundamental.

Aqui cabe o registro de qual desafiador for o tema, que me fez sair de minha zona de conforto e confrontar barreiras e pré-conceitos pessoais sobre a temática. A pesquisa em si, colocou-me diante de dificuldade de fechar o foco da pesquisa, e os textos me levaram a possibilidades variadas, selecionar e montar um roteiro tornou-se meu desafio pessoal.

Para pensar a psiquiatria infantil, mesmo diante da base biológica, e necessário ter mente aberta, e não deixar que os pais apressem o processo de diagnóstico antes da idade correta, isso pode perceber, que leva anos. O tempo corre em velocidade inversa nestes casos, classificar a criança é colocá-la diante de ainda mais sofrimento.

Diante dos estudos, compreendo que diante de uma criança com questões em saúde mental no ambiente escolar, é preciso primeiro entender que É UMA CRIANÇA, com desejos, necessidades e sim, dificuldades, muitas dificuldades, que podem se transformar num primeiro momento em muros intransponíveis, mas que na realidade, não são.

Chocante o aumento das estatísticas das crianças controladas via medicamento, algumas com laudo, outras com somente a avaliação de um profissional. Não estou aqui julgando o conhecimento alheio, mas a rapidez com que os laudos são emitidos. Muitas vezes, sem ouvir outros profissionais, que poderiam contribuir para um diagnóstico efetivo. Como profissional me incomodou saber do laudo de autista para a criança cega. De certa forma, entendo os pais, que são pressionados a buscar uma resposta, mas será que o preto no branco, sem olhar as cores, é suficiente?

Também é preciso estarmos atentos aos detalhes de cada necessidade, e buscar soluções para com elas, planejando com base nas expectativas de aprendizagem de cada uma de forma mais adequada possível. Não basta somente possuir a teoria, a prática exige empenho,

paciência e insistência até atingir o potencial desejado.

Faz-se necessário o acolhimento e levantamento das áreas que devem ser estimuladas, incrementando o processo na medida em que ela se desenvolver. Vários autores definem a aprendizagem como um processo no qual a criança vai amadurecendo e consolidando seus conceitos de acordo com seu ritmo de desenvolvimento, por isso todas as especialidades médicas, psiquiátricas e pedagógicas devem ser colocadas a disposição da criança e da família.

A escola regular dentro de suas atribuições deve buscar mecanismos, metodologias, articulações com outros órgãos e especialidades para proporcionar ao aluno com necessidades especiais, ambiente adequado ao aprendizado e a manutenção da saúde mental, sem o tormento de um diagnóstico equivocado, assegurando uma infância saudável e cidadã.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Juliana Nascimento. **Processos de constituição da criança com deficiência intelectual na educação infantil**. Dissertação. São Cristóvão: UFSE, 2019.

APORTA, Ana Paula. LACERDA, Cristina B Feitosa. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Bauru: UNESP/FE, v.24, n1, 2018.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. O não decidido da estrutura na infância e a questão do diagnóstico. . In Vasques, Carla Karnoppi. Moschen, Simone Zanon (Orgs.). **Psicanálise, educação especial e formação de professores construções em rasuras** [e-book]. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2017.

BRASIL **Lei 13.005/2014**: institui a política nacional de educação PNE para o decênio 2014-2024. Brasília Congresso Nacional, 2014.

BRASIL **Lei 13.146/2015**: Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília Congresso Nacional, 2015.

BRASIL. **Decreto 7611/2011**: Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2011.

D'Abreu, Lylla Cysne Frota. O desafio do diagnóstico psiquiátrico na criança. **Contextos Clínicos**. v 5, n 1, 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.51.01> . Acessado em 31/05/2023

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

KNAPP, Paulo. BECK, Aaron T. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, Associação Brasileira de Psiquiatria, v.30, n.2, 2008.

MACHADO, JD. CAYE, A. FRICK, PJ. ROHDE, L. **DSM-5** Principais mudanças nos transtornos de crianças e adolescentes. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar o que é? como fazer?** Rio de Janeiro: Moderna, 2003.

MANTOAN, M.T.E. **Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual**. Rio de Janeiro: Moderna, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO MEC. **Decreto 10172/2001**: Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Brasília: MEC, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO MEC. **Decreto 10502/2020**: Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Brasília: MEC, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO MEC. **Decreto 7611/2011**: dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado. Brasília: MEC, 2009.

NACINOVIC, Rafaela do Carmo Pacheco. RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. Medicalização da educação especial: tensões na inclusão. **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Universidade do Porto. 2020. Disponível em <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/12%20Rafaela%20Nacinovic%20%26%20Maria%20Goretti%20Rodrigues.pdf>. Acessado em 18/06.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (UNESCO). **Declaração de Salamanca**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

SALGADO, A. M. Passos e impasses na inclusão escolar de crianças autistas e psicóticas: da incerteza de saber, a figura do professor e o olhar para o sujeito. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], p. 67–87, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/20219>. Acessado em 20/05/2023.

SANTANA, Larise Dayany de; TEIXEIRA, Verônica Rejane de Lima. A Educação Especial Contextualizando com a Psicologia. **Id on Line Revista Multidisciplinar de Psicologia**. Cariri CE: URCA, vol.15, n.54, fev 2021. Disponível em <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2957/4711>. Acessado em 25/05/2023.

SANTOS, Victoria Caroline Souza Pinheiro. BARROS, Rogerio de Andrade. Educação Inclusiva: (im)passes contemporâneos a partir da óptica psicanalítica. **Analytica**. São Joao Del Rey: UFSJDR, v 10, n 19, jul/dez 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200009. Acessado em 20/05/2023.

SIMIANO, Luciane Pandini. VASQUES K. Palavras em torno do vazio: a documentação pedagógica como percurso narrativo no contexto da educação infantil inclusiva. In Vasques, Carla Karnoppi. Moschen, Simone Zanon (Orgs.). **Psicanálise, educação especial e formação de professores construções em rasuras** [e-book]. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2017.

SOUZA, Julio Cesar Pinto. Saúde mental das crianças no contexto escolar. **Núcleo do Conhecimento**. Publicado em 27/08/2021. Disponível em DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/criancas-no-contexto. Acessada em 25/05/2023.

TERNOWSKI, E.; FILLOS, L. M. Educação Matemática e Inclusão: Construindo estratégias para superação de dificuldades de aprendizagem de conceitos matemáticos básicos. **Cadernos PDE**. Curitiba: SEE v. 1, p. 26, 2013.

VASQUES, Carla Karnoppi. Branco sobre o branco: psicanálise, educação especial e inclusão escolar. **Educação Especial**. Santa Maria: UFSM, v 22, n 33, jan/abr 2009. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/167/97>. Acessado em 20/05/2023.

VASQUES, Carla Karnoppi. Um estrangeiro entre nós, psicanálise e educação especial: diálogos em torno da inclusão de crianças que vivem impasses em sua constituição psíquica. **Revista Ponto de Vista**. Florianópolis: UNISUL, n 9, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/20422/18656/64901>. Acessado em 20/05/2023.

Capítulo 5

DINÂMICA TRANSFERENCIAL NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E APRENDIZAGEM: REVISÃO INTEGRATIVA

*Renata Soares Leal Ferrarezi*¹

*Valéria Ribeiro Collato*²

1. INTRODUÇÃO

A transferência é um tema bastante complexo e abrangente, pois está presente em todas as relações do sujeito no contexto em que vive, interferindo nessas relações.

No ambiente escolar a dinâmica da transferência pode ser evidenciada especialmente na relação professor-aluno, tendo em vista que o aluno deposita no professor seus sentimentos inconscientes, tanto de hostilidade como de amor e que podem interferir de forma negativa ou até barrar a aprendizagem, como de forma positiva despertando o desejo de aprender.

O conceito freudiano de transferência resultou de um longo processo de construção teórica, aparecendo pela primeira vez nos Estudos sobre a Histeria (1893–1895), reaparecendo em muitos outros textos, permeando toda obra de Freud, sofrendo modificações no seu processo de descoberta.

Num primeiro momento (1895) nos Estudos sobre a Histeria, Freud apontou a necessidade de uma relação de confiabilidade entre médico e paciente para que este se submetesse à técnica da hipnose a fim de atingir a solução do problema, ou seja, neste primeiro momen-

1 Advogada. Psicopedagoga e Mestranda em Educação, com pesquisa voltada para Formação de Professores, Educação Inclusiva e Subjetividade. Desenvolve trabalhos voltados para a área da educação, tendo atuado como docente e em ONG envolvida com a causa educativa em Moçambique. É autora de livros e diversos artigos especializados.

2 Pedagoga, Especialista em Administração de Empresa e Mestranda do Programa de Educação com pesquisa vinculada a Linha de Formação de Professores, Educação Inclusiva e Subjetividade. Email vcollato24@gmail.com

to Freud considerava a transferência como um fenômeno específico do tratamento clínico.

O conceito de transferência é um dos pontos fundamentais da teoria e do método de investigação/tratamento psicanalíticos e se caracteriza como um dos instrumentos essenciais da ação terapêutica, mas não foi construída de forma linear e imediata, tendo a sua concepção formada por vários autores, mas o pioneirismo é atribuído à Freud.

Freud (1911-1913) diz que a transferência é amor, repetições de nossas histórias, ou seja, são atualizações de encontros, de modalidade de afeto, e a partir desses investimentos que ocorrem nos primeiros anos de vida, o sujeito vai ordenar as suas capacidades de colocar o outro em um lugar de identificação e transferência, ou melhor dizendo, quanto mais investimento for recebido, mais facilidade ele terá para se identificar e colocar o outro nesses lugares e se relacionar.

A transferência se apresenta como uma repetição de situações vivenciadas e esquecidas, mas, que tenham sido muito importantes na vida do sujeito, pois quando não investida, ele ficará fragilizado e poderá apresentar dificuldade em vivenciar algo, visto que se lhe foi “negado” parte desse processo, ficará vulnerável (FREUD, 1911-1913)

Para Morgado (2012) apud Freud transferência é a operação psicológica em que os afetos prototípicos da relação original são revividos inconscientemente (FREUD, 1912, p. 133-143). Os protótipos relacionais que vêm transferencialmente à cena podem ser reequacionados, conforme o permitam as características intrapsíquicas da relação presente e as circunstâncias exteriores. A relação de autoridade é uma das muitas em que isso ocorre. Isto porque, como destaca Morgado a extrema dependência inicial impôs à criança submissão aos genitores, e dessa base emocional resultam as condições para a ocorrência da reatualização transferencial (FREUD, 1914, p. 208-221).

Esta autora ainda enfatiza que representantes psíquicos de pulsões genitalmente subordinadas e de pulsões sublimadas em finalidades socialmente aceitas são admitidos na consciência, mas representantes de pulsões rebeldes são vetados da consciência e encontram meio de expressão em fantasias e atingem a consciência de modo dissimulado, quando a relação passada é revivida na relação presente, no caso da pessoa alvo da transferência se adequar a uma das séries psíquicas outrora constituída pelo sujeito. A intensidade e a natureza dos afetos compartilhados entre as partes envolvidas determina se a transferência favorece ou dificulta as finalidades relacionais. Quando é alimentada

por sentimentos de ternura, a transferência positiva favorece tais finalidades, mas quando é predominantemente alimentada por sentimentos eróticos, a transferência positiva dificulta a relação cujas finalidades não são sexuais e quando alimentada por sentimentos hostis, a transferência negativa dificulta das finalidades relacionais. E conclui que, as relações ulteriores de autoridade evocam as identificações primitivas porque, de um modo ou de outro, envolvem dependência e submissão.

Segundo Freud (1911-1913), as representações criadas, tenham sido elas insatisfeitas ou satisfeitas, são identificações na qual todo o sujeito em suas relações, usará desse reconhecimento e que possibilitarão as convivências e os relacionamentos. Para Freud as transferências estão relacionadas a resistência (Freud, 1911-1913, p.112 e 116):

“Em segundo, permanece sendo um enigma a razão por que, na análise, a transferência surge como a resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto que, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso.

[...] Ocupamo-nos do mecanismo da transferência, é verdade, quando remontamos ao estado de prontidão da libido, que conservou imagos infantis, mas o papel que a transferência desempenha no tratamento só pode ser explicado se entrarmos na consideração de suas relações com a resistência.”

Freud destaca ainda que a transferência pode facilitar ou dificultar os relacionamentos e será positiva quando ocasionar sentimentos de amor e ter ternura ou negativa quando feita de sentimentos hostis e agressivos.

A transferência poderá, portanto, ser positiva ou negativa. Será positiva no caso de sentimentos afetuosos e que se desenvolverá nas relações emocionais de simpatia e amizade, vinculadas a sexualidade. Neste caso, demonstrará para com as pessoas com as quais se relacionar, sentimentos de admiração e respeito (FREUD, 1911-1913, p. 117):

“[...] somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas a sexualidade se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puro e não sensuais, que possam aparecer a nossa auto percepção consciente.”

Freud destaca ainda que a transferência negativa e a transferência positiva caminham juntas, lado a lado numa relação de ambivalência na tendências emocionais (FREUD, 1911-1913, p.118).

Desse modo, enquanto definição de um conceito na perspectiva freudiana, a transferência é a “atualização dos desejos inconscientes que se dá no tipo de relação que se estabelece com determinados objetos e pessoas”, e ainda, de “um tipo de repetição de protótipos infantis, vivido com um sentimento de atualidade acentuada” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1981, p. 514).

Embora o conceito de transferência tenha tido origem na psicanálise, a transferência não é exclusiva deste campo e se estende à todas as relações do sujeito, inclusive as que ele desenvolve no espaço da educação, na relação pedagógica durante o processo de aprendizagem no par professor-aluno, como examinado a seguir.

Freud em “Algumas reflexões sobre a psicologia dos escolares” (1914), alerta para o fenômeno da transferência na relação pedagógica, ao afirmar:

“É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir, outros tantos – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada.” (FREUD, 1996b, p. 248, vol. 14).

Kupfer (1989) enfatiza que, inicialmente, o conceito de transferência, na psicanálise, referia-se ao setting analítico, posteriormente, Freud detectou o fenômeno transferencial em relações pessoais cotidianas, reconheceu a possibilidade de que a transferência acontecia também na relação professor-aluno.

Desse modo, o conceito de transferência foi desenvolvido a partir da psicanálise, a partir da teoria psicanalítica e diz respeito ao deslocamento de sentimentos e representações, característicos de manifestações do inconsciente originados da relação da criança com seus pais e que são revividos num outro contexto, inclusive na relação professor-aluno, no processo ensino-aprendizagem.

Para Rocha da Silva (2006), psicanaliticamente, o elemento responsável pelo despertar de nosso desejo é o desejo materno, pois mais

que prover as necessidades básicas do filho, as mães devem de fato conseguir colocar a criança no simbólico e a criança ao entrar na escola entra num universo desconhecido que pressupõe o esquecimento da família, o distanciar-se dela. O aluno projeta sempre no professor os conflitos que teve com os pais, salientando este autor que na perspectiva de Melanie Klein, as relações da criança com a mãe e o pai determinam a priori a sua atitude em relação à escola e ao professor.

Segundo Kupfer (1989), Freud observou que o fenômeno transferencial ocorre de forma inconsciente, o professor precisa despir-se de seus desejos para revestir-se com o desejo inconsciente do educando, de modo que, a transferência ocorre quando o desejo de saber do aluno encontra algum aspecto particular do professor, destituindo-o de seu sentido original, dando-lhe outro, relacionado ao seu desejo. Assim o professor se torna depositário de conteúdos provenientes do aluno, este lhe atribui poder de influência, capaz de levá-lo a querer aprender o que o professor tem a ensinar.

Klein salienta (1996, p. 370) que na adolescência, a maioria dos jovens apresenta forte tendência de se afastar dos pais; isso ocorre em grande parte porque conflitos e desejos sexuais relacionados a eles voltam a ganhar força. Os antigos sentimentos de ódio e rivalidade contra o pai ou a mãe, conforme for o caso, são revividos com toda a intensidade, apesar de seu motivo sexual permanecer inconsciente. Os jovens tendem a ser muito agressivos e desagradáveis com os pais, ou com outras pessoas que se prestam a isso, como empregados, professores mais fracos e colegas de quem se tem antipatia. Mas quando o ódio atinge tamanhas proporções, toma-se ainda mais necessário preservar o bem e o amor tanto por dentro quanto por fora. O jovem agressivo, então, é impelido a encontrar pessoas que ele pode respeitar e idealizar. Professores pelos quais se tem admiração servem muito bem a esse propósito. Os sentimentos de amor, admiração e confiança que se dirigem a eles aumentam a segurança interna, pois, entre outros fatores, parecem confirmar na mente inconsciente a existência de pais bons e de uma relação amorosa com eles, refutando o grande ódio, ansiedade e culpa que se tornam tão fortes nesse período da vida.

Mrech (1999, p. 62) destaca Apud Marcel Postic que na escola, o aluno transfere para o professor as experiências vividas com os pais e reaviva por intermédio destes os sentimentos experimentados anteriormente, podendo esta transferência ser positiva (relações de amor, aceitação, respeito etc.) ou negativa (relações de ódio, afastamento,

rejeição, desrespeito, ataque etc.), se traduzindo na procura de uma satisfação mantida em suspenso e que exige ser alcançada.

Para Pisetta e Bejar (2016, p. 322-323) em se tratando dos laços transferenciais dos alunos em direção ao professor, podemos supor um vínculo afetivo “trazido” na transferência positiva quando um aluno é muito próximo do professor, colocando este até mesmo no lugar de um familiar. Já na presença de atitudes hostis (transferência negativa) podemos perceber que há um confronto nesta relação, hostilidade que tem se tornado cada vez mais comum nos relatos dos docentes. O modo com que enfrentam o real destas relações também está em jogo na queixa que dirigem.

Conforme Morgado (1995, apud AMARAL, 1997, p. 29) não é sempre que a transferência favorece a concretização dos objetivos da relação. O aluno pode reeditar sentimentos hostis que o impedem de reconhecer a autoridade do professor para ensinar”. Assim, baseado na curiosidade intelectual ou no desejo de saber, o aluno vem para sala de aula com possibilidades de aprendizagem, de acordo com as vivências adquiridas durante este período - as do Complexo de Édipo. Deste modo, pode-se supor que, quando o aluno transfere para o professor sentimentos das relações parentais, ele atualiza, ao mesmo tempo, um modo específico da relação com o conhecimento. Isto quer dizer então que, quando o aluno associa a figura do professor à de seus pais, ele transporta para a relação presente sentimentos e vivências passadas, e atualiza sua relação com o conhecimento, baseando-se nestas vivências. Por isso, Morgado considera importante a qualidade desta relação, quando afirma que “é da qualidade desse modo de relação que a transferência depende para favorecer ou dificultar a concretização dos objetivos da relação pedagógica”.

Morgado conclui que a transferência que o aluno faz para com o professor traz duas conseqüências importantes para os objetivos da relação pedagógica (1995, apud AMARAL, 1997, p. 30-31):

1. Quando o aluno reedita com o professor a vivência que estabeleceu com os pais, ele (aluno) inaugura a relação, a partir da herança emocional da antiga relação e constrói com o professor uma relação positiva; mas,

2. Quando o aluno revive com o professor uma experiência semelhante à estabelecida com os seus pais, sem contudo discriminar a figura do professor da dos pais, as dificuldades podem surgir impe-

dindo a concretização dos objetivos propostos e ele não consegue ver o professor real. A diferença desta experiência da que foi relatada no item anterior, está na intensidade do sentimento do aluno. Quando ele não consegue ver o professor real, transporta para o presente as vivências do seu passado. Para que a relação entre professor e aluno se desenvolva, este último deverá caminhar da paixão transferencial pelo professor para a paixão pelo conhecimento.

Na ocasião que o aluno transfere para o professor o amor e/ou a hostilidade, ele atende o chamado de um passado conflitivo. Repetindo esta relação para com o professor, ele tende a um ciclo vicioso que impede sua relação com o conhecimento, pois pode deformar o papel do professor, atribuindo-lhe a função de objeto da pulsão no lugar de alguém que apenas exerça o papel de mediador de um processo interno de aprendizagem. Deste modo, o aluno reproduz na figura do professor todo o fascínio e todo o temor à autoridade parental, revivendo assim, o momento em que foi seduzido a assimilar as características restritivas do superego de seus pais, fazendo deles o centro de sua vida (MORGADO, 1995, p. 109, apud AMARAL, 1997, p. 31).

Segundo Kupfer (1989, p. 89), o fenômeno transferencial é essencial para a aprendizagem e Freud afirma em seus relatos que o professor está apto a ser ouvido pelo seu aluno quando é colocado em um lugar poder, ou seja, de determinada importância, de reconhecimento e respeito, por ser o representante da cultura e das normas sociais (fala em nome do Outro) passando a partir daí a ter influência sobre ele (1989, p. 92). Quando o professor está nessa posição, a relação transferencial acontece com seu aluno na sala de aula. Ainda segundo essa autora, o campo criado entre professor e aluno estabelece as condições para o aprender, independente de qual conteúdo se trate (KUPFER, 1989, p. 91).

Compreende-se que a dinâmica transferencial na relação professor-aluno interfere no processo ensino-aprendizagem, estabelecendo condições para que a aprendizagem ocorra ou não. Desse modo, procurou-se investigar e buscar artigos publicados referentes ao tema, objetivando entender o papel da transferência e sua importância na relação professor aluno no processo ensino aprendizagem .

Foram encontradas 5.160 produções sobre essa temática de uma forma geral, destacando a transferência psicanalítica, destes apenas 98 tratavam da transferência no processo de ensino aprendizagem, en-

tretanto, apenas 7 trabalhos enfatizaram a transferência no processo de ensino e aprendizagem e mostraram a importância dela na relação professor aluno dentro do contexto ensino aprendizagem.

Desta forma, observa-se que foram feitas muitas pesquisas referente a transferência no processo de ensino aprendizagem, no entanto, apenas 7,14% dos trabalhos destacaram a transferência como elemento do processo ensino aprendizagem, dando enfoque para a sua importância na relação professor aluno.

Pode-se afirmar que a transferência tem um papel importante no processo de ensino aprendizagem do ser humano, bem como na relação professor aluno, pois é através dela que se estabelece as condições para o aprender.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é uma revisão integrativa que tem por objetivo a relevância que a transferência na relação professor aluno no processo de ensino aprendizagem possui para a classe acadêmica.

Verificou-se assim a quantidade de artigos científicos publicados no período de três anos, no intervalo de 2020 a 2022, sobre a transferência na relação professor aluno e aprendizagem.

Foram analisadas as seguintes bases de dados: Library Online (SciELO), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), LiLACs (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia).

Para realização da busca foram utilizados os seguintes descritores: “transferência”, “relação professor aluno” e “relação professor aluno e aprendizagem”, ou seja, a busca foi realizada privilegiando os estudos publicados no Brasil. Foi adotado como critério de inclusão recorte temporal das publicações mais recentes, ou seja, dos últimos 3 anos que compreendeu o período entre 01 de janeiro do ano de 2020 a 31 de dezembro de 2022.

Os critérios de inclusão dos artigos foram os seguintes:

a) artigos que apresentavam os descritores utilizados para busca no título. Os títulos foram utilizados para análise, tendo em vista que o título é o primeiro contato que o pesquisador tem com o estudo e que lhe possibilita optar estudos com conteúdo relevante para a sua

pesquisa e que mereçam ser lidos;

b) estudos publicados nos últimos 3 anos (período entre 01 de janeiro do ano de 2020 a 31/ de dezembro de 2022), e

c) foram excluídos estudos em duplicidade nos periódicos e entre as bases de dados e os estudos que não disponibilizavam resumo ou o texto completo nas bases de dados.

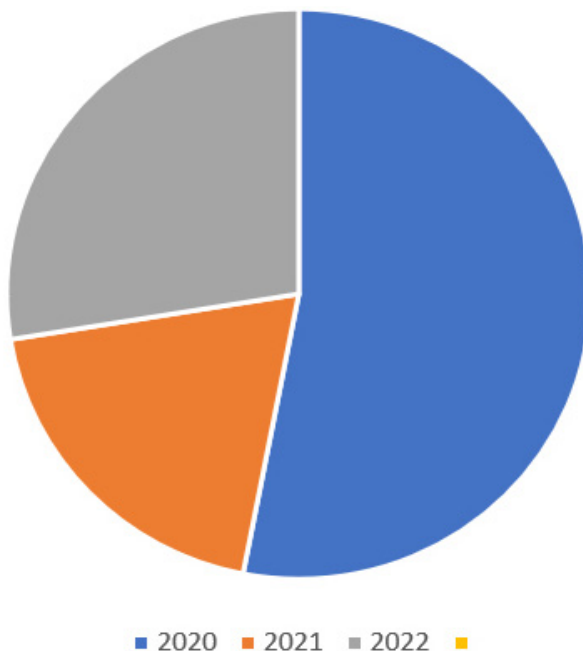
3. SELEÇÃO E ANÁLISE DOS ESTUDOS

A partir da estratégia de busca foram identificados, inicialmente 5.160 estudos publicados.

Em seguida, foram identificados com o apoio dos filtros disponíveis nas bases de dados, os artigos que atenderam aos critérios de inclusão, resultando em 98 publicações, sendo que entre elas, apenas 7 se enquadraram no objetivo da presente pesquisa. Dessas 7 publicações, 3 são resultados de teses de doutorado e 4 dissertações de mestrado.

Além das variáveis apresentadas anteriormente, ainda foram analisados os conteúdos dessas 7 publicações.

Gráfico 1: 98 produções



No Gráfico 1, oferece um panorama geral dos resultados obtidos entre teses e dissertações publicadas no período de 2020 a 2022 sobre a transferência no processo de ensino aprendizagem.

Pode-se observar, ainda no Gráfico 1, que houve um certo equilíbrio na quantitativo de publicações de 2021 e 2021, tendo a grande maioria das publicações permanecido concentrada no ano de 2020, valendo destacar que em 2020 houve 52 publicações, baixando para apenas 19 em 2021 sofrendo elevação para 27 produções em 2022. Ou seja, ocorreu uma diminuição brusca nas publicações em 2021 comparada com 2022, vindo a ocorrer uma elevação em 2022. Entende-se que esta diminuição pode ser decorrente da pandemia de COVID19, que afetou todos os setores da sociedade e, certamente a produção acadêmica.

Gráfico 2: 7 produções

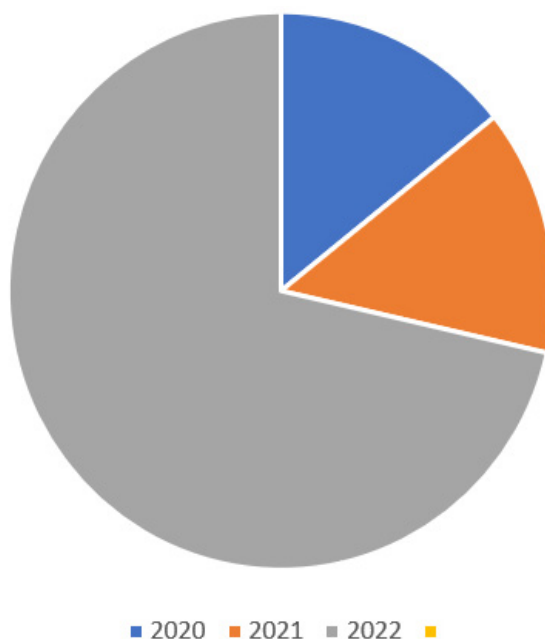


Gráfico 2, mostra separadamente o quantitativo de teses e dissertações produzidas no período de 2020 a 2022.

De tal modo considerou-se o título, periódico e objeto de estudo dos artigos selecionados inicialmente pela leitura flutuante, e em seguida a leitura do texto integral.

Na seleção dos trabalhos, levou-se em consideração os que deram ênfase a transferência na relação professor aluno no processo de ensino aprendizagem, conforme o critério do descritor, utilizando-se do critério de exclusão e inclusão, então, foram selecionados 7 trabalhos, conforme mostra o gráfico acima.

Os dados obtidos no gráfico 2, demonstram claramente que a temática da transferência na relação professor aluno no processo de aprendizagem não vinha recebendo o devido destaque nos trabalhos científicos em 2020 e 2021, pois dos 7 trabalhos científicos produzidos dentro do tema. Entende-se que o tema foi objeto de pesquisa e publicações científicas com a temática mais discutidas em 2022.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nos trabalhos foram analisados se a transferência representa um fator de relevância na relação professor aluno para o processo de aprendizagem e para 13 autores a transferência assumiu um papel de suma corroborando no processo de ensino aprendizagem, tendo tais trabalhos apresentado o foco central destacado a seguir.

Importância da transferência na relação professor aluno à aprendizagem	03
Transferência como um motor capaz de alavancar a aprendizagem do aluno	04

Cabe destacar que a diversidade dos temas abordados enfatiza a importância da transferência na relação professor aluno no processo de aprendizagem, tendo 4 trabalhos enfatizado ser a transferência fundamental para alavancar a aprendizagem do aluno.

Por conseguinte, é possível entender a amplitude que a transferência assume diante da relação professor aluno no processo de ensino aprendizagem e em todas as situações que envolvem o indivíduo no contexto escolar, bem como em outros aspectos de sua vida, já que a transferência está presente em todas as relações do sujeito no contexto em que vive, interferindo nessas relações.

Para obter uma maior compreensão sobre os dados levantados sobre a transferência na relação professor aluno no processo de aprendizagem, destacaram-se 7 produções científicas que enfatizam a transferência elemento fundamental no processo de ensino aprendiza-

gem.

No entanto, os aspectos que envolvem a transferência no processo de ensino aprendizagem receberam olhares diferenciados de conformidades com os objetivos específicos de cada pesquisador.

Desse modo, para facilitar a compreensão dos enfoques as produções científicas selecionadas foram divididos em dois quadros, seguido de um esboço de cada produção, como consta dos quadros a seguir.

Quadro 1 - Importância da transferência na relação professor aluno à aprendizagem

Título	Autor/Autores	Modalidade
FREUD E A EDUCAÇÃO: articulações sobre o impossível	Ana Tereza Vasques Bruno Fiuza Franco	https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISEPsicologias/article/view/793
Escola centrada na criança: ainda é possível aos alunos identificar-se com professores?	Douglas Emiliano Batista	https://www.periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/42949
Estudo sobre a criação de vínculos afetivos por professores da modalidade EAD	Simone Soares Echeveste ; Simone Loureiro Brum Imperatore	https://abed.emnuvens.com.br/RBAAD/article/view/439

Na pesquisa de Vasques (2021) destaca os efeitos que o conceito de inconsciente pode propor ao campo educacional e que, neste contexto, a transferência ocupa importante espaço, pois a educação seria efeito de um processo transferencial que se inicia com a busca infantil pela diferença entre os sexos, que constrói uma pulsão de saber.

Segundo a pesquisa de Batista (2022) a emancipação dos alunos não ocorre sem que, transferencialmente, eles se identifiquem aos professores, posicionando-os no lugar de Ideal-do-eu, concluindo que, graças à identificação, os alunos adquirem traços simbólicos que enriquecem seu Ideal-do-eu e, assim como, graças à desidentificação ao mestre, os alunos subjetivam os conhecimentos escolares.

De acordo com pesquisa Echeveste e Imperatore (2020) iden-

tifica o uso de ações e procedimentos metodológicos que pudessem ser realizados pelos professores da modalidade EaD para a criação de vínculos afetivos com seus alunos, observando de que forma os professores conduzem suas disciplinas com o propósito de fomentar uma relação mediadora que valoriza as dimensões humanas fundamentais da interação.

Quadro 2 - Transferência como um motor capaz de alavancar a aprendizagem do aluno

Título	Autor/Autores	Modalidade
Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil	Marcos Rogério dos Santos Souza/ Carla de Oliveira	https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1878
Leitura psicanalítica da relação entre fracasso escolar e Educação Especial por meio de estudos clínico-pedagógicos de crianças e adolescentes diagnosticados devido a impasses na alfabetização	Luciana Renata Moreira Fonseca	Tese de Doutorado
A posição do professor frente ao aluno e seus pares na educação infantil: uma leitura psicanalítica acerca do olhar do professor para a função do semelhante na escola	Josca Ailine Baroukh	Dissertação de Mestrado

A importância de laços transferenciais na permanência de Alunos da graduação em física	Gabriel Luiz de Carvalho/ Michele Hidemi Ueno Guimarães/ Marinez Meneghello Passos	https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/6266
--	--	---

A pesquisa de Santos e Oliveira (2020) traz reflexões a partir dos conceitos psicanalíticos, das relações interpessoais que se processam no espaço escolar e sua influência na construção da aprendizagem com base no sujeito, professor/a e família; definindo e compreendendo os conceitos e a importância da transferência na construção do desejo de aprender e ensinar. Por fim, relaciona a transferência, para além da prática docente, possibilitando a articulação das relações intra e interpessoais dentro do espaço pedagógico sob o viés dos conceitos da psicanálise.

Fonseca (2022), em sua produção enfatiza que a instalação da relação transferencial entre professor e aluno pode ser decisiva para o sucesso ou fracasso escolar desse estudante e apresenta propostas de intervenções que visam modificar a situação do aluno que possui um diagnóstico da educação especial, apostando no fenômeno da transferência como um motor capaz de alavancar a aprendizagem do aluno.

Em sua produção Baroukh (2020) procurou investigar as relações transferenciais na escola e conclui pela importância do professor obter conhecimento sobre transferência, pois este pode ajudá-lo a entender que nem tudo que seus alunos fazem ou dizem se dirige à sua pessoa, mas está tingida por suas disposições inconscientes.

Por fim, em sua dissertação, Carvalho (2022) considera que para que um estudante permaneça no curso de Física, além da transferência inicial com a Física são necessárias duas outras condições: uma continuação desta transferência, seja com a Física, seja com as pessoas do curso, mas antes de tudo que o aluno coloque o professor no lugar do sujeito suposto saber para que a transferência possa causar nele o 'desejo' de aprender e permanecer no curso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão integrativa teve o objetivo de investigar o quantitativo de trabalhos publicados nos últimos três anos, no período de 2020

a 2022, e de observar o interesse do público acadêmico sobre a importância da dinâmica transferencial na relação professor aluno para o processo de ensino e aprendizagem.

Os artigos científicos selecionados e analisados revelam que a transferência na relação professor alunos o professor é essencial para a aprendizagem e que o professor está apto a ser ouvido pelo seu aluno quando é colocado em um lugar poder, como destaca KUPFER (1989), passando a partir daí a ter influência sobre o aluno, eis que quando o professor está nessa posição, a relação transferencial acontece e o campo criado entre professor e aluno estabelece as condições para o ensino e aprendizagem.

Na atual realidade da educação e do ensino no Brasil, que está voltado para dados numéricos, não apenas como o fator de produtividade dos profissionais de educação, mas também em razão de responsabilidades atribuídas às escolas e aos profissionais da educação e que fogem de suas competências originárias, o docente assume um papel importante na sala de aula, em razão do protagonismo que lhe é atribuído e da amplitude e complexidade das relações que se estabelecem em razão dessas atribuições. Nesse contexto, considerando a dinâmica transferencial na relação professor aluno interfere no processo ensino aprendizagem, destaca-se a importância do professor obter conhecimento sobre transferência, pois este poderá auxiliá-lo na compreensão das relações que estabelece com os alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.

DICIONÁRIO MICHAELIS (1994) Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetividade/> Acessado em 04/05/2023.

FREUD, S. (1915a). As Pulsões e suas Vicissitudes. Ed. Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ (1915c). O Inconsciente. Ed. Standard Brasileira, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ (1893-1895). Estudos Sobre Histeria. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____ As Perspectivas da Terapêutica Psicanalítica (1910). In: Edição Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Totem e tabu e outros trabalhos, vol. XIII).

_____. A dinâmica da transferência. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

_____. O ego e o id. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

KLEIN, Melanie (1996). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago Ed.

KUPFER, M. C. (1989). Freud e a educação o mestre do impossível. São Paulo: Scipione.

_____. (2003). Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. São Paulo: Summus.

LACAN, J. O seminário livro 16, De um outro ao Outro (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003

LAPLANCHE, L; PONTALIS, J. B. (1981). Vocabulário da Psicanálise. 2. ed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes

MARANHÃO, Joyce Hilario, VIEIRA; Camilla Araújo Lopes;

MARTINS Karla Patrícia Holanda Martin (2017). Apropriações do saber psicanalítico pela psicopedagogia: contribuições ao campo do desejo. *Psicanálise & Barroco em revista*, v. 15, n.01 Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/download/7286/6416/35925> Acessado em 31/10/2021

MRECH, Leny M. (1999) *Psicanálise e Educação: Novos Operadores de Leitura*. Editora Pioneira, São Paulo.

MORGADO, Maria A (2012). Transferência, sedução e autoridade na relação pedagógica. *Revista Espaço Acadêmico* nº 131, Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16407> Acessado em 05/05/2023.

OLIVEIRA, Maria Helena Peixoto de (2012). O manejo da transferência e contratransferência na relação, professor e aluno adolescente : sua função no processo de aprendizagem. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/162>. Acessado em 07/05/2023.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello (2011). O sujeito suposto saber e transferência. *Revista Digital AdVerbum* 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 64-73. Disponível em <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br>. Acessado em 06/05/2023.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello; BEJAR, Joy Possoni (2016). Transferência e experiência docente. Disponível em <https://periodicos.uff.br> . Acessado em 01/04/2023.

RIBEIRO, M. V. M. (2006). A educação e a psicanálise: um encontro possível? *Psicologia: Teoria e Prática*. Brasília, 2, 112-122.

_____ et al. (2005). Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. *Psicologia da Educação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100003&lng=pt&tlng=p . Acessado em 06/06/2023.

RIBEIRO, L.P.L. (2010). Afetividade na Educação Infantil: a formação cognitiva e a moral do sujeito autônomo. Monografia. Faculdade Alfredo Nasser, Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia.

Da Silva, C. S. R. (2006). A Relação Dinâmica Transferencial entre professor-aluno no ensino. *Ciências & Cognição*, 8. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000200017 Acessado em 20/06/2023.

Capítulo 6

A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR: CARACTERÍSTICAS, VÍCIOS E VIRTUDES DESTE PROCESSO

*Osmar da Silva Junior*¹

INTRODUÇÃO

O trabalho do professor em sala de aula sempre implicou em diversos desafios. Hoje, a função de ensinar se tornou ainda mais laboriosa em se tratando de despertar o interesse do aluno pelo conhecimento e as razões são diversas. Inúmeros elementos externos concorrem e quase sempre vencem quando se trata de conquistar o interesse dos jovens (recreações tecnológicas, conteúdos supostamente prontos na Internet, relações com os amigos etc.). Além disso, a própria rebeldia característica desta época da vida quase sempre nega à criança e ao adolescente o pensamento a longo prazo necessário para compreender a importância do conhecimento que virá a ser adquirido na escola. Tudo isto somado a questões pessoais de fundo psicológico acabam fazendo com que o interesse do aluno pela escola e pelos estudos seja relegado ao segundo plano e não raras vezes, a pessoa do professor termina por ser o alvo desta insatisfação, por ser ele o “representante direto” daquele sistema que faz o jovem “perder” quatro ou cinco horas de seu dia dentro de uma unidade escolar.

Seria justo fazer figurar entre os elementos que elencam estas dificuldades as questões sociais do entorno do aluno. Desagregação familiar, violência externa ou doméstica, abandono intelectual, insegurança alimentar, miséria do ponto de vista econômico e dificuldades cognitivas não diagnosticadas em razão da impossibilidade de obter

1 Osmar da Silva Junior é professor de História das redes Municipal e Estadual, leciona desde 2004, graduado em História, Pedagogia e Neurociências da Aprendizagem pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e mestrando em Educação na Universidade Ibirapuera (UNIB).

ajuda profissional também são elementos que inviabilizam o processo educacional. Mas estes aspectos do problema são de tal complexidade e envolvem tantos elementos diferentes que seria preciso um artigo específico e muito mais profundo para tratar destas questões e eventualmente se atrever a apontar soluções, razão pela qual elas não serão pormenorizadas aqui.

Por outro lado, também não são muito raros os casos em que alunos manifestam um interesse elevado pela apreensão do conhecimento, seja pelas disciplinas como um todo, seja por uma área de aprendizagem em especial. E eventualmente, alguns destes alunos dizem mais tarde que se apaixonaram por uma determinada área do saber em razão das aulas de um professor em especial. E a transferência é o mecanismo que pode melhor explicar alguns destes casos. Ainda que Freud não tenha se debruçado profundamente na questão do uso de instrumentos psicanalíticos na pedagogia, seus postulados em matéria de transferência e a relação entre ela e o trabalho docente são bastante significativos (embora ele tenha, tardiamente, concluído e esclarecido que a psicanálise não consiste em um processo de reeducação do indivíduo e nem uma função complementar do professor). E a identificação deste processo, manejando-o a seu favor, pode facilitar a aventura do professor de fazer o aluno se interessar ou eventualmente até se apaixonar pelo ramo do conhecimento em questão. Para tal, o educador precisa conhecer com maior profundidade o funcionamento deste mecanismo e as diversas facetas que ele pode assumir na interação professor/aluno.

Grosso modo, é possível explicar a transferência como uma reedição inconsciente de relações afetivas do aluno com o professor, a partir do relacionamento que este educando desenvolveu com suas figuras parentais. Um aluno com um relacionamento turbulento com seu pai, por exemplo, pode (de forma inconsciente) rever na figura do professor o seu próprio genitor, e manter com o educador uma atitude hostil sem aperceber-se de forma consciente da razão. Tais circunstâncias dificilmente permitirão que o educando avance no aprendizado.

Por outro lado, eventualmente o aluno pode (também de forma inconsciente) transferir para o professor a admiração e o respeito que nutre por seus responsáveis, passando não apenas a olhar o educador como aquele que, detentor do saber, pode efetivamente ensiná-lo, como também desenvolver especial interesse por aquele conhecimento, buscando a aprovação do mestre e se destacando no aprendizado.

É a partir deste reconhecimento que o aluno concede ao professor a autoridade de educador, sem a qual não há um aprendizado verdadeiramente eficiente.

É importante ressaltar que qualquer eventual prática que objective o encaminhamento positivo da transferência se limite ao processo de aprendizagem, pois é temerário tentar aplicar qualquer outro procedimento de natureza psicanalítica no trabalho educacional. O professor não é, por mister, profissional da área da psicanálise e uma eventual “aventura” nesta prática com um ou mais alunos (por exemplo, efetuando uma dinâmica que se assemelhe no todo ou em parte a uma terapia de grupo) pode resultar em situações constrangedoras que, na melhor das hipóteses, terminarão por minar o relacionamento professor-aluno neste processo, além de graves rupturas na confiança dos pais.

Para melhor ilustrar a questão, seria válido mencionar duas citações oriundas do artigo *“Contribuição da Psicanálise para a Educação: a transferência na relação professor/aluno”*, de Márcen de Pádua Ribeiro. A primeira, de Maria Cristina Kupfer:

“A transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor”.

E a segunda, do próprio Freud:

“Um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial”.

Também é importante observar que o professor pode despertar afetos ou desafetos por parte do aluno de maneira involuntária, por (geralmente) desconhecer os pormenores das relações desenvolvidas pelo discente com suas figuras parentais, especialmente no período de formação de seu psiquismo durante os anos iniciais de vida. Daí a importância para o educador de conhecer o funcionamento do mecanismo de transferência; não para exercer qualquer tipo de função terapêutica com o educando, não sendo este seu papel na relação docente/discente, mas para identificar situações desta natureza e com elas lidar da maneira mais adequada.

Embora haja outros tipos de transferência de acordo com o estudo da psicanálise na esfera pedagógica, os dois tipos a serem tratados aqui serão o da transferência positiva e a negativa. E convém

relembrar que há tempos o senso comum costuma colocar os professores no papel de “segundo pai ou segunda mãe”, inclusive com uma expectativa por parte da sociedade de que os educadores assumam este papel que pertence essencialmente aos pais (tema que também demandaria um artigo específico), mas à luz da psicanálise, se pode aprofundar esta relação entre alunos e professores.

Um primeiro passo para a formação da estratégia do professor (em tese, pois especialmente na escola pública, com salas superlotadas, é notória a dificuldade em que isso implicaria) seria uma entrevista aprofundada com os pais logo no início do ano letivo. Conhecer com mais detalhes tanto as expectativas geradas na criança pelos pais em relação aos professores como as que os responsáveis alimentam em relação à escola pode dizer muito quanto às melhores formas de exercer o trabalho pedagógico em sala de aula. Eventualmente, até a percepção mínima do tipo de relacionamento que os pais mantêm com a criança ou adolescente contribui para a formação desta estratégia. Não raras vezes, eventuais problemas de aprendizagem ou comportamento que a criança apresente na escola serão nada mais que um reflexo de determinadas situações familiares.

De acordo com Cristina Rosineiri Gonçalves Lopes Correia, em seu artigo *“A Inauguração da interlocução entre a educação e a psicanálise no Brasil - Arthur Ramos, transferência, ideal e autoridade”*, Ramos postula que muito se pode apreender da relação entre o aluno e seus pais quando se objetiva traçar estratégias pedagógicas direcionadas. A autora reproduz as palavras do autor, válidas para aqui ilustrar o tema:

“...os problemas de comportamento de crianças pertencentes a constelações familiares “problemáticas” e “desajustadas”, de crianças provenientes de ambiente familiar com condições desfavoráveis, quase sempre explodem na escola, e então se revelam as atitudes de indisciplina, de agressão etc., tentativas de afirmação da personalidade”

É claro que neste processo (falando de um quadro ideal), a mediação feita pela coordenação pedagógica é imprescindível, uma vez que ela quase sempre exercerá uma ponte entre o educador e os pais quando eventuais conflitos ou dificuldades se apresentarem. Também é preciso abrir um parêntese para mencionar que os coordenadores muitas vezes encontram grandes dificuldades para obter da família as informações necessárias para o bom andamento do processo educacional. Há pais que raras vezes comparecem à escola, seja no início do

ano ou no decorrer dele, ou que demonstram pouca (eventualmente nenhuma) boa vontade em compartilhar com a escola elementos que seriam de vital importância para o desenvolvimento escolar do filho. As explicações são das mais diversas, indo da “falta de tempo” até simplesmente a má vontade à moda antiga.

O professor, na condição de detentor do saber que será transmitido ao aluno, deve inicialmente demonstrar não apenas o domínio, mas também uma verdadeira paixão por sua área de conhecimento. Exemplificar as implicações teóricas e práticas deste conteúdo, seu impacto na vida em sociedade e desejo honesto de que o aluno apreenda tais saberes para se tornar ele mesmo alguém que faça a diferença ao dominar o conhecimento que está sendo ministrado. O educando, cuja tendência inconsciente é a de olhar o professor como um segundo genitor (lembrando que o professor é praticamente o único profissional com quem a criança tem contato diário), poderá sentir-se conectado ao entusiasmo que o educador demonstra e seguir seu exemplo, tendo o interesse no aprofundamento do conteúdo despertado em sua mente.

No artigo *“Psicanálise e educação - a transferência na educação infantil”*, os autores Marcos Rogério dos Santos Souza e Carla de Oliveira expressam uma afirmação que pode ilustrar melhor esta ideia, em se tratando de um desenrolar produtivo do processo de transferência professor/aluno:

“O fazer do/a professor/a transcende o conhecimento e conduz a criança ao encantamento pelo saber. A partir do seu olhar, do seu cuidado, do seu afeto realiza o enlaçamento do sujeito ao seu desejo de ensinar, transformando esse desejo em desejo de aprender”.

Outro posicionamento importante por parte do educador é valorizar a curiosidade do aluno, incitando-o a compreender o conteúdo a partir de suas próprias dúvidas, formulando hipóteses e guiando-o a, na medida do possível, encontrar por si mesmo as respostas para suas questões. Desta forma, o educador fortalecerá o laço com o educando ao demonstrar que este pode não apenas ser consumidor, mas produtor de conhecimento no processo de investigação pelo qual ele absorverá os conteúdos da área de conhecimento em questão. E a valorização do seu saber, autonomia e aprendizado tenderá a fortalecer também esta transferência positiva na relação educador/educando em sala de aula (sempre lembrando que, do ponto de vista psicanalítico,

trata-se de uma dinâmica que ocorre de maneira inconsciente, o que não significa que não se possa manejá-la a favor do trabalho pedagógico).

Embora este não seja o elemento tratado aqui, em seu artigo “*Sustentar a transferência no ensino remoto - docência em tempos de pandemia*”, a autora Simone Bicca Charczuc exprime a importância de dar voz ao aluno durante o processo de aprendizagem:

“Quando o aluno é convidado a construir conhecimentos a partir de suas perguntas, torna-se possível inscrever nestas um tanto de si, de suas inquietações e angústias nesse processo de construção.”

Valorizar os avanços e conquistas do aluno neste processo também é um elemento importante nesta prática de manejo da transferência de maneira a enriquecer o trabalho pedagógico. O aluno motivado por um professor que se mostra dominante do saber em sua área e que consegue despertar a curiosidade do aluno sobre o ramo do conhecimento em questão também se sentirá reconhecido com a celebração da vitória sobre suas dificuldades. Mesmo o aluno com limitações aparentes ou reais poderá sentir-se acolhido em suas particularidades ao perceber que o avanço realizado por ele em relação ao estágio inicial, ainda que um progresso tímido, é verdadeiramente reconhecido pelo educador. A confiança por parte do professor em demonstrar ao aluno que pode indicar para o mesmo o caminho correto a seguir alimenta a confiança que o aluno passa a ter na figura do professor como o sujeito do saber e aquele que verdadeiramente é capaz de conduzir o educando ao conhecimento almejado durante o trabalho pedagógico.

É necessário ressaltar que este relacionamento entre o professor e o aluno, de reconhecimento do progresso pedagógico e estímulo para a superação das dificuldades não significa pouco ou nenhum rigor na avaliação do desempenho escolar. A seriedade do processo de aprendizagem deve ser esclarecida pelo professor de maneira que o estudante vai, sim, ter suas particularidades reconhecidas e progressos exaltados, mas consciente da necessidade de seu esforço e comprometimento. Ou seja, não se trata de ser leniente com o educando para conquistar sua simpatia, mas de estabelecer uma relação de confiança que também implica em responsabilidade por parte do aluno para que haja um desenvolvimento positivo da transferência. E o esclarecimento desta questão se torna mais eficiente quando há participação da família por intermédio da coordenação pedagógica, de preferência,

desde o início da vivência do aluno naquele ambiente escolar em especial.

CONCLUSÃO

Em resumo, a transferência na relação professor/aluno é um fato e esta pode se manifestar de formas diversas. Longe de sugerir que o educador deva assumir o papel de pai ou/e mãe (coisa que não pode e nem deve acontecer), muito menos que os educadores devam adotar procedimentos psicanalíticos diversos em suas aulas, o que se advoga é que, sob a luz da psicanálise e com a assistência da coordenação pedagógica na mediação com os pais ou responsáveis, este processo pode ser administrado a favor do trabalho educacional, de uma forma que o aluno tenha sua experiência escolar enriquecida não apenas pelos conteúdos, mas pela paixão pelo conhecimento que o professor é capaz de despertar.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Cristina Rosineiri Gonçalves Lopes. *A Inauguração da interlocução entre a educação e a psicanálise no Brasil - Arthur Ramos, transferência, ideal e autoridade*. PSICOLOGIA USP, São Paulo, Vol. 22, nº 4, p. 789-812, 01/12/2011.

RIBEIRO, Márden de Pádua. *Contribuição da Psicanálise para a Educação: a transferência na relação professor/aluno*. Psic. da Ed., São Paulo, nº 39, p. 23-30, 17/02/2016.

SOUZA, Marcos Rogério dos Santos; OLIVEIRA, Carla. *Psicanálise e educação - a transferência na educação infantil*. Ci & Tróp., Recife, Vol. 44 nº 02, p. 255-275, 28/12/2020.

CHARCZU, Simone Bicca. *Sustentar a transferência no ensino remoto - docência em tempos de pandemia*. Educação & Realidade, Porto Alegre, Vol. 45 nº 04, p. 109-145, 26/01/2021

Capítulo 7

UM ESTUDO SOBRE A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

*Maria Moura*¹

*Rogério dos Santos Moura*²

A transferência na relação professor-aluno e suas implicações na dinâmica da aula

Ao se pensar no desenvolvimento humano, nos papéis sociais e nas instituições que o acompanharão durante toda a vida, a instituição educação formal, apresenta-se cada vez mais cedo na vida do ser humano. Normalmente, em função das obrigações com o mercado de trabalho, os pais precisam recorrer ao auxílio dos berçários da Educação Infantil. De forma, que é cada vez mais comum, o novo membro da família, ainda não conhecer todos os integrantes, mas já ter contato com um educador.

É justamente sobre isto que se trata este artigo, tem como objetivo principal, estudar como a transferência psicanalítica influencia a relação professor-aluno. Em seu objetivo específico, entender os reflexos da relação de transferência na dinâmica da aula. Ou seja, quais as implicações no ânimo, entusiasmo, criatividade do professor no preparo e na condução das atividades pedagógicas.

Para iniciar esta reflexão, tem-se uma definição sobre o que é a transferência na psicanálise: “a transferência se refere à repetição de protótipos infantis vividos com uma sensação de atualidade acentuada. Na dinâmica psíquica do sujeito, os protótipos infantis são inconscientes e a sensação de atualidade é consciente” (PEREIRA,

1 Bacharel em Psicologia, Mestranda em Educação, Professora do Centro Paula Souza. E-mail: mariamourapsico@gmail.com

2 Bacharel em Administração, Mestrando em Educação, Professor do Centro Paula Souza. E-mail: rogeriodossantosmoura@gmail.com

2017, p. 27). Portanto, as experiências afetivas iniciais na vida de todo ser humano, quando não elaboradas, irão acompanhá-lo e se repetir em diferentes contextos, cenários, situações. De maneira consciente, a pessoa interpreta como conteúdos novos e atualizados, no entanto, estão estruturados em material inconsciente. A pessoa não tem acesso a este material, porém ele influencia e interfere na percepção que ela tem sobre o mundo.

Para Pereira (op. cit.), o conceito de transferência se faz presente nas relações humanas e na psicanálise ela é entendida como uma dinâmica subjetiva e construída por elementos inconscientes, trazendo uma aproximação na relação professor-aluno, buscando a transferência, emergindo os aspectos inconscientes que giram nessa parceria.

As experiências vividas na infância moldam em cada pessoa uma forma de se relacionar com as outras pessoas, sendo estas vivências reproduzidas durante a vida. Isto significa dizer que estes protótipos infantis que foram originados da relação entre os pais e os filhos, poderão ser reeditados e atualizados para as novas relações sociais que a pessoa vive. Portanto, nos novos vínculos afetivos, com pessoas do trabalho e, principalmente na relação professor-aluno.

Freud verificou na prática que a transferência está presente em diversos momentos da vida do homem, em diferentes figuras acontece de se projetar em alguém o processo da transferência, um fenômeno presente nas relações amorosas, hierarquizadas, profissionais, sendo reedições de vivências (RIBEIRO, 2014).

Segundo Mariotto (2017), para Freud o ato de educar é uma transferência do legado do pai para seu filho, parte-se do pressuposto que a educação se desenvolve mais pelo vínculo afetivo do que propriamente pelo conteúdo em si. Na questão da transferência, a figura do professor vai além do papel de transmissor do conhecimento. Ele assume uma figura paterna e/ou a de alguém muito importante na vida do aluno, podendo se tornar uma relação afetiva e ambivalente.

Pereira (2017) ressalta que alguns professores podem marcar positiva ou negativamente a caminhada acadêmica de alguns de seus alunos, em diferentes níveis do ensino, seja pela questão do conteúdo, seja pela questão da autoridade. É importante frisar que normalmente este processo acontece independente da vontade do professor. Neste sentido, as intervenções realizadas por ele, pode perder a conotação objetiva e passa a ter a interpretação que o aluno lhe confere. A autora diz que há um esvaziamento da subjetividade do professor, que ganha

os contornos preenchidos pelo aluno.

Kupfer (1989 apud Moraes, 2021)³ ressalta que este processo ocorre, uma vez que haja o desejo de um lado (aluno) e do outro esteja o objeto deste desejo (conhecimento do professor). Neste caso, ocorreria o que Freud denominou como clichês. O sujeito esvazia o objeto do seu sentido próprio e o preenche com o sentido que melhor lhe convier ao sujeito.

Não obstante, Pereira (2017) também traz à luz a relação inversa, que pode acontecer, quando o professor, não consegue ter o manejo adequado na relação de transferência lhe atribuída pelo aluno e contratransfere seus conteúdos inconscientes que não foram elaborados. Por exemplo, quando o aluno manifesta um comportamento hostil em relação à figura do professor e este assume como uma afronta, faz a leitura da situação como uma oportunidade de autoafirmação de sua autoridade autoritária. Diversamente aplicando punições severas não compatível a situação vivida.

Para Wels (2015) uma das premissas da transferência é que interações pessoais, especialmente se relacionadas de alguma maneira com o professor, possui algum reflexo no processo de ensino-aprendizagem, podendo gerar bloqueios e mexer com os sentimentos do aluno. Para ele independente do esforço da ciência para entender os fatos complexos que surgem ao longo da aprendizagem, ainda não é claro todas as influências que se manifestam em sala de aula. Por exemplo, como levar em consideração a individualidade de cada aluno pensando num ambiente onde se é projetado para a coletividade? Ainda é um debate a questão de qual modelo é o mais interessante para uma educação coletiva, universal e ideal.

Pereira (2017) explica que o aluno direciona suas questões inconscientes para a imagem do professor, toda vez que suas necessidades libidinais não são realizadas pela realidade, havendo esse deslocamento do afeto, repetindo esses impulsos inconscientes não satisfeitos. Para esta autora, a transferência é como uma reprodução de questões internalizadas no psiquismo do aluno, como por exemplo, ansiedade, fantasias, pulsões, para o professor. A transferência acontece quando o aluno se identifica com uma característica particular da figura do professor. A partir do momento que é criada a transferência, o professor se torna o guardião de algo que pertence ao discente, ficando o

3 KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

professor encarregado de um relativo poder.

É a suposição de que a figura do professor carrega um saber que o aluno não tem que faz este ser mais receptivo ao processo de ensino-aprendizagem, fazendo assim a ação educativa acontecer entre ambos. O processo ensino-aprendizagem só se dá de maneira eficiente e eficaz se há uma forma de carinho do aluno para com o professor; se há algum tipo de hostilidade, o processo fica prejudicado, assim como tal relacionamento (PEREIRA, 2017).

Esta perspectiva é também abordada por Moraes (2021), ao colocar que a psicanálise, através do conceito da transferência aborda a necessidade do aluno supor que o professor é um sujeito de ‘suposto saber’, capaz de fazê-lo aprender. Esta suposição dos alunos é inconsciente e alimentada pelos pais quando apresentam a escola e o sistema educacional ao filho.

Através do processo da transferência, o aluno traz suas demandas do inconsciente para o momento que ele está vivendo agora, sem perceber que assim o faz, apresentando suas questões e seus interesses de vida para a figura do professor (Pereira, 2017). A condição de ambiguidade da relação, pode ser vista neste contexto, quando o aluno transfere para a figura do professor o seu desejo pela aprendizagem e enxerga nele a possibilidade de materializar este desejo.

Em contrapartida, Bertoldo (2016) traz que uma das dificuldades dos professores é fazer os alunos desejarem o saber, terem vontade de aprender, se esforçarem para serem intelectualmente independentes. Outra questão é como fazer o aluno encontrar esse desejo, como construir nele essa mobilização, que tanto esforço se faz necessário para esse despertar. Parte desta situação é explicada pelo próprio Freud ao afirmar que educar, psicanalisar e legislar são três trabalhos impossíveis. Ele disse também que não é possível educar sobre tudo e nem tudo se cura (MARIOTTO, 2017).

Seria importante o professor saber utilizar o conceito de transferência numa sala de aula. Considerando que ele conduz grupos de estudantes em diversas situações, como jogos de poder, interações, conflitos, etc., sendo que a relação professor-aluno pode ser influenciada por muitos fatores, como por exemplo, desarmonia, incertezas, situações inusitadas, e não necessariamente pelos modelos pré-determinados, influenciando o ato pedagógico. Desta forma, a maneira como o docente conduz a sala de aula e as palavras escolhidas por este são importantes para determinar se haverá transmissão do saber

e se despertará o desejo de aprender nos alunos. O aluno atribuirá ou não ao professor se ele é capaz de provocar nele a vontade de aprender (WELS, 2015).

Bertoldo (2016) apresenta proposições interessantes para a prática das ações em sala de aula que visam promover o processo de aprendizagem e, postula o quão desafiador é esta atitude conjunta entre alunos e professores, uma vez, que a relação é atravessada por conteúdos inconscientes de ambas as partes. A construção de uma aula produtiva não depende apenas do papel desempenhado pelo professor, envolve sobretudo os alunos. Há que considerar também a proposta pedagógica e a qualidade do material didático. Um esforço e empenho conjunto para o êxito da aula.

Para Wels (2015) alguns fatores interferem de maneira positiva ou negativa na questão da assimilação dos conteúdos educacionais, como uma disposição inconsciente favorável ou desfavorável, assim como situações peculiares na didática ou nos materiais pedagógicos. Outro elemento apresentado pelo autor é o desafio da convivência coletiva na sala de aula, que agrupa diversos grupos sociais num mesmo ambiente físico e atmosfera emocional. Visando alcançar o senso de respeito, tolerância e aprendizagem mútua (WELS, 2015).

Retomando Bertoldo (2016), enfatiza que o processo de transferência é uma peça fundamental para que a relação pedagógica, constituída entre docente e discente. Para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça com êxito, o processo de transferência deve acontecer para ativar a conexão na relação professor-aluno. É necessário que dentro do ambiente da sala de aula, tanto o docente quanto o discente assumam seus papéis e suas responsabilidades, para que haja o encontro entre o desejo e o saber.

Neste dinamismo da relação de transferência do aluno para o professor, Pereira (2017) destaca na obra de Freud seis tipificações de transferências a saber:

- **transferência positiva:** todas as pulsões e sentimentos de carinho dirigidos a figura de autoridade, sendo isto necessário para uma boa relação entre professor e aluno;
- **transferência negativa:** pulsões agressivas e sentimentos negativos que podem ser impeditivos no bom desempenho do aluno no processo ensino-aprendizagem. Uma

das hipóteses para a realização da transferência negativa é quando o aluno tem alguma dificuldade de aprender algum conteúdo, por conta de um possível sentimento de culpa e/ou inveja que ele sente de seu professor, fazendo-o atacar seu mestre. Outras hipóteses são quando o aluno tem uma relação negativa com a escola, uma relação não amistosa com o professor, um evento traumático na infância que não tem relação direta com o momento presente;

- **transferência especular:** o discente pede sempre a opinião do professor, pede supervisão, criando uma dependência vinculada às respostas do docente. A transferência especular é mais comum de acontecer nos anos iniciais da vida escolar, onde as crianças ainda não têm uma autonomia intelectual, onde o desejado aqui nesse processo da transferência é que o aluno se fortaleça e progrida na sua autonomia;
- **transferência idealizadora:** o discente faz uma idealização excessiva da imagem do docente. Se o mesmo tiver uma personalidade narcisista em excesso, o aluno pode ter dificuldades de identificar suas próprias competências e dificuldades acadêmicas.
- **transferência erótica e erotizada:** no primeiro conceito envolve sentimentos carinhosos e afetuosos do aluno para com o professor. No segundo conceito, existe uma atração sexual que impede a realização do processo ensino-aprendizagem. Tanto no caso da transferência erótica quanto da transferência erotizada, o professor deve acolher esse aluno sem perder o ponto de vista do ensino, tentando ajudar seu discente a sublimar, mudando o interesse para o conhecimento, cumprindo assim sua função de educar e trazendo o seu discípulo para o caminho da aprendizagem;
- **transferência perversa:** é quando o aluno coloca à prova a autoridade do professor, onde de diferentes maneiras, ele tenta humilhar seu mestre, de maneira injustificada.

Conclui que o repertório afetivo inconsciente do professor, assim como sua maturidade e sensibilidade, é que vão determinar como ele vai lidar com tais demandas da transferência de seus alunos para com ele.

Ribeiro (2014) considera que um dos desafios da psicanálise é compreender como ela pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem. Para ele, entre os estudiosos da aplicação da psicanálise na educação, é consenso que o sucesso pedagógico passa pelo processo da transferência. Parte-se do pressuposto que o aluno deve enxergar um determinado saber na figura do professor e cabe a este desenvolver uma capacidade crítica e autonomia intelectual nos discentes. O docente deve saber dosar entre aquele que pratica o excesso e aquele que renuncia a transferência.

É muito complexa a relação professor-aluno, cheio de sentimentos e comportamentos que podem tanto auxiliar os alunos a alcançarem determinado patamar de aprendizagem, como pode ocorrer conflitos que prejudicam seu desempenho, cabendo aqui a psicanálise ser uma ferramenta para o professor potencializar sua importância nesse cenário (Ribeiro, 2014).

Considerando todo o material coletado e analisado, este artigo não objetiva que o corpo docente faça análise (psicoterapia) ou mesmo seja um especialista na abordagem psicanalítica, visou exclusivamente demonstrar que independente da vontade do professor, haverá a relação de transferência de conteúdos inconscientes do aluno para ele. De acordo com o seu entendimento sobre como isso ocorre, poderá ampliar as possibilidades de intervenção do seu manejo na qualidade professor.

METODOLOGIA

Trata-se de um artigo orientado pela abordagem Qualitativa, que usou como procedimento a Revisão Bibliográfica. Segundo Severino (2013) a revisão bibliográfica se refere aos registros disponíveis, oriundos de pesquisas anteriores, podendo ser artigos, teses, livros, dentre outros. Em relação aos objetivos, é considerada uma pesquisa Explicativa, uma vez que busca analisar e identificar as causas do fenômeno através do método científico. Quanto a natureza, pode ser enquadrada como pesquisa Pura ou Básica, pois visou aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno, sem a pretensão da aplicabilidade das descobertas

(LAKATOS, MARCONI, 2003).

Baseado na aplicação do Fluxograma PRISMA - Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses⁴ (Itens de Relatório Preferidos para Revisões Sistemáticas e Meta-análises), trata-se de um conjunto mínimo de evidências para ser usado em relatórios e revisões sistemáticas e meta-análises, obteve-se o seguinte resultado:

Aplicada as palavras-chave ‘Transferência’ e ‘sala de aula’ no mecanismo de busca da plataforma digital Capes Periódicos, resultou em 62 artigos; selecionado apenas os ‘revisados por pares’ o número reduziu para 49 artigos; aplicado o marco temporal de 10 anos, restringiu para 31 artigos; aplicado o critério para a Língua Portuguesa, o número cai para 19 artigos; efetuando a leitura e análise dos títulos, reduz-se para 07 artigos. Por fim, o último filtro foi a leitura do resumo, sendo selecionado 02 artigos.

Utilizando as palavras-chave ‘Psicanálise’, ‘Transferência’ e ‘Educação’ na plataforma digital BVS, obteve-se: 157 ocorrências, tendo 12 artigos repetidos. Aplicando os filtros: marco temporal (10 anos); idioma língua portuguesa; análise do título dos artigos, este número diminuiu para 02 artigos.

Na plataforma Capes Teses e Dissertações, foi utilizada a palavra-chave ‘Contratransferência’, obtendo 111 artigos. Aplicando os filtros: marco temporal (10 anos); Língua Portuguesa e leitura do título do artigo, reduziu-se para 04 artigos.

Para compreensão dos termos técnicos, foi consultado um Dicionário da Psicanálise (Laplanche e Pontalis, 1977), livros introdutórios à teoria freudiana e a própria obra de Freud.

Feita a seleção do material bibliográfico, passou-se a leitura e análise dos mesmos, com intuito de desenvolver a fundamentação teórica desta pesquisa, que estudou a transferência na relação professor-aluno.

CONCLUSÃO

Cada vez mais cedo inicia-se o contato da criança com a instituição Educação. Em função disso, o educador/professor passa a ser

4 PRISMA, Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses. Disponível em: <http://www.prisma-statement.org/?AspxAutoDetectCookieSupport=1>. Acessado em 01 jun. 2023.

uma das referências para esta criança durante todo o seu processo de desenvolvimento psicossocial e biológico.

Nos primeiros anos de vida são formadas as bases que constituem o psiquismo da criança. De acordo com a psicanálise, o desenvolvimento segue de acordo com as fases psicosexuais (oral, anal, fálica, latência e sexual). São consideradas zonas erógenas, onde estão concentradas o desejo e objeto de prazer da criança. Em cada uma dessas fases há uma correspondência em idade cronológica (FADIMAN, GRAGER, 1979).

Na fase fálica, a criança tem entre 4 e 6 anos, o período em que consegue internalizar as funções do Superego. Na prática significa dizer, compreender regras, normas, leis e principalmente os limites.

Na latência, onde não há nenhuma zona erógena em evidência, a literatura psicanalítica, sugere ser o período ideal para que o processo de alfabetização aconteça. Até chegar esta etapa, a criança já passou por muitas vivências, inclusive por uma possível, elaboração da castração através do Complexo de Édipo (FADIMAN, FRAGER, 1979).

É importante ter este contexto, para entender que a relação professor-aluno, é permeada pela manifestação da transferência, onde as vivências infantis inconscientes e primitivas da criança poderá se manifestar na figura do professor independente da vontade dele.

A literatura pesquisada indica que, via de regra, o professor, em geral, desconhece esta relação. Planeja a estratégia das aulas focado no conteúdo e nas competências que precisa desenvolver no aluno. Considera o material didático, como apoio para fazer adequações as diferentes formas de aprendizagem do aluno. Demonstrando uma certa alienação a despeito das manifestações psicoemocionais do aluno em relação a sua figura.

Pelo desconhecimento sobre a transferência, normalmente o professor absorve para si ou ignora os conteúdos inconscientes que o aluno lhe transfere. O professor é o mesmo para um grupo de diferentes alunos, de acordo com a história de vida de cada um, podem transferir diferentes temas ao professor. De forma, que alguns alunos estabelecerão com ele uma relação de carinho, afeto e até admiração. Acreditando que ele tem acesso a um conhecimento que o aluno não tem e, por isso, se torna fonte de desejo. Isso, normalmente, favorece a fluidez do processo de ensino-aprendizagem.

Em contrapartida, outros alunos podem transferir ao professor,

situações não elaboradas de suas histórias pregressas, recheadas de ressentimentos, hostilidades e afrontas. Conteúdos que nada tem haver diretamente com o professor, mas que de alguma forma, o aluno reedita na representatividade do professor, dificultando sua própria evolução.

Pereira (2017) fundamenta que há um esvaziamento da subjetividade do professor, de maneira, que ela será preenchida com os contornos que cada aluno lhe atribuir. Este é um dos fatores relevantes sobre o professor, minimamente compreender, como a relação da transferência influencia a dinâmica da aula.

Quando ocorre a transferência positiva, normalmente o aluno é mais colaborativo, a aula se desenvolve de maneira mais harmoniosa. Mas, também, pode acontecer transferências negativas, transformando o ambiente da aula, em lugar tenso e confuso.

Mesmo a transferência acontecendo numa esfera inconsciente para ambos os lados (professor-aluno), o conhecimento desta dinâmica pode oferecer ao professor uma perspectiva mais ampla de entendimento do que acontece no mundo privado do aluno. De maneira que não precisará, de imediato, tomar para si, a manifestação do aluno, mas tentar entender o porquê ela aconteceu. Ajudando este aluno a ressignificar o papel desta relação, tornando o ambiente da sala de aula mais saudável e produtivo.

REFERÊNCIAS

BERTOLDO, E.S.; **Cenas pedagógicas da escola de um centro socioeducativo: a aula como um não-acontecimento**. Publicado na Revista de Estudos da Linguagem (2016, Belo Horizonte, v.24, n.2, p.519-547). Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8381/9136>. Acessado em: 28 mai. 2023.

FADIMAN, James. FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. Martins Fontes, 3ª edição.

MARIOTTO, R.M.M.; **Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso.** Publicado na revista “Educar em Revista” (2017, Curitiba, n.64, p.35-48). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BkTZcG7YGLq-ZSxbb6C5yLNG/abstract/?lang=pt> Acessado em: 27 mai. 2023.

MORAES, Marina Lisis Montenegro. **A transferência na relação professor-aluno: efeitos no processo de aprendizagem.** Monografia de graduação apresentada à USP Universidade de São Paulo: Campos Santos, 2021. Disponível em Fonte: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/bitstream/handle/11600/63133/TCCcompleto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 28 mai. 2023.

PEREIRA, M.P.; **Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor-aluno.** Publicado na revista “Boletim de Psicologia” (2017, vol.68, n.146, p.25-36). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432017000100004 . Acessado em: 26 mai. 2023.

RIBEIRO, M.P.; **Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor / aluno.** Publicado na Revista de Psicologia da Educação (2014, São Paulo, 39, p.23-30). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003. Acessado em: 25 mai. 2023
SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. Cortez Editora: São Paulo, 2013.

WELS, E.S.; **Entre a transmissão e a transferência: implicações éticas, pedagógica e psicanalíticas da relação mestre-aprendiz no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.** Publicado na Revista Pandaemonium (2015, São Paulo, v.18, n.25, p.168-183). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pg/a/psJLTwGDcdB-ZdrLhQCJsmy/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em: 24 mai. 2023.

Capítulo 8

PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTUDOS E PROPOSIÇÕES

Alex Sandro de Souza

Suzana Barbosa de Castro

Introdução

Antes de qualquer coisa, deixamos claro para nossos leitores a contribuição da Psicanálise para a Educação como uma teoria do desenvolvimento humano e reconhecimento do funcionamento do aparelho psíquico. Nas aulas de Psicanálise e Educação no mestrado discutimos sobre a articulação dos campos educacional e psicanalítico, por meio das principais ideias de Freud e as contribuições de autores pós-freudiano.

Confirmamos neste momento que a Psicanálise contribuiu para a entrada, no campo da Pedagogia, de novos elementos de reflexão acerca dos processos educativos, nomeadamente as discussões sobre a questão da transferência e da contratransferência, no processo da relação educativa, bem como da identificação das angústias e medos presentes nessa relação. Nessa relação chamamos a atenção para a importância da história pessoal e da compreensão dos significados e motivos, conscientes e inconscientes, inerentes a todos os comportamentos, neste sentido a Educação encontra na Psicanálise subsídios que podem direcionar, rever e auxiliar na manutenção da relação transferencial.

A abordagem psicanalítica aumentou consideravelmente o interesse pela investigação do desenvolvimento em geral e, particularmente, do desenvolvimento infantil, bem como contribuiu para um maior conhecimento dos processos psicoafetivos e de pensamento.

O estudo e compreensão do papel das pulsões, desejos, motiva-

ções e intenções foram contributos significativos destes investigadores. Em todos eles são comuns a preocupação com uma compreensão global do desenvolvimento, a busca da totalidade e do sentido individuais, a valorização das experiências subjetivas, a necessidade do estabelecimento de relações e a importância das experiências intersubjetivas.

Método

A Revisão Sistemática de Literatura foi elencada como método para essa pesquisa, que utilizará da pesquisa bibliográfica de produções científicas brasileiras, publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A abordagem será de natureza qualitativa que de acordo com GIL (2002) poderá ser, (...) *desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos*, abordando assim, os aspetos teóricos sobre os temas: Psicanálise e Educação, tendo por objetivo reunir, refletir e sintetizar os resultados das produções científicas, num recorte temporal de cinco anos. Os descritores utilizados para a busca inicial foram “Psicanálise AND Formação Docente”; retornando mil e vinte e sete trabalhos, que após aplicação do filtro em relação ao período considerado de cinco anos, resultou em cento e vinte e oito, consideramos ainda a Educação como área do conhecimento e Educação, Subjetividade e Psicanálise como área de concentração, resultando em vinte e dois trabalhos de dissertações realizadas por pesquisadores brasileiros e que compõe este trabalho.

A partir deste estudo, buscou-se a compreensão do objeto investigado e sua relevância para o cenário educacional brasileiro, assim como para reflexão da contribuição da Psicanálise para a Educação, desta forma neste trabalho optou-se pela abordagem qualitativa, que de acordo KIRSCHBAUM (2013, p.181) são percebidas como adequadas (...) em que o foco do trabalho recai sobre a investigação do ponto de vista subjetivo dos indivíduos e suas formas de interpretação do meio social onde estão inseridos. Para iniciar a coleta de dados, foi realizada uma síntese (Anexo I) com os componentes descritivos que orientaram as etapas deste estudo. Inicialmente, foram retratados vinte e dois trabalhos organizados numa planilha eletrônica segundo o ano de publicação, título, autor, link de acesso, tipo do curso de pós-graduação, universidade, critérios de inclusão e exclusão e status (Anexo II). A seguir aplicamos os critérios de inclusão (QUADRO I) e de exclusão (QUADRO II) que foram estabelecidos de acordo com o

objetivo desta Revisão Sistemática de Literatura.

Tabela 1: Critérios para inclusão de trabalhos

REF.	CRITÉRIOS PARA INCLUSÃO
<i>A1)</i>	Títulos com formação de professor e psicanálise;
<i>A2)</i>	Palavras-chave com prevalência em atividade docente, formação de professor e psicanálise;
<i>A3)</i>	Resumos com aplicação da orientação psicanalítica ao campo da formação de professores.

Fonte: Elaborado pelos autores

Tabela 2: Critérios para exclusão de trabalhos

REF.	CRITÉRIOS PARA EXCLUSÃO
<i>B1)</i>	Títulos não relacionados a formação de professores, psicanálise;
<i>B2)</i>	Palavras-chave não relacionadas a formação de professores e psicanálise;
<i>B3)</i>	Pesquisa que envolva o público-alvo da Educação Especial.

Fonte: Elaborado pelos autores

Os trabalhos selecionados discutem de alguma forma a contribuição da Psicanálise para o campo Educacional Brasileiro. Em síntese as pesquisas foram delimitadas observando-se tema, objeto da pesquisa, justificativa, palavras-chave, fonte da pesquisa, descritores, quantidade de retornos, período considerado, critérios de inclusão e exclusão, idioma, embasamento metodológico, além da questão de partida: Qual a contribuição da Psicanálise na Educação?

Ao aplicar os critérios de inclusão e exclusão dezesseis trabalhos foram excluídos, pois não mantinham relação com a contribuição da Psicanálise na formação docente e sim com os desafios e subjetividades do professor.

Ao final, foram apreciados seis resumos e quando não localizadas as informações foco da análise, recorreremos ao trabalho na íntegra.

Resultados e discussões

“A Psicanálise não pode interessar à Educação salvo no próprio campo da Psicanálise, isto é, pela psicanálise do educador e da criança.” (Milot, 1987, p. 157 apud Kupfer 2001, p.70).

A reflexão psicanalítica aplicada ao domínio pedagógico permitiu reconhecer a enorme diversidade de fatores envolvidos na aprendizagem. Uma de suas contribuições, especialmente importante, adveio do relevo dado aos aspectos mais escondidos na educação e na aprendizagem, nomeadamente os aspectos inconscientes da relação educativa. De acordo com Kupfer (2001, p.72) nem psicanálise apenas, nem apenas educação. Tampouco uma pedagogia psicanalítica, já que não se vale de métodos e técnicas de ensino e nem se propõe a integrar ambas as práticas. Apenas uma reeducação com os mesmos objetivos da análise, como disse Freud. Mais, no fim das contas, do que uma clarear da Psicanálise sobre a Educação. Tal não significa uma tentativa reducionista de explicação do processo de aprendizagem. Pelo contrário, diferentes contribuições da perspectiva psicanalítica têm incentivado a uma compreensão e colaboração transdisciplinares na abordagem das questões que se referem à aprendizagem. O próprio Freud marcou esta abertura, considerando a aprendizagem humana como um conceito que não é unitário, mas muito variável e complexo, ao ponto de, nem a Psicanálise nem a Educação, separadas ou em conjunto, poderem pretender ser os únicos árbitros da verdade e de produção de conhecimento sobre ela. O presente estudo analisou essa contribuição da Psicanálise para a Educação, com o objetivo de investigar o modo pelo qual as interações e vinculações simbólicas e emocionais oferecidas aos estudantes apresentam potencialidades para se constituírem ou não em situações de desenvolvimento, bem como o impacto das práticas organizadas nesses ambientes sobre a vivência das crianças.

QUADRO SÍNTESE REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	
Título: <i>Psicanálise e formação de professores: estudos e proposições</i>	
Tema	Psicanálise e Educação
Justificativa	Analisar a contribuição da Psicanálise no campo Educação Brasileiro
Palavras-chave	Formação docente, Psicanálise e Educação
Fonte de pesquisa	Catálogo de TesWes e Dissertações da CAPES https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/
Descritores	“Psicanálise AND Formação Docente OR formação de professores”
Data e horário	01/06/2023 – 17h
Retorno de trabalhos	1ª Busca – 1027 – Psicanálise AND formação docente 2ª Busca – 105 – Período considerado de 5 anos 3ª Busca - 22 – Área de conhecimento – Educação, Área de Concentração: Educação, Subjetividade e Psicanálise.
Período considerado	2019 a 2023 – 5 anos

<p>Critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos</p>	<p>Grupo 01 – Critérios para inclusão:</p> <p>A1) Títulos com formação de professor e psicanálise; A2) Palavras-chave com prevalência em atividade docente, formação de professor e psicanálise. A3) Resumos com aplicação da orientação psicanalítica ao campo da formação de professores.</p> <p>Grupo 02 – Critérios para exclusão:</p> <p>B1) Títulos não relacionados à formação de professores, psicanálise. B2) Palavras-chave não relacionadas à formação de professores, psicanálise. B3) Pesquisa que envolva o público-alvo da Educação Especial.</p>
<p>Idioma</p>	<p>Língua Portuguesa</p>
<p>Embasamento metodológico</p>	<p>Revisão sistemática com meta-síntese (Siddaway, Wood, Hedges, 2019)</p>
<p>Questionamento para análise</p>	<p>Qual a contribuição da Psicanálise para a Educação?</p>

Anexo B

FORMULÁRIO DE CONDUÇÃO PARA A REVISÃO DE LITERATURA “Levantamento bibliográfico da psicanálise na formação do professor– 2018/2023”									
QUANT.	ANO	TÍTULO	AUTOR	LINK	TIPO	UNIVERSIDADE	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO ATENDIDOS	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO ATENDIDOS	STATUS
01	2020	A RE-LAÇÃO TRANSFERENCIAL PROFESSOR - ALUNO REPRESENTADA NO DESENHO INFANTIL: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	ATAIDE, CAROLINA CAMPOS LEITE LOYOLLA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9857944	DISSERTAÇÃO	IBIRAPUERA		B1 B2	EXCLUÍDO
02	2021	A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO NO CAMPO DA PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO	CAMARGO, DANIELA BEATRIZ PIRES	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10971698	DISSERTAÇÃO	IBIRAPUERA	A1 A2 A3		INCLUÍDO
03	2021	TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO Impacto na vida de professores em tempos de pandemia'	SILVA, WAGNER ANTUNES DA.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13020697	DISSERTAÇÃO	IBIRAPUERA		B1 B2	EXCLUÍDO
04	2021	O RACISMO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E O JUDICIÁRIO: LIMITES E POSSIBILIDADES'	FULLE, BRUNO FERNANDES.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10971659	DISSERTAÇÃO	IBIRAPUERA		B1 B2	EXCLUÍDO

ABORDAGENS DA PSICANÁLISE SOB À ÓTICA EDUCACIONAL

05	2021	REPRESENTAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO TÉCNICO SOBRE FORMAÇÃO DO CENTE'	SILVA, TIAGO ESTEVES DA.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10971705	DIS-SER-TAÇÃO	IBIRA-PUERA	A1 A2 A3		IN-CLU-SO
06	2021	MAL-ESTAR DOCENTE Vivências subjetivas do professor na pandemia'	SAGGIN, LEONILSE.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13017946	DIS-SER-TAÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLU-DO
07	2021	FORMAÇÃO DO CENTE E INCLUSÃO ESCOLAR. ESTUDO SOBRE ADEQUAÇÃO DAS EMENTAS DE CURSOS DE PEDAGOGIA À LEGISLAÇÃO BRASILEIRA PARA INCLUSÃO'	BIANCO, MARCOS WANDER.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10971558	DIS-SER-TAÇÃO	IBIRA-PUERA	A1 A2 A3		IN-CLU-SO
08	2021	EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE: PERSPECTIVAS DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO	AZEVEDO, TIAGO DIAS FER-RACIOLI.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10997767	DIS-SER-TAÇÃO	IBIRA-PUERA	A1 A2 A3		IN-CLU-SO
09	2021	O MAL-ESTAR DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: DAS DEMANDAS DO ENSINO EM TEMPO DE PANDE-MIA'	LIMA, JOSEANA SIMONE DE-CKMANN.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11022785	DIS-SER-TAÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLU-DO

10	2021	PRÁTICAS RESTAURATIVAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL. Análise compreensiva do processo de intervenção grupal de alunos de Ensino Médio em situação de conflito'	RONCON, PAULO FERNANDO	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13020435	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO
11	2021	A SOLIDÃO COMO FIGURA DO MAL-ESTAR DOCENTE	MIRANDA, THIAGO APARECIDO.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13018290	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO
12	2021	EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PRESENÇA DA TEMÁTICA DO TRANSTORNO DO ESPECÍFICO DO AUTISMO (TEA) NOS CURRÍCULOS DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA	GUAZZELLI, NERISE MAIA.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10971588	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA	A1 A2 A3		IN-CLU-SO
13	2021	EDUCAÇÃO, TRANSMISSÃO E CULTURA: A IMPORTÂNCIA DAS CANTIGAS TRADICIONAIS NA FORMAÇÃO ESCOLAR'	SILVA, JULIANA DE ALMEIDA CARVALHO.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10971440	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO
14	2022	FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM BASES PSICANALÍTICAS Revisão narrativa de literatura'	MARTINS, KARINE PERES	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13676672	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA	A1 A2 A3		IN-CLU-SO

ABORDAGENS DA PSICANÁLISE SOB À ÓTICA EDUCACIONAL

15	2022	AUTOCONCEITO E VÍNCULOS FAMILIARES. ANÁLISE DE POSSÍVEIS ASSOCIAÇÕES	ARTIBANO, RENATA GALLEGU DE MOURA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13676941	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO
16	2022	A INCLUSÃO ESCOLAR DE AUTISTAS E O RECONHECIMENTO DO SUJEITO NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR '	LAZARINO, ROGERIO DE SOUZA	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13380062	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2 B3	EX-CLUI-DO
17	2022	RELAÇÃO FAMILIA-ESCOLA NO ENSINO REMOTO EMERGEN-CIAL:Revisão de literatura '	SIMAO, MARCELA ZINA PENITENTE DE OLIVEIRA.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13676800	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO
18	2022	RELAÇÃO FAMILIAR e RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: Análise das possíveis associações'	RODRIGUES, EURICO FIAME.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12142919	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO
19	2022	TRANS-TORNO DO ESPECTRO AUTISTA PERCEPÇÃO DO-CENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO'	MEN-DONCA, BARBARA BERTOLLOTTI.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12141838	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2 B3	EX-CLUI-DO
20	2022	O PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NA ESFERA EDUCACIONAL Desafios em tempos de pandemia'	OLIVEIRA, VINICIUS EUGENIO BAPTISTA DE	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13693479	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA		B1 B2	EX-CLUI-DO

21	2022	PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA AUMENTATIVA COM OS ESTUDANTES COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA'	SOUSA, ROSANA NASCIMENTO DE	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13693387	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA	B1 B2 B3	EX-CLUI-DO
22	2022	NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE AS NARRATIVAS A RESPEITO DO AUTISMO: A PRESENÇA E O RECONHECIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA - ENLACES ENTRE ANÁLISE DE DISCURSO E PSICANÁLISE'	SANTOS, DOUGLAS MANOEL ANTONIO DE ABREU PESTANA DOS.	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12142652	DIS-SER-TA-ÇÃO	IBIRA-PUERA	B1 B2 B3	EX-CLUI-DO

Bibliografia

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa - 4. ed.** - São Paulo : Atlas, 2002

KIRSCHBAUM, C. (2013). **Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 28(82), 179 -193.

KUPFER, M. CRISTINA. **Educação para o futuro: psicanálise e educação.** São Paulo: Escuta, 2001.

Capítulo 9

A PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO DOCENTE

Miriam Carvalho Xavier¹

Profª. Dra. Marcia Siqueira de Andrade

Introdução

As origens históricas da formação profissional dos professores regressam ao século XVII, pois este tema já era apontado por Comenius e por La Salle, fundadores do Seminário dos Mestres no ano de 1684. Entretanto, só após a Revolução Francesa, quando surge o problema da educação em geral, que a questão se torna realmente institucionalizada.

Ao reportar a temática no Brasil, a literatura aponta que a formação dos docentes passou por diversas fases e transformações sociais nos últimos dois séculos, se diferenciando por momentos a partir do modelo inicial das Escolas Normais, percorrendo assim a organização dos Institutos de Educação, pela Habilitação Específica de Magistério e finalizando no ano de 2006 com as novas diretrizes curriculares dos cursos de pedagogia.

Quando o assunto é educação, a literatura cita a influência de Freud em várias etapas e processos. Freud manifestou interesse pelas relações que a Psicanálise e a Educação poderiam ser construídas, bem como a importância das possíveis conexões entre estas vertentes. Ele já apostava que a educação poderia ser um instrumento de transformação, porém sabia que para isso seriam necessárias varias mudanças.

No estudo da formação de professores, em relação aos campos

¹ Especialista em Enfermagem em UTI, Urgência/ Emergência, Docência em Enfermagem, Enfermagem do Trabalho, Gestão em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família, Estética em Enfermagem, Auditoria, MBA- Coaching em Gestão de pessoas, Mestranda em Educação.

da psicanálise e da educação, o sujeito é entendido no sentido analítico, em oposição à concepção psicológica da pessoa. O sujeito da psicanálise não é o agente da ação. Em resumo, é o próprio homem que obedece às leis linguísticas que o constituem e se manifesta privilegiado na formação do inconsciente.

A psicanálise não precisa ser associada a ideais científicos clássicos para se afirmar como método científico. Essa talvez seja a maior contribuição de Lacan (psicanalista Francês) nesse sentido, mesmo com o desejo de Freud de tratar a psicanálise como uma ciência.³

É sabido que os estudos psicanalíticos na educação foram embasados no referencial freudiano, que aponta muitas reflexões para esta área. Considera a existência de circunstâncias psíquicas as quais incidem no processo de educar.

É pertinente ao docente, instruído pela ética da psicanálise, o compromisso de manter a marca de sua vontade no próprio ato de transmitir o que se propõe, demonstrando, em cada vínculo criado com os alunos, a característica discreta do saber psicanalítico.

Estabelecendo a relação da educação com a psicanálise, é possível entender os fatores psíquicos da aprendizagem e também obter uma análise completa e abrangente dos aspectos inconscientes associados ao processo.

Seguindo a ideia de que a psicanálise é um campo de conhecimento cujo objeto de estudo são os processos inconscientes e, especialmente, o conhecimento concebido pela psicanálise se deslocou para a prática clínica, levanta-se a hipótese de que ela pode contribuir para outras áreas, em particular, neste caso o da Educação. Postula-se então que a educação pode se beneficiar dos fundamentos epistemológicos desse conhecimento, que ajudam a explicar como se constitui o sujeito do inconsciente, e conhecer conceitos, pelo modo como afeta os processos educativos.

Objetivo

Conhecer o papel da psicanálise na formação e desenvolvimento dos docentes.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva realizada através de uma

Revisão da Literatura, com análise qualitativa. A busca foi realizada nas bases científicas *LILACs*, *SCIELO*, *CAPS* e como complemento no Google Acadêmico. Foram utilizadas ainda teses e dissertações que abordem a temática explorada.

Para o presente estudo, foram utilizados os seguintes descritores: Psicanálise; Educação; Docente. Os artigos foram selecionados por meio de critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados no período de 2013 a 2023; artigos originais; com publicações disponíveis na íntegra; que respondam a questão norteadora e que sejam publicados no idioma português. Como critérios de exclusão, têm-se: data de publicação anterior ao ano de 2013; registros duplicados e artigos que não responderam ao objetivo do estudo.

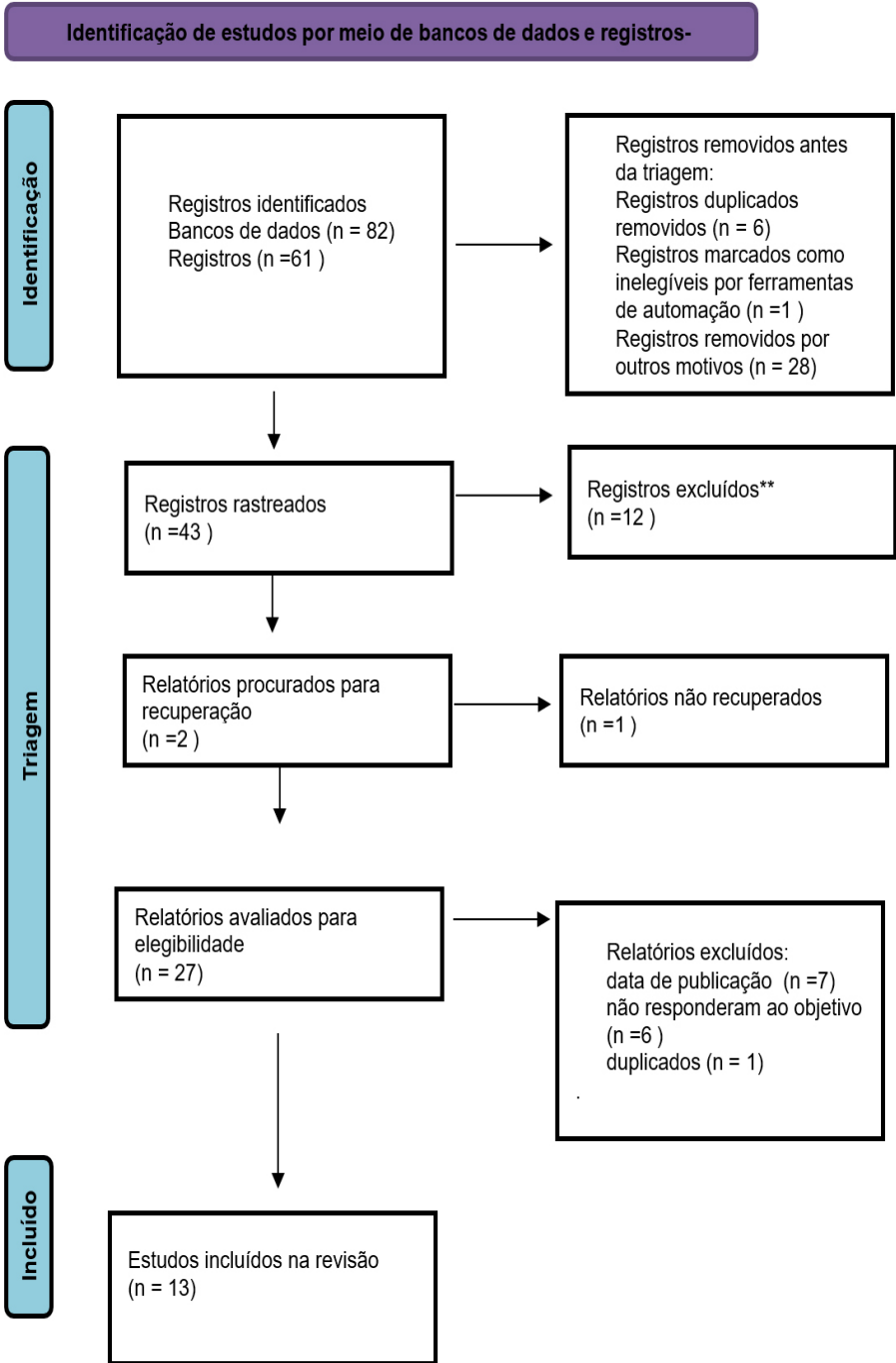
A seleção então foi analisada e separada por categorias conforme semelhança, sendo então comparados com outros estudos. Os resultados encontrados serão descritos por meio de frequências, discutidos segundo a literatura pertinente, possibilitando ao leitor a avaliação da aplicabilidade da revisão integrativa elaborada, a fim de atingir o objetivo desse método.

Resultados e Discussão

Através da busca nas Bases de Dados, utilizando os descritores específicos, foram encontradas 83 publicações, incluindo artigos e teses que mencionavam o assunto, destes, foram selecionados 13 artigos por responderem ao objetivo proposto e seguiram os critérios de inclusão.

O Fluxograma 1 demonstra a síntese da busca e seleção bibliográfica para este estudo.

Fluxograma 1.



Fonte: Os autores, 2023.

Princípios para a Formação do Docente

O ato de ensinar consiste em conduzir o aluno, transformando seu conhecimento anterior para um novo entendimento. O docente, de modo consciente ou não, acompanha o aluno como sujeito e, portanto, também como ser de desejo, sustentando-o na articulação de seu saber inconsciente para um saber abrasador. E se necessário, o docente deve considerar-se responsável por transmitir ainda a lei simbólica para que o aluno aprenda a superar seus desafios e buscar sua evolução.⁷ A formação dos docentes deverá ser embasada na capacidade de desenvolvimento do aluno, estabelecendo relações cordiais, acolhedoras e estimulantes, capazes de superar limites. Este deverá reconhecer suas emoções, construir relacionamentos seguros com seus alunos e ampliar conhecimentos em um clima compreensão. Sendo assim, Almeida e Neto afirmam que as escolas são locais onde todo o patrimônio cultural é partilhado com as novas gerações. É da generosidade e empatia, que deverá surgir a busca criativa pela metodologia de ensino mais efetiva. Essa é a mola propulsora por trás da verdadeira atividade educacional.

Passone cita que no Brasil, o processo de democratização da educação e do sistema de ensino tem conscientizado os profissionais envolvidos para o reconhecimento da heterogeneidade e pluralidade humana, buscando para todos a igualdade de direitos e de justiça social, em termos de ações afirmativas em relação aos inúmeros grupos socioculturais que foram desvalorizados e marginalizados por muitos anos, representando uma parcela considerável de crianças e adolescentes que são sistematicamente excluídos da escolarização formal e da educação.

Atualmente, é perceptível o incentivo para o desenvolvimento das competências e habilidades em relação ao processo educativo e formativo dos alunos. Essa propensão educacional moderna, que aparentemente é democrática por defender alunos que buscam o conhecimento de maneira independente nos diversos recursos existentes, auxilia na produção de sujeitos. Desde os princípios, educar é uma forma de desenvolver novas maneiras de se agir, de enxergar o mundo, de se ajustar à sociedade em que esta emergida.

Citando uma passagem do texto *Psicologia do Colegial* Freud, publicada em 1913, é apontado que o docente é percebido quando está revestido por seu aluno de uma importância notável, e graças a esta, o

docente passa a se apoderar de influência positiva sobre o aluno. Durante muitos anos, segundo Freud, são os professores, que, em nome dos pais da criança, herdaram os sentimentos pelos quais a criança se dirige a este último.

Sendo assim, um dos grandes desafios na formação e prática docente é dotar os professores de uma perspectiva analítica que os ajude a reconhecer certas ilusões e mistérios no campo da educação, como os discursos que descrevem “situações de fracasso escolar”. Os educadores podem entender seu envolvimento dialético em sua prática, ou seja, rotular e excluir diferenças e dissimilaridades com base em raça, gênero, classe social e preconceitos psicológicos.

É fundamental que se atente à dimensão de complexidade que acompanha o ato de educar. Incorporar perspectivas sobre esse assunto e oferecer atividades instrucionais que abranjam as dimensões cognitivas, social e emocional da educação são desafios que estão além do escopo da formação atual de professores. Torna-se necessário ir além das expectativas e buscar recursos que ajudem os educadores a entenderem o próprio sentido de sua atividade docente.

Educação e Psicanálise

Relatando um pouco sobre a história da psicanálise, que foi apresentada no Brasil por psiquiatras, foi inserida posteriormente em outros campos como a educação. Este processo, segundo dados literários, ocorreu de forma lenta, justificado pelo fato de que as possibilidades de aplicação terapêutica da psicanálise eram muito restritas e ainda pouco acessíveis aos profissionais brasileiros que até então só conheciam a psicanálise na teoria. No início já é possível notar que a psicanálise no Brasil segue estruturada a outras disciplinas com uma construção teórica desenvolvidas para responder às práticas sociais utilizadas em diferentes campos do conhecimento.

É possível diferenciar dois períodos históricos diferentes quando se aborda a teoria psicanalítica, no Brasil seu marco inicial deu-se na primeira metade do século XX. Sua primeira fase, iniciada em 1920 e seguindo até metade da década de 1930, é caracterizada por um período de divulgação da teoria psicanalítica junto aos educadores. A segunda fase, iniciada na segunda metade da década de 1930, teve seu marco com a aplicação da psicanálise à higiene mental escolar, este fase transcorreu até 1950.

Os autores Almeida e Neto, baseados na publicação de Freud, no ano de 1989, discutem sobre os possíveis diálogos que existem entre a teoria psicanalítica e o referencial educacional contemporâneo, bem como a interseção da obra de Freud com o referencial teórico da pedagogia. Sendo assim, acredita-se que a pedagogia, assim como a ação educativa, de fato, só tem a ganhar quando se intercalam com as ações desenvolvidas por especialistas da psique humana.

Continuando o relato sobre o papel da psicanálise na educação, é citado que, a partir da década de 1990, os psicanalistas voltam seus olhares ao ambiente escolar e principalmente às relações e questões subjetivas dos professores. A psicanálise então deixa de ser vista apenas como meio para tratar à criança problema, excluindo os estigmas e preconceitos do passado, priorizando assim as relações entre família, escola e comunidade.

Tal fato reforça o processo de transferência e contratransferência, que perpassa a relação entre professor e aluno, indo além da atividade clínico-terapêutica da escola. Assim, não só as questões do aluno são importantes, mas também a importância do professor no processo de aprendizagem, onde as experiências de vida e os aspectos inconscientes da estrutura da subjetividade docente são considerados no método de ensino e na relação com o ensino.

Squarisi faz uma análise sobre o papel da psicanálise na educação e cita:

“Ao se pensar a psicanálise e as suas possíveis contribuições para o campo da Educação, compreende-se que o ato educativo não diz respeito ao que é da ordem técnica, não se submete aos procedimentos metodológicos, pois está permeado pelos elementos que constituem a subjetividade humana”.

Para Pereira, a psicanálise tem oferecido grandes contribuições às diferentes áreas do conhecimento científico. No que tange a área de educação, sabe-se que Freud não se restringiu especificamente ao processo de aprendizagem, mas implementou teorias sobre o funcionamento da mente, da personalidade e também do desenvolvimento do ser humano, que constituem a investigação deste processo.

Santos, concordando com a ideia de Pereira, também se baseia na análise proposta por Freud sobre a temática psicanálise na formação do docente, e o papel desta para o processo de educação. Estes autores citam as propostas de Freud nas discussões em relação a um

mundo melhor e apela à educação como meio de mudança no mundo.

Outra grande contribuição da psicanálise para a educação é notada em publicações de autores que foram influenciados também pela releitura lacaniana embasadas nas obras de Freud. Sendo assim, Oliveira e Batista citam que:

“Observa que, na relação professor-aluno, é criada uma barreira entre o um professor “que sabe tudo” e um aluno “que não sabe nada”, que garante e contém um conjunto de proteções e resistências”. A pedagogia funciona como um drama que repete muitas vezes situações da família. Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno”.

Com o passar dos anos, a ciência evoluiu, e a psicanálise, que era inscrita no discurso médico da época, passa a ser citada pela educação como uma ciência hábil a apoiar tanto na compreensão do desenvolvimento emocional quanto na resolução das dificuldades escolares que impediam a expressão das potencialidades dos alunos, atendendo, nessa época, como mais uma teoria a serviço da psicologização da educação agregada ao discurso médico higienista.

A psicanálise em sua plenitude é influenciada pelo modelo de atenção psicossocial embasado no conceito de saúde integral, na qual se atenta para a promoção e a prevenção em saúde mental e pública, em comunhão com políticas de saúde em geral. Pode considerar que este é um instrumento teórico e prático perante o sofrimento e adoecimento do ser humano, com uma visão ampla para a particularidade do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o interesse de Freud pela pedagogia, a relação entre psicanálise e educação tem possibilitado aos educadores compreender melhor o desenvolvimento do aluno. A premissa básica da psicanálise é a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente. A psicanálise auxilia o docente a compreender essa relação, além de dimensionar sua importância, refletindo sobre você e sua prática de ensino, consciente de sua singularidade, responsabilidades e imensos desafios.

Os questionamentos sobre as contribuições que a psicanálise

pode trazer para a educação são intensos, e há tentativas potenciais de definir um campo conceitual e teórico. O impacto da psicanálise na educação é inegável, pois esta foi introduzida no ambiente escolar como um guia para a prática educacional, buscando elucidar as práticas educacionais e esclarecer os efeitos terapêuticos subjacentes a esse trabalho.

Diariamente, devemos ter uma análise crítica de como a psicanálise tem se apresentado e articulado a educação para não cair na falha em continuar sustentando práticas passadas de rotulação em função dos alunos que não respondem as expectativas idealizadas pelo professor.

Por fim, torna-se imprescindível considerar a ligação da psicanálise na educação para melhorar a qualidade do sistema educacional brasileiro. Parte-se da ideia de que o processo de aprendizagem inclui tanto os aspectos conscientes que visam facilitar o conhecimento objetivo quanto os aspectos inconscientes que dão sentido a esse conhecimento. É necessária, portanto, uma compreensão mais ampla do processo educativo que considere vários aspectos do processo educativo, incluindo aspectos subjetivos, psicossociais e institucionais que representam as realidades materiais e psicológicas nas quais as práticas educativas acontecem.

REFERÊNCIAS

1. Palhares O, Bastos MB. Duas notas sobre a formação de professores na perspectiva psicanalítica. *Estilos clin.*, São Paulo 2017 maio/ago; 22(2): 246- 267.
2. Santos DMAAP. O sujeito “PROFESSOR” no ensino superior atual sob a ótica da psicanálise. *Revista Humanidades e Inovação – Palmas* 2022; 9(23):301- 309.
3. Cruz ADG, Souza HG. Acerca das resistências à psicanálise: um impasse que atravessa a universidade. *Rev. Docência Ens. Sup.*, Belo Horizonte 2017 jan./jun; 7(1):110-123.

4. Squarisi KMV. Memória educativa de professores do PNAIC: uma leitura psicanalítica do mal estar na alfabetização. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), 2021, 201 p.
5. Pereira MP. Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor/aluno. *Boletim de Psicologia* 2017; 67(146):25-36.
6. Valente TS. Contribuições do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Educação: a articulação psicanálise e educação e o significado de aluno-sujeito. *Educar em Revista* 2017 abr./jun.; 64(1):137-152.
7. Weber JM, Strohmer J. Quem tem medo do saber não sabido? Determinantes da relação com o saber na formação de professores-estagiários. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, 2017 abril-junho; 1(64): 49-69.
8. Almeida AP, Naffah Neto A. Psicanálise e educação escolar: ressonâncias de Sándor Ferenczi para uma pedagogia do cuidado . *Estilos da Clínica* 2019; 24(2): 262-275. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p262-275>. Acesso em 10 de junho de 2023.
9. Passone EFK. Educação Social: quando o passado é desafio presente na formação docente. *Cadernos de Pesquisa* 2017 abr./jun.; 47(164):359-384.
10. Oliveira MRF, Batista CVM. O (im)possível de educar em tempos de crise: Psinálise e Educação Crítica. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade* [online] 2020; 29(60):17-30. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010470432020000400017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 de junho de 2023.
11. Barros JF, Abrão JLF. Psicanálise e Educação no Brasil a partir de 1950: um estudo histórico. *Estilos clin.* São Paulo 2017 agosto; 22(2).

12. Pereira MP. Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: A transferência na relação professor-aluno. *Boletim de Psicologia* 2017; 68(146):25-036.
13. Colao MM, Pokorski MMWF, Fochesatto WPF, Rabuske AS. Psicanálise ampliada: possibilidades na pandemia. *Estudos de Psicanálise Rio de Janeiro* 2020 dez.; 1(54): 37–46.

Capítulo 10

TRANSFERÊNCIA & CONTRA-TRANSFERÊNCIA: REFLEXÃO DOCENTE NA ÓTICA DA PSICANALISE

Eliana dos Santos Farias¹

Prof.^a Dr.^a Marcia Siqueira de Andrade²

INTRODUÇÃO

Os desafios enfrentados pelo ensino na modernidade são complexos, exigem a quebra de paradigmas e a construção de novos ideais e práticas institucionais para a educação de sujeitos implicados com construção de um mundo melhor.

A relação professora aluno é objeto de inquietação no campo da educação, partindo da suposição de que a relação pedagógica está implícita na relação humana, a educação se desenvolve muito mais pelo laço que se estabelece do que pelo conhecimento adquirido que expressamos ao outro. Este artigo pretende demonstrar a importância do entendimento dessa relação, à luz da psicanálise, considerando os processos inconscientes presentes nessa relação pela via da transferência e contratransferência.

A transferência é classicamente reconhecida como um conceito central na psicanálise (Racker, 1982; Laplanche & Pontalis, 1999; Zimerman, 2002). Freud (1912/1981) afirma que este fenômeno está presente em todas as relações humanas. É na psicanálise que o conceito é compreendido em uma dinâmica subjetiva e constituído por conteúdos inconscientes. Isso permite fazer a aproximação na relação professor-aluno, buscando a transferência, isto é, os conteúdos incons-

1 Mestranda em Educação, Formação de professores, educação inclusiva e psicanálise – PPGE pela Universidade Ibirapuera. Bibliotecária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Contato:cpetronilha@gmail.com.

2 Artigo elaborado para a disciplina de Psicanálise e Educação como requisito parcial para a conclusão da mesma.

cientes que circulam nesta parceria.

Na visão psicanalítica de Freud, aprender supõe a presença de um professor, o qual será colocado numa determinada posição, que pode ou não propiciar a aprendizagem. Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma relevância especial. Portanto, para Freud, a importância não está nos conteúdos e práticas pedagógicas a serem ministrados pelo professor, mas sim no cenário que se estabelece entre o docente e seu aluno, cenário este que estabelece as condições para o aprendizado, sejam quais forem os conteúdos e suas respectivas práticas pedagógicas. KUPFER, 1989 ao analisar a transferência, Kupfer destina a importância ao desejo de saber do aluno. Assim, a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se harmoniza, e se une com a figura do professor. Entretanto transferir, neste contexto, traz implicações para o professor, uma vez instalada a transferência, o professor se torna detentor de algo que pertence ao aluno. Em decorrência disso, o professor fica irremediavelmente carregado de uma importância especial.

Este trabalho busca discutir através de uma revisão sistemática de literatura, as produções teóricas sobre o conceito de transferência e contratransferência entre professor - aluno, segundo a teoria psicanalítica de Freud; investigar suas respectivas interferências no processo ensino aprendizagem. Analisar as principais contribuições da psicanálise para o campo da educação.

REFERENCIAL TEORICO

1.0 A relevância do conceito da transferência na relação professor-aluno.

A Transferência não é um termo da psicanálise, etimologicamente, a palavra transferência vem dos étimos latinos trans e ferros. O prefixo trans alude a “passar através de” ou “passar para outro nível”; enquanto ferros quer dizer “conduzir” (Zimerman, 2002). É um vocábulo utilizado em diversos campos, denota-se, sempre uma idéia de transporte, de deslocamento, de substituição de um lugar para o outro.

A transferência pedagógica se refere aos conteúdos afetivos que o aluno destina à figura do professor. Kupfer (2004, p. 88), com base na teoria freudiana lacaniana, assinala que “um professor pode tornar-se a figura a quem serão endereçados os interesses de seu aluno,

porque é objeto de uma transferência. E o que se transfere são as experiências vividas primitivamente com os pais”. Freud aponta-o como um fenômeno psíquico que se encontra presente em todos os âmbitos das relações com nossos semelhantes. Ele reconheceu a possibilidade de que a transferência acontecia na relação professor-aluno. Na relação professor-aluno, está implica uma relação de amor, uma relação afetiva. Uma relação de confiança de valorização do conhecimento, da revelação das habilidades e potencialidades do outro, só é possível através da afetividade. Com o afeto a criança se redescobre, se percebe, se valoriza, aprende a se amar transferindo este afeto em suas vivências e conseqüentemente na aprendizagem escolar. A noção de transferência pode contribuir para entender esta relação que envolve interesses e intenções, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros das espécies humanas.

Transferência Positiva Para Freud (1912/1981), se refere a todas as pulsões e derivados relativos à libido, especialmente aos sentimentos carinhosos e amistosos dirigidos ao analista. Foram incluídos, aqui também, os desejos eróticos, quando sublimados sob a forma de amor não sexual e que não persistiram como um vínculo erotizado. A transferência positiva é considerada uma parte importante no processo ensino aprendizagem, pois permite que o aluno desenvolva confiança no professor e se sinta confortável em expressar seus pensamentos e dúvidas.

Transferência Negativa Freud (1912/1981) denominou transferência negativa à predominância de pulsões agressivas e seus derivados, sob a forma de inveja, ciúme, rivalidade, voracidade, ambição desmedida, algumas formas de destrutividade, além do erotismo também encontrado na transferência positiva. Assim, a transferência negativa pode ser um obstáculo para o sucesso do processo pedagógico bloqueando o ensino aprendizagem.

Transferência especular esse tipo de transferência é próprio de pessoas com fixações em etapas primitivas, nas quais as necessidades emocionais básicas não foram suficientemente satisfeitas pelos cuidados de uma adequada materna. Pensando com olhar do educador é necessário que o docente venha estar atento a essa transferência para não reforçar a idealização do aluno, mas sim ajuda-lo com a realidade de forma saudável

Transferência Idealizadora Zimmerman (2002) assinala que uma

transferência excessivamente idealizada do paciente em relação ao seu analista encobre uma forte carga persecutória subjacente, e também representaria uma forma de controle onipotente do analisando sobre o analista. O termo “Transferencia idealizadora é utilizada na psicanálise para descrever a tendência dos pacientes em idealizar o terapeuta como uma figura perfeita e idealizada, projetando nele seus próprios desejos e necessidades inconscientes.

Transferência Erótica e Erotizada Para Zimerman (2002) a transferência de características eróticas abrange desde os sentimentos afetuosos e carinhosos até o outro polo de uma intensa atração sexual pelo analista, atração que se converte em um desejo sexual obcecado, permanente, consciente, egossintônico e resistente a qualquer tentativa de análise. O autor destaca que a expressão da sexualidade não deve ser reprimida, mas sim ser compreendida e interpretada em suas diversas manifestações.

Transferência Perversa Zimerman (2002) assinala que neste tipo de transferência é comum os pacientes tentarem perverter as combinações que eles aceitaram no contrato analítico, procurando modificar as regras do enquadre de trabalho, que, em última instância, tem como finalidade tirar o analista de seu papel. O autor afirma que o terapeuta deve trabalhar para identificar e analisar a transferência perversa, para que possa ajudar o paciente a superar sua dependência emocional e desenvolver uma relação mais saudável com o mundo externo.

Seria prudente, se todos os professores ou boa parte deles conhecessem o conceito de transferência, para melhor entender a sua relação com o aluno. Pois este processo transferencial ocorre o tempo inteiro no cenário escolar e sem dúvida seria um grande avanço na relação professor aluno, pois o mesmo é o objeto da transferência. Privilegiar a singularidade do aluno é um aspecto que é digno atenção central.

1.1 Desafios do docente na sala de aula: Implicações da contra-transferência

Para Kupfer (1989), o contexto do âmbito escolar, onde se dá a relação professor-aluno e desenvolve-se um meio propício ao surgimento dos fenômenos transferenciais, não difere em sua estrutura de dominação do ambiente familiar.

Na sala de aula, a posição ocupada pelo professor nos remete a relação de subordinação dos filhos aos pais, em seu lar. O professor,

aquele que tudo sabe, detém o poder e o comando da situação, ocupa uma posição de superioridade em relação ao seu aluno, mero receptor passivo de conhecimento. Em outras palavras, os indivíduos revivem sentimentos inconscientes de relações significativas passadas, dentro de uma nova relação, com outra pessoa. Já que a relação pedagógica subentende uma relação humana, entre seres iguais, os conflitos trazidos por ambas as partes envolvidas, são um vasto campo de pesquisa das implicações advindas desse fato. Lembrando que também entramos em um labirinto cultural imensurável que influencia na relação professor aluno.

Freud (1910) assegura que a transferência e a interpretação são os dois instrumentos com os quais conta o processo analítico, demonstrando como o fenômeno transferencial pode ajudar a superar as resistências entre inconsciente e consciente. No entanto, este tema da contratransferência, que, tal como o da transferência, é essencial para pensarmos a relação professor- aluno.

Freud (1910) defende que a transferência é vivida pelo paciente ao mesmo tempo em que a contratransferência é experimentada pelo analista. A contratransferência é definida como sendo a influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do analista, o qual deveria não apenas reconhecê-la, mas, sobretudo, dominá-la.

O professor, durante as relações pedagógicas com seus alunos, deve estar sempre atento aos processos contratransferências que podem surgir, pois, na mesma medida em que a transferência pode servir como um impedimento à associação livre do aluno, do lado do professor a contratransferência pode servir como um obstáculo à compreensão do aluno. A contratransferência seria uma espécie de resistência do professor em relação com seus alunos. A forma como o docente lida com os próprios processos internos, entre outros fatores, pode interferir no sucesso ou fracasso do processo aprendizado do seu aluno. É por isso que Freud (1910) enfatiza a necessidade da própria análise para todo aquele que queira, um dia, praticar a psicanálise. Não necessariamente o professor ser um profissional da psicanálise porém realizar sessões de psicanálise seria um ganho para si devido o investimento do seu autoconhecimento e para o mundo externo, professores que desconhecem a influência dos fenômenos transferenciais em sua prática educativa estão sujeitos a desenvolver ações pedagógicas pouco eficazes, por não considerar questões subjetivas e os desejos dos educandos.

Se presumirmos que na educação, a exemplo da análise, a ocorrência da transferência, logo somos conduzidos a admitir também na ocorrência da contratransferência. Somos induzidos a pensar que o professor, tal como o analista, diante da manifestação transferencial de seu aluno pode ser tomado por reações inconscientes, que escapem ao seu autocontrole. Somos levados a pensar que o professor pode responder com agressividade às investidas hostis de algum aluno ou, de outro modo, pode responder às demandas amorosas de uma criança, saindo de seu papel de mediador do processo de aprendizagem e passando a ocupar o lugar de pai ou mãe.

2.0 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Este tipo de estudo tem por finalidade reunir e sintetizar os resultados de pesquisas sobre um determinado tema, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo desta forma para o aprofundamento do conhecimento do assunto pesquisado (MENDES CDS, et al., 2008).

Para sua confecção seguiu-se seis fases: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (SOUZA MT, et al., 2010).

A pesquisa foi realizada nos meses de Abril a Junho de 2023, utilizando como critérios de inclusão artigos disponíveis na íntegra, de maneira gratuita, em língua portuguesa, publicados entre 2012 e 2022. Como critérios de exclusão optou-se por não utilizar, monográficas, teses, textos incompletos e artigos que não estavam relacionados à temática estudada.

O levantamento dos artigos na literatura foi realizado por meio de pesquisa na biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Periódico da Capes. Durante a busca, os descritores foram cruzados entre si com o uso do operador booleano “and”, empregou-se também o filtro de datas em todas as buscas.

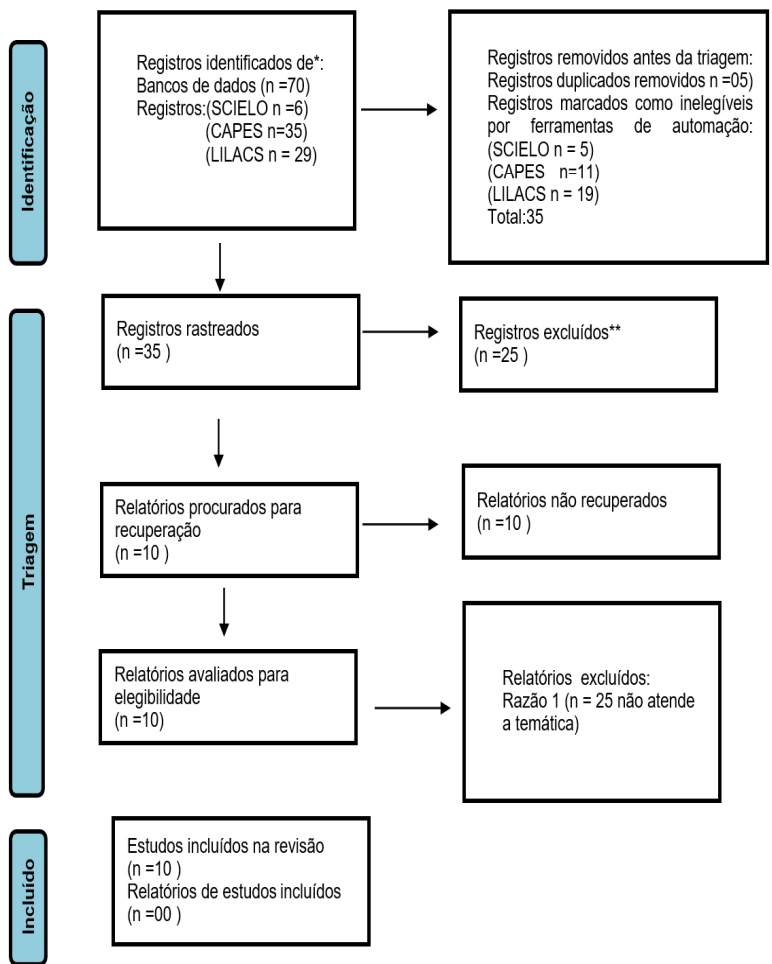
3.0 SEGUE ETAPAS DO FLUXOGRAMA PRISMA

1º etapa foi detalhado os filtros de busca. Foram utilizados para

busca dos artigos os seguintes descritores: “educação, transferência, psicanalise.” Foram cruzados entre si duas etapas (banco de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) educação and transferência and psicanalise ”, como critérios de inclusão artigos publicados na íntegra em português, com intervalo de 2012 a 2022. E foram excluídos os artigos publicados apenas com resumo, monografias e teses e que não atendem a temática elegida.

Fluxograma de Prisma

Identificação de estudos por meio de bancos de dados e registros-



FONTE: AUTOR

1.0 QUADRO: Síntese dos artigos sobre “Educação, Transferência e Psicanálise publicados em periódicos no período de 2012 a 2022.

Autor(es), ano e país	Título	Objetivo	Aspectos metodológicos	Resultados
Da Paz Pereira, Maria, 2017 Brasil	Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso	Conhecer os tipos de transferência e verificar como podem ser compreendidos e analisados na relação professor-aluno.	Revisão da literatura	O professor poderá exercer continência e transformação dos mesmos, tornando a aprendizagem satisfatória. A não compreensão da transferência poderá potencializar a dificuldade do aluno, bem como gerar impedimentos na relação pedagógica.
De Lima, Kelly Gleici; Langh Rodolfo, 2021 Brasil	Observando o invisível: a relação transferencial a partir dos discursos entre crianças e professoras monitoras em um observatório astronômico	Interpretar os discursos das relações transferenciais entre crianças e professores monitores em um observatório astronômico	Qualitativa com investigação em campo.	Os resultados obtidos pela análise dos quatro discursos lacanianos do inconsciente apontam para vestígios de três enfoques da relação transferencial discursiva entre monitores e crianças no observatório: autoritarismo, excitabilidade e alteridade

<p>Da silva Molina Rafael; Beatriz, Fabian carmem, 2014 Brasil</p>	<p>Conceito de transferência e contratransferência: uma revisão crítica sistemática</p>	<p>Conceitos de transferência e contra-transferência, referenciados na perspectiva da teoria e técnica psicanalítica</p>	<p>Revisão da literatura sistemática</p>	<p>conclui-se que estes fenômenos psíquicos são polissêmicos.</p>
<p>Charczu Bicca Simone;2020 Brasil</p>	<p>Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia.</p>	<p>Trazer as diferenças entre ensino remoto e educação a distância (EaD), apontamos que críticas a ambos recaem sobre as dificuldades de interação entendidas como inerentes a eles. Em contraposição, argumentamos que ponderações a todo modo de ensino precisam enfatizar modelos teóricos conceituais que os sustentam a través da Transferência professor/ aluno</p>	<p>Revisão narrativa</p>	<p>Conclui-se que o laço transferencial entre professor, aluno e conhecimento pode ser estabelecido no ensino remoto, considerando a escuta e a palavra como representantes da presença e da corporeidade neste contexto</p>

ABORDAGENS DA PSICANÁLISE SOB À ÓTICA EDUCACIONAL

BertoldiGehling Maria,et.al.2013 Brasil.	Psicanálise na educação médica: subjetividades integradas à prática	Analisou a contribuição da Psicanálise para educação médica, onde a psicologia médica objetiva atender na formação, desenvolvimento da capacidade de escuta e compreensão integral do ser humano.	Qualitativa Grupo focal	Verificaram-se ainda alunos com a coragem de dirigir-se ao outro suportando seu não saber, estabelecendo a relação professor aluno que pressupõe a verdade do inconsciente como fundamento.
Autor(es), ano e país	Título	Objetivo	Aspectos metodológicos	Resultados
Corrêa, Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes.	Inauguração da interlocução entre a educação e a psicanálise no Brasil: Arthur Ramos, transferência, ideal e autoridade	A dimensão do Ideal na abordagem de Arthur Ramos, no momento inaugural da interlocução da educação com a psicanálise, ao introduzir a noção de “criança problema” e prorrogar a reeducação como medida óbvia por meio da transferência.	Revisão Narrativa	Os problemas da criança dentro da escola, na própria medida em que sua abordagem influenciou fortemente a psicologia educacional e a divulgação das ideias da psicanálise no Brasil, dentro de um campo nomeado como psicoterapias de orientação psicanalítica.

<p>Voltolini Rinaldo; 2019 Brasil.</p>	<p>Uma pedagogia esquecida do amor</p>	<p>o amor como fato estrutural na educação enfatizando a relação professor aluno.</p>	<p>Revisão Narrativa</p>	<p>A presença subjetiva não é considerada entre os elementos determinantes da aprendizagem ou da transmissão do conhecimento, contando apenas seu papel funcional de intermediário entre o aluno e o conhecimento.</p>
<p>Pessoa Figueiredo Ilene, et.al, 2013 Brasil.</p>	<p>Educação online: a transferência na relação professor- aluno</p>	<p>A psicanálise aborda essas relações com o conceito de transferência, sendo essa considerada como determinante no processo de aquisição do conhecimento em qualquer nível de ensino</p>	<p>Revisão Narrativa</p>	<p>Conclui-se que os meios de comunicação online e a conectividade disponibilizada pelas Redes sociais permitem diálogo mais intenso e dinâmico entre docentes e discentes</p>

ABORDAGENS DA PSICANÁLISE SOB À ÓTICA EDUCACIONAL

<p>Lameira Maia Valéria, et.al 2017 Brasil</p>	<p>Contribuiçã da psicanálise às práticas educativas</p>	<p>Reflexão sobre que consequências traz para o saber universitário o fato do discurso psicanalítico ocupar atualmente, nas instituições de ensino superior, um espaço de discussão com o discurso universitário</p>	<p>Revisão da literatura</p>	<p>A transmissão que determina a vida do falante, um saber que lhe falta saber, ou melhor, um saber que lhe sabe que é o saber inconsciente. Conclui-se com a assertiva de que é quando um ensino propicia deslocamentos, que pode se confrontar com seu desejo de ensinar.</p>
<p>Ribeiro Pádua de Márden, 2014 Brasil</p>	<p>Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno</p>	<p>Refletir sobre as alternativas de interfaces entre as áreas da Educação e Psicanálise.</p>	<p>Revisão da literatura</p>	<p>Evidencia-se o efeito do olhar psicanalítico sobre as questões educacionais, desvelando o papel desempenhado, através das práticas educativas, na constituição e na transferência e o protagonismo do sujeito.</p>

FONTE: AUTOR

DISCUSSÃO

A transferência pedagógica se refere aos conteúdos afetivos que o aluno destina à figura do professor. Kupfer (2004a, p. 88), com base na teoria freudiana lacaniana, assinala que “um professor pode tornar-se a figura a quem serão endereçados os interesses de seu aluno, porque é objeto de uma transferência. Sendo assim a relação professor-aluno é um fenômeno que ocorre com frequência nas salas de aula. Consiste no deslocamento de emoções e sentimentos que o aluno tem de figuras importantes para o professor. Dessa forma, o aluno pode projetar inconscientemente em seu professor aspectos de sua vida, como seus sentimentos e experiências passadas.

As literaturas elegidas neste estudo destacou que a transferência pode ser positiva ou negativa, dependendo do contexto em que ocorre. Quando positiva, pode trazer benefícios para o processo de aprendizagem do aluno, pois ele se sente mais motivado e conectado com o professor. Por outro lado, quando negativa, pode prejudicar o aluno e comprometer o seu desempenho acadêmico.

Os estudos foram sistematizados e segregados descritos na etapa 3.0 Fluxograma Prisma onde demonstra o rigor minucioso da metodologia da revisão sistemática. Em seguida no Quadro 1.0 foram caracterizados o perfil dos artigos sobre os seguintes assuntos: Educação, Transferência e Psicanálise com ênfase na relação transferencial professor /aluno com impacto no ensino aprendizagem, mediado por discussão crítica e reflexiva pontuado através do objetivo e resultado, e os mesmos foram elegidos de acordo com a ordem de temporalidade entre 2012 a 2022.

Mediante a leitura minuciosa dos artigos encontrados foi detectado que as discussões contemplaram que transferência pode ocorrer de diversas formas, desde uma admiração desmedida pelo professor até sentimento de rejeição ou aversão. Além disso, é importante que o professor tenha consciência da transferência e saiba como lidar com ela de forma adequada, evitando se envolver emocionalmente com o aluno e mantendo um bom relacionamento profissional.

CONCLUSÃO

O professor poderá exercer continência e transformação dos mesmos, tornando a aprendizagem satisfatória. A não compreensão

da transferência poderá potencializar a dificuldade do aluno, bem como gerar impedimentos na relação pedagógica.

Ficou evidente neste estudo que o efeito do olhar psicanalítico sobre as questões educacionais, desvelando o papel desempenhado, através das práticas educativas, na constituição e na transferência e o protagonismo do sujeito mediado pelo objeto transferencial.

Os resultados evidenciaram a importância de introduzir novas pesquisas acerca deste tema tão relevante e que implica na relação professor aluno refletindo no ensino aprendizagem do discente e no autoconhecimento do docente acerca dos seus desafios e responsabilidades que são além das paredes da teoria mediada pela subjetividade e a inconsciente descrita por Freud e Lacan.

Espera-se que este artigo auxilie os professores e pesquisadores e em especial os que estão na prática docente afim de que a relação professor/ aluno sege melhor conduzida e com desfechos cada vez mais favoráveis no que tange não apenas o ensino aprendido do discente mais a experiência pedagogia saudável e produtiva para ambos os envolvidos.

Em suma, a transferência na relação professor-aluno é um fenômeno complexo e presente no ambiente escolar. É necessário que os professores estejam preparados para lidar com as emoções e sentimentos dos seus alunos, garantindo assim um ambiente saudável e produtivo para a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BERTOLDI, SANDRA GEHLING, MARIA NESTROVSKI FOLBERG, AND WALDOMIRO CARLOS MANFROI. "Psicanálise Na Educação Médica: Subjetividades Integradas à Prática." *Revista Brasileira De Educação Médica* 37.2 (2013): 202-09. Web.

CORRÊA, CRISTIA ROSINEIRI GONÇALVES LOPES. "A Inauguração Da Interlocução Entre a Educação E a Psicanálise No Brasil: Arthur Ramos, Transferência, Ideal E Autoridade." *Psicologia USP* 22.4 (2011): 789-812. Web.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 320p.

FREUD, S. (Ed.). (1910). *The Complete Psychological Works: Five Lectures on Psychoanalysis, Leonard da Vinci and other works* (Vol. XI). London: Hogarth Press. RACKER, H. (1982). *Estudos sobre técnica psicanalítica*. (J. C. A. Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas

ILENE FIGUEIREDO PESSOA, AND SONIA XAVIER DE ALMEIDA BORGES. “Educação Online: A Transferência Na Relação Professor-aluno.” *Boletim Técnico Do Senac* 39.3 (2013): *Boletim Técnico Do Senac*, 2013, Vol.39 (3). Web.

RIBEIRO, M. P. (2014). *Contribuição da psicanálise para a Educação: A transferência na relação professor/aluno*. *Psicologia da Educação*, (39), 23-30. Recuperado em 15 de junho de 2017.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. (1983). *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen, trad.; 7ª ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes Ed. Ltda.

LIMA, GLEICI KELLY DE, AND LANGHI RODOLFO. “Observando o invisível: a relação transferencial a partir dos discursos entre crianças e professoras monitoras em um observatório astronômico.” *Ensaio Pesquisa Em Educação Em Ciências* 23 (2021): *Ensaio Pesquisa Em Educação Em Ciências*, 2021, Vol.23. Web.

LAMEIRA MAIA VALÉRIA, AND DA SILVA. COSTA SAMIRIS “CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS.” *Revista Interdisciplinar Em Cultura E Sociedade* (2017): 107-33. Web.

MENDES CDS, SILVEIRA RCCP, GALVÃO CM. *Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem*. *Texto & Contexto Enfermagem*, 2008; 17(4): 758-764.

MARIOTTO, ROSA MARINI MARIA “Algumas Contribuições Da Psicanálise à Educação a Partir Dos Conceitos De Transferência E Discurso.” *Educar Em Revista* 64 (2017): 35-48. Web.

MOLINA SILVA RAFAEL DA, FABRIAN BEATRIZ CARMEN. Conceito de transferência e contratransferência: uma revisão crítica sistemática. *Psicol. Argum, Curitiba*, v. 32, n. 77, p. 85-97, abr./jun. 2014

RIBEIRO DE PÁDUA MÁRDEN. Contribuição da psicanálise na relação professor e aluno: transferência e contratransferência. *Psicol. educ. no.39 São Paulo dez.* 2014

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: . Acesso em: 05 Junho. 2023

SIMONE BICCA CHARCZUK. “Sustentar a Transferência No Ensino Remoto: Docência Em Tempos De Pandemia.” *Educação E Realidade* 45.4 (2021): *Educação E Realidade*, 2021, Vol.45 (4). Web.

VOLTOLINI, RINALDO. “Uma Pedagogia Esquecida Do Amor.” *Educação Temática Digital* 21.2 (2019): 363-81. Web.

KUPFER, M. C. (2004). *Freud e a educação. O mestre do impossível.* São Paulo: Editora Scipione. (Original publicado em 1989).

KUPFER, M. C. (2004). Problemas de aprendizagem ou estilos cognitivos? Um ponto de vista psicanalítico. In E. Rubinstein, (Org.). *Psicopedagogia: Uma prática, diferentes estilos.* (pp.65- 78). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1999)

ZIMERMAN, D. E. (2002). Transferências. In D. E. Zimerman, *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica.* (pp. 331-345). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1999).

Capítulo 11

LITERATURA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR: UMA RELAÇÃO PSICANALÍTICA

Claudia Gonçalves da Silva¹

Introdução

A partir da inquietação sobre a constituição do sujeito, este artigo surge. Em especial, na intenção de relacionar a literatura e a constituição do sujeito professor. Para tanto, a literatura é tratada enquanto linguagem e a (o) professora (professor) como sujeito psíquico, em um elo apoiado pela epistemologia psicanalítica.

O elo entre linguagem estética e sujeito psíquico é proposto para compreender a colaboração da literatura na maneira em que cada pessoa se vê e atua ante às realidades vividas. A literatura possibilita nos mais variados contextos, inclusive o educacional, que as reflexões sobre si e o mundo aconteçam por meio das simbolizações das vivências humanas. As obras literárias partem da complexidade e profundidade da linguagem estética para o encantamento literário e o questionamento sobre o cotidiano.

A literatura e a psicanálise, nas subjetividades humanas, se enlaçam, “[...] já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundi-las” (BELLEMIN-NOËL, 1983, p.13).

A psicanálise considera que o sujeito é constituído pelo sistema psíquico, o qual se estrutura por três instâncias: Id, Ego e Superego. O Id busca o prazer sem considerar a realidade. O Ego relaciona-se à realidade, mas precisa mediar os desejos do Id e a busca pelas idealizações do Superego. Assim, pode-se afirmar que o Id é regido pelo prazer total, o Ego pelo princípio da realidade e o Superego pelo princípio

¹ Mestranda em Educação: área de concentração em Educação, Subjetividade e Psicanálise, pela Universidade Ibirapuera. E-mail: claugons@hotmail.com

da perfeição. No entanto, o desejo pelo prazer total e a perfeição nunca são alcançados pelo sujeito, então, o Ego terá a função de realizar representações metafóricas destes desejos (ANDRADE, 2006). Entretanto, os desejos nunca cessam e são reeditados a todo momento, ao longo da vida do sujeito, pois é, conforme Burgarelli e Santos (2018, p.657-658), “[...] na busca pelo objeto, desde sempre e para sempre perdido, que o desejo pode advir”. O desejo se torna

[...] o investimento que se faz para recuperar a perda da primeira experiência de satisfação. Assim, com o intuito de reproduzir a primeira experiência de satisfação, são reinvestidas, no aparelho neuronal, as marcas da imagem do objeto que permanecem gravadas na memória, e não a imagem real do objeto de satisfação [...] o desejo vai se sustentar nos significantes, nas palavras, buscando localizar o objeto perdido. (BURGARELLI; SANTOS, 2018, p.662-663).

Christo Oliveira (2021) pontua que a relação do sujeito com a linguagem acontece desde o nascimento, quando o sujeito aliena-se à fala do outro, “[...] o que implica no uso dos significantes e do discurso desse outro para dizer de si mesmo” (p.109).

O mundo da linguagem é como uma pele que nos reveste, a morada que habitamos, pela qual percebemos o mundo que nos rodeia, pela qual lhe atribuímos sentidos, nos expressamos e nos colocamos nele. É neste mundo que existe a literatura. (REYES, 2012, p.8-9)

No contexto escolar, os processos formativos se caracterizam como elemento contínuo, em parceria, para o aprimoramento docente (PRADO et al. in ALMEIDA; PLACCO, 2018). É através da linguagem que a formação continuada docente acontece. Bondía (2002) disserta sobre a convicção de que as palavras permitem a criação de sentidos e a construção de realidades, associando as palavras aos pensamentos e ao conhecimento de si e dos contextos que cercam cada pessoa.

Este artigo pretende verificar de que maneira as produções científicas contribuem para articular a linguagem literária à constituição do sujeito e entender sobre a relevância da literatura na formação da(o) docente.

Metodologia

Por ser um artigo de revisão narrativa, a escolha dos referenciais foi realizada a partir da aderência à proposta do tema e da epistemologia apresentada, pois, de acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011) os artigos de revisão de literatura utilizam referenciais bibliográficos com o objetivo de fundamentar, teoricamente, o assunto apresentado. Assim, é a (o) autora (autor) quem define e analisa a literatura selecionada, em uma abordagem qualitativa (ROTHER, 2007).

Apesar de não possuir metodologia específica para a busca de informações (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011), para esta pesquisa de revisão narrativa, entre os meses de fevereiro a junho de 2023, foram levantados referenciais que tratam sobre a literatura, a linguagem e a constituição do sujeito na Psicanálise, em Português, sem critério do ano das publicações.

Resultados

Com os critérios de seleção citados, a busca resultou em seis livros e nove artigos publicados em revistas científicas. Como a pesquisa buscou a abordagem de três conceitos (literatura, linguagem e constituição do sujeito), abaixo, há um quadro síntese dos livros e artigos selecionados e a perspectiva destacada neste estudo, em ordem alfabética de autoras (es).

Quadro - Artigos selecionados

Suporte	Autoria	Título	Perspectiva(s)
Artigo	ANDRADE, M. S.	Ensinante e aprendente: a construção da autoria de pensamento	Constituição do sujeito
Artigo	BARONE, L; COSTA, B. H. R.	Psicanálise, ficção e cura: entre a Teoria dos Campos e a Teoria do Efeito Estético	Linguagem; Constituição do sujeito
Livro	BELLEMIN-NOËL, J.	Psicanálise e literatura	Literatura; Constituição do sujeito

Artigo	BURGA-RELLI, C. G.; SANTOS, D. P.	Inconsciente, linguagem e pensamento	Linguagem; Literatura
Artigo	CAROPRESO, F.	A limitação do conhecimento de acordo com a primeira teoria freudiana do aparelho psíquico	Constituição do sujeito
Artigo	CHRISTO OLIVEIRA, E.	Sobre a linguagem poética e escuta na clínica psicanalítica	Linguagem; Literatura
Artigo	FRAYZE-PEREIRA, J. A.	Entre os Sonhos e a Interpretação: Aparelho Psíquico/Aparelho Simbólico	Constituição do sujeito
Livro	FREUD, S.	Escritores criativos e devaneios	Constituição do sujeito
Livro	LACAN, J.	Escritos	Linguagem
Livro	MANGUEL, A.	Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez dígressões	Literatura
Artigo	MANO, G.; CORSO, M.; WEINMANN, A. O.	Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo	Linguagem; Literatura
Livro	NAVAS, D.	Afinal, o que pode ainda a literatura?	Literatura
Livro	PETIT, M.	A arte de ler ou como resistir à adversidade	Literatura
Artigo	RAVIZZINI, S.	Presságios da letra de uma carta de amor	Literatura; Constituição do sujeito
Artigo	TRISKA, V. H. C; D'AGORD, M. R. L.	A Biblioteca de Babel e o Outro: Borges e Lacan	Linguagem

Fonte: autora, 2023

A contribuição da literatura para a constituição do sujeito

A linguagem é um instrumento para a expressão do discurso. No entanto, ela não se resume ao seu sentido comunicativo, tampouco envolve apenas o sentido denotativo dos vocábulos. Os termos tam-

bém explicitam simbolizações. A psicanálise, de acordo com Ravizzini (2020), traz à reflexão de que a linguagem não consegue traduzir o inconsciente, mas o simboliza, tornando-se uma espécie de dobradiça entre o mundo interno e externo. O inconsciente apresenta-se de maneira indireta, por parábolas, porque é uma realidade simbólica em uma relação de presença-ausência (FRAYSE-PEREIRA, 1999). “O grito nunca é a dor, é seu representante” (BELLEMIN-NOËL, 1983, p.48).

Neste elo dentro-fora, a linguagem possibilita que o sujeito se articule com o outro e faça parte do mundo vivido, porém o “[...] sujeito não domina a linguagem, a linguagem domina o sujeito: carrega-o e condiciona-o; meu discurso institui-me como sujeito ausente, sem domínio real daquilo que ‘eu’ digo/diz - e aí está o lcs²” (BELLEMIN-NOËL, 1983, p.36).

Trata-se, portanto, de um sujeito incompleto, que fala e não sabe o que diz, pois há algo não sabido que se tece nas e pelas palavras; isso mostra que o eu é o lugar do ocultamento e está vinculado ao desejo e este, por sua vez, está articulado a uma falta constitutiva que não pode ser preenchida por nenhum objeto (BURGARELLI; SANTOS, 2018, p. 663).

As palavras são simbolizações não-literais, pois, de acordo com Caropreso (2016), o inconsciente, enquanto sistema, não inclui palavras como representação. O que chega à consciência do sujeito já passou por filtros psíquicos que agregaram coerência e linearidade às manifestações inconscientes. Burgarelli e Santos (2018) afirmam que os conteúdos do inconsciente somente emergem à consciência após a censura e transformações submetidas pelos sistemas pré-consciente e consciente³. O inconsciente é evidenciado “[...] como algo insabido, um saber que não se sabe (saber), decifrador do sujeito” (BURGARELLI; SANTOS, 2018, p. 656).

Segundo Lacan (1998, p.277), a linguagem “[...] é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a se nomear em um momento original cuja perpétua recriação o talento de Freud captou na

2 Inconsciente

3 O sistema pré-consciente inibe os processos inconscientes (os quais possuem excitação em estado livre, não perdem sua intensidade e são atemporais). Os processos inconscientes são inacessíveis e inferidos a partir dos dados da consciência. Apenas as excitações provindas do sistema Pré-Consciente, relacionadas ao prazer e ao desprazer, podem se tornar conscientes (CAROPRESO, 2016).

brincadeira da criança”. O arranjo de palavras dá forma às realidades possíveis, mas “[...] há uma limitação na linguagem para dar conta do real” (CHRISTO OLIVEIRA, 2021, p. 100). Manguel (2021) afirma que as páginas de uma obra literária, embora imitem a vida, são incapazes de ser a própria vida, pois a linguagem é apenas uma aproximação do que se deseja dizer. As (os) tradutoras (es), por exemplo, no trabalho com as palavras, nunca conseguem abranger, por completo, o que se deseja expressar. O que se diz é um resquício entre o que foi dito e o que é expressado, pois as palavras significam muito além do que se pode nomear, já que é impossível expressar por vocábulos a complexidade da vida. Burgarelli e Santos (2018) complementam que, a partir de Freud, as subjetividades deixam de ser relacionadas à consciência para “[...] ser uma realidade fracionada entre os processos da consciência e do Ics” (p. 666).

O que não pode ser expressado através das combinações simbólicas das palavras corresponderia, segundo Triska e D’Agord (2018), a algo no nível do impossível. Seria, neste sentido, resumir a simbolização linguística à coerência dos vocábulos selecionados para garantir a comunicação do discurso. Porém, a linguagem não se restringe apenas às palavras ditas, pois “[...] o que a linguagem diz é transcendido por aquilo que ela revela, e aquilo que é revelado representa o seu verdadeiro sentido” (ISER, 1980, p. 142 apud BARONE; COSTA, 2017, p. 191). Entre a existência concreta e a linguagem, o sujeito se situa nas “infindáveis vidas possíveis” (BARONE; COSTA, 2017, p.191).

A leitura literária, enquanto linguagem, permite diferentes perspectivas construídas pela (o) leitora (leitor), pois, de acordo com Barone e Costa (2017), há um hiato na relação entre texto e leitora (leitor) explicitado por meio do que está expresso e do que não está, oportunizando que a leitura seja uma

[...] atividade de constituição de sentido, porém, sob o controle do expresso, que também se desenvolve quando o leitor produz o sentido indicado. Assim, o significado do texto resulta de uma retomada ou apropriação da experiência que o texto desencadeou e que o leitor assimila e controla segundo suas disposições (p.191).

Na dinâmica de criação de sentidos, há o reconhecimento da ficção e do imaginário na obra literária, o que não significa que o ficcional se refira a algo falso, mas a um tipo de verdade peculiar à literatura (HERRMANN, 2006 apud BARONE; COSTA, 2017). A linguagem

literária, como simbolização, permite o acesso às subjetividades do sujeito, pois “[...] o aparelho anímico não faz referência a neurônios ou a quaisquer outras entidades materiais. Seus referentes são ideias, representações, pensamentos, desejos, sonhos, linguagem” (FRAYSE-PEREIRA, 1999, p. 209).

A linguagem estética coexiste com a incompletude psíquica do sujeito, o que permite a produção de novos sentidos a partir de cada leitura literária, em um diálogo íntimo e único entre obra e leitora (leitor). Se não existisse esta incompletude, a linguagem seria exclusiva e fixa, sem margens a variações (TRISKA; D’AGORD, 2018). As representações encontradas na linguagem literária anunciam o que está ao nível da estrutura do inconsciente (MANO; CORSO; WEINMANN, 2018). A literatura representa as subjetividades do sujeito, já que

[...] a psicanálise refuta o fato de a subjetividade ser caracterizada pela transparência dos atos de consciência e pela interioridade como instância desses atos. Considera-se, então, que as estruturas subjetivas não são da ordem dos acontecimentos, mas derivam da mutação das relações entre exterior e interior. Isso porque o núcleo primário do pensamento inconsciente é causado por encadeamentos que escapam às diferentes ordens da consciência; constituiu-se como um interdito à hegemonia da consciência enquanto instância reguladora do curso do pensamento, defendida pelos discursos filosófico e científico, impregnado pela racionalidade moderna (BURGARELLI; SANTOS, 2018, p. 664).

A linguagem literária simboliza, mas não impõe definições, permite contínuos encontros, revisitas e reelaborações psíquicas. As palavras literárias são tomadas emprestadas pela leitora (leitor), como cita Christo Oliveira (2021), para dizer sobre si de uma outra maneira.

Ravizzini (2020) elucida que, enquanto ser de fala, o sujeito existe por meio da relação com o Outro da Linguagem e que o sujeito se constitui com a linguagem que o representa, porém, a linguagem não possibilitará apenas sua comunicação, mas pode promover também a satisfação através da própria fala. Ao referir-se à literatura por meio da poesia, Ravizzini (2020) explicita que a linguagem literária representa o vazio, o que o Outro não saberia escrever, possibilitando que a literatura crie versos onde a palavra não alcança. O efeito poético, assim, só acontece devido à dimensão faltante do Outro (TRISKA; D’AGORD, 2018).

A literatura oportuniza que o sujeito transpasse as determina-

ções históricas e culturais. Ao produzir novos sentidos a partir da obra literária, evidencia-se o caráter provisório do conhecimento e a (o) leitora (leitor) se depara com o desconhecido. Em uma espécie de duplicamento de si, o sujeito formula uma performance que diferencia entre o que ele realmente é e o que tem de si mesmo, porque “[...] ao nos duplicarmos por meio da ficção estamos nos desfazendo a nós mesmos para escapar da prisão em que nos confinam as determinações históricas, culturais ou psicológicas” (BARONE; COSTA, 2017, p.193).

A linguagem estética da literatura questiona as certezas do que está posto e oportuniza viver outras vidas, proporcionando que o sujeito possa se encontrar ao deixar de ser quem se é. É ver através da (o) outra (o) ou enxergar-se nela (e), nas realidades que lhe cercam ou que ainda não existem. A literatura permite ir além do que se pensa ver, porque “[...] sou onde não penso” (BURGARELLI; SANTOS, 2018, p. 666).

Como espaço e exercício de liberdade, a literatura desperta os homens para realidades impossíveis, tornando-os incapazes de tolerar a mesmice do mundo ordinário em que vivem. Abrindo espaços para a imaginação e a fantasia, a literatura, valendo-se apenas das palavras, é capaz de libertar o homem dos grilhões que o encerram, impedindo-no, assim, de reduzir a vida à realidade cotidiana (NAVAS, 2017, p.157).

Mano, Corso e Weinmann (2018) defendem que as narrativas literárias desencadeiam efeitos singulares para cada sujeito. Quem lê sente, significa, encontra, desencontra e liberta-se de conclusões. A linguagem literária permite que os sujeitos se reafirmem em um “[...] ambiente onde o princípio da realidade não obedece ao princípio do prazer⁴” (PETIT, 2010, p. 91).

A irreabilidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (FREUD, 1996, p.135-136).

4 A energia que circula livremente pelo aparelho psíquico, sem considerar a realidade externa, buscando a descarga de tensão de forma rápida e direta, caracteriza o princípio do prazer. O princípio da realidade está centrado no desprazer para inibir o escoamento de energia e resistir a esta descarga, alterando a realidade (BURGARELLI; SANTOS, 2018).

A psicanálise revela que a constituição do sujeito acontece nas sucessivas representações que (re)formulam seus desejos. Estas representações desenvolvem o psiquismo do sujeito, continuamente, buscando o prazer (BARONE; COSTA, 2017). Neste sentido, Bellemin-Noël (1983) explicita que a literatura oferece prazeres inefáveis ao representar a realização reelaborada de um desejo recalcado que, enquanto desejo inconsciente, articula-se às primeiras experiências de satisfação. A literatura, por meio do jogo com as palavras, proporciona satisfação ao sujeito, pois “[...] jogar é re-jogar jogos esquecidos e proibidos, é ‘regozijar-se’ em repetir e disfarçar os prazeres perdidos” (BELLEMIN-NOËL, 1983, p.33). É por meio da literatura que

[...] tomamos consciência de nossa humanidade, que pensa, que fala. Pois a língua que se aprende nas relações quotidianas com os pais e amigos só serve para agir: perguntar, responder, para viver. Em suma, é só com alguma coisa como literatura (mesmo que tenha sido oral nas eras e civilizações sem escrita) que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental. Suas concepções “elevadas”, sua visão do mundo afirmam-se em contato com as lendas - o que é preciso ler -, depois com os mitos religiosos, com as epopéias profanas, com as narrativas exemplares, contos, teatro, romance, com as confidências emocionantes. Tanto em prosa como em verso. A fala informa-nos, a escrita forma-nos. E deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência e de um outro tempo, de outrora ou de há pouco: nunca daqui e de agora, onde falar é o suficiente (BELLEMIN-NÖEL, 1983, p.12).

Por sua abrangência simbólica, a literatura, como linguagem artística, pode oportunizar reflexões ao sujeito professor, já que, como defende Bellemin-Nöel (1983), é por meio da arte que a (o) adulta (o) explora sua liberdade e neutraliza sua criticidade. O autor também afirma que o texto literário, na perspectiva psicanalítica, não diz somente sobre o outro que escreve, “[...] mas do outro em nós” (p. 20). “Os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente ‘eles não sabem’. O poema sabe mais que o poeta” (BELLEMIN-NOËL, 1983, p.13).

O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Denominamos de prêmio de estímulo ou de prazer preliminar ao prazer

desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha. Isso nos leva ao limiar de novas e complexas investigações, mas também, pelo menos no momento, ao fim deste exame (FREUD, 1996, p.142-143).

A literatura pode ser a oportunidade para que o sujeito professor imagine novos contextos. Freud (1996) afirma que os desejos insatisfeitos são forças motivadoras das fantasias e que “e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (p.137).

Os textos ouvidos ou lidos como um segredo, na solidão, ou mesmo folheados, ajudam a despertar em uma pessoa regiões silenciadas ou enterradas no esquecimento, dar-lhes forma simbolizada, compartilhada, e transformá-las. Fundamentam a elaboração de uma história que desempenha um papel essencial na construção ou reconstrução de si mesmo, de uma narração sempre a retomar, sempre passível de ser recomposta, mesmo para quem as palavras faltam (PETIT, 2010, p. 105).

A formação continuada de docentes pode valer-se da literatura para contribuir com que a (o) professora (professor) se revise e reflita sobre as realidades (constatadas ou imaginadas) por meio das (re) formulações de sentidos proporcionadas pelas leituras literárias, pois

[...] o texto suscitará, em alguns leitores, não somente pensamentos, mas também emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. E a energia liberada, reencontrada, apropriada ocasionalmente dará força para se passar a alguma outra coisa, sair do lugar onde o leitor se encontrava imobilizado (PETIT, 2010, p. 79).

Considerações finais

A partir da revisão narrativa realizada, é possível verificar que os sujeitos psíquicos se constituem por meio da linguagem, a qual o torna pertencente ao mundo vivido, porém as palavras transcendem o

que é falado. A linguagem, assim, é o elo entre os mundos do sujeito (interno e externo), mas os vocábulos não possuem significados fixos, simbolizando e (re)elaborando as subjetividades de cada pessoa, constantemente.

A linguagem literária se relaciona à constituição do sujeito, pois as leituras oportunizam a construção de novos sentidos que se articulam às constantes re(edições) dos desejos inconscientes. A busca psíquica constante pela satisfação e o esquivamento de desprazeres, torna a linguagem literária um rol de representações possíveis que acessam níveis para além da estrutura consciente.

A literatura torna-se busca. Busca pela satisfação psíquica e pelo prazer de (re)conhecer (a si e às realidades vivenciadas). Sem ditar compromissos inflexíveis, a literatura permite concordar e discordar. Em uma dicotomia possível, a linguagem literária oportuniza que cada sujeito seja ou deixe de ser, que se encontre ou desencontre e, nesta busca constante, se constitua, permanentemente. Acessar a linguagem literária para alcançar a si favorece que a (o) professora (professor) reveja as situações pedagógicas, tornando a palavra poética também um meio de reflexão docente.

Que as obras literárias possam colaborar com a educação. Que ultrapassem as margens do entretenimento para adentrar no campo do conhecimento de si, do outro e do mundo através das subjetividades simbolizadas pela linguagem. Que a literatura transponha as mediações estéticas momentâneas das formações continuadas docentes para adentrar nas conversas pedagógicas contínuas, possibilitando o aprimoramento das ações didáticas a partir das revivências e novas perspectivas proporcionadas pelas subjetividades das leituras literárias.

Referências

ANDRADE, M. S. Ensinante e aprendente: a construção da autoria de pensamento. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 14, n. 11, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2023.

BARONE, L; COSTA, B. H. R. Psicanálise, ficção e cura: entre a Teoria dos Campos e a Teoria do Efeito Estético. **Psicologia USP**, v. 28, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/x4j-VfSzY9TN9s9cW5JT4xVn/?lang=pt> . Acesso em: 18 jun. 2023.

BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e literatura**. Tradução: Álvaro Lorencini, Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1983.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan/fev/mar/abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspC-NspZVDxC/?format=pdf> . Acesso em: 18 jun. 2023.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10515/o-metodo-da-revisao-integrativa-nos-estudos-organizacionais> . Acesso em: 22 abr. 2023.

BURGARELLI, C. G.; SANTOS, D. P. Inconsciente, linguagem e pensamento. **Estilos da Clínica**, v. 23, n. 3, p. 655-669, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/137789> . Acesso em: 18 jun. 2023.

CAROPRESO, F. A limitação do conhecimento de acordo com a primeira teoria freudiana do aparelho psíquico. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 18, n. 2, p. 29-48, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000200003&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 18 jun. 2023.

CHRISTO OLIVEIRA, E. Sobre a linguagem poética e escuta na clínica psicanalítica. **Revista Intercâmbio**, v.XLVII, São Paulo: LAEL/PUCSP, p. 98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/48522/34451> . Acesso em: 18 jun. 2023.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Entre os Sonhos e a Interpretação: Aparelho Psíquico/Aparelho Simbólico. **Psicologia USP**, v. 10, n. 1, p. 199-223, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/107973> . Acesso em: 9 jun. 2023.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. **Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol.9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

MANGUEL, A. **Encaixotando minha biblioteca**: uma elegia e dez digressões. Tradução: Jorio Dauster. Companhia das Letras, 2021.

MANO, G.; CORSO, M.; WEINMANN, A. O. Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo. **Psicologia USP**, v.29, n.1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/xHvhVQNxDN-3Z65rMkbbkJqrm/?lang=pt> . Acesso em: 18 jun. 2022.

NAVAS, D. Afinal, o que pode ainda a literatura? In: BAPTISTA, A. M. H.; ROGGEROR.; D' AMBROSIO, U. (Orgs.). **Signos Artísticos em Movimento**. São Paulo: BT Acadêmica, 2017. p. 147-161.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRADO, G. V. T. et al. As Coordenadoras Pedagógicas e a formação continuada: percursos singulares a favor da aprendizagem de todos. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (orgs). **O Coordenador pedagógico e seus percursos formativos**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

RAVIZZINI, S. Presságios da letra de uma carta de amor. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v.32, n.3, p.298-305, set./out.2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5935> . Acesso em: 18 jun. 2022.

REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar - Literatura, escrita e educação**. Tradução: Rodrigo Petrônio; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FH-TByr/> . Acesso em: 18 jun. 2023.

TRISKA, V. H. C; D'AGORD, M. R. L. A Biblioteca de Babel e o Outro: Borges e Lacan. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.21, n.1, mar.2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/GrDp3PDCrvpDwPKskz4kgKk/?lang=pt> . Acesso em: 18 jun. 2023.

Capítulo 12

A SUBLIMAÇÃO COMO MECANISMO DE DEFESA DA PULSÃO DE SABER NOS PROCESSOS ARTÍSTICOS

Patrícia Regina Penna Soares¹

Introdução

“...a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos.”(Freud v.XXI, p,98)

O presente artigo refere-se à teoria da segunda tópica freudiana que contém a pulsão de saber como um mecanismo de defesa chamado de sublimação, o qual se apresenta como uma força pulsional que pode se desviar da pulsão sexual. Essa força da libido é direcionada na busca do prazer para encontrar um caminho de desvio, de transformação das pulsões em criações culturais, esse conceito abre espaço para discussões e análises as quais são debatidas desde a morte de Freud até hoje.

Lacan diz que essa dessexualização da libido pode ser chamada de Ding, onde há desvio do impulso em direção ao objeto, as criações culturais na qual há uma elevação do objeto dando-lhe a dignificação do objeto. Este artigo busca uma reflexão sobre a sublimação e a produção artística na possibilidade de representar um caminho de satisfação para a psique. Nem toda produção artística leva a sublimação, ela acontece quando há uma catarse, uma experiência de pulsão de vida e de morte, onde a pulsão de morte é transformada em Eros.

O método de análise usado foi a revisão narrativa de literatura de artigos, periódicos acadêmicos pesquisados na SciELO entre os

¹ Mestranda em Educação, Subjetividade e Psicanálise- Universidade Ibirapuera(2023). Bacharel em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de SP, Arteterapeuta-Instituto Freedom, registro AATESP 494/319 e Arte Educadora do Fundamental, na Escola Bilingue Canadence Maple Bear Vila Mascote, Email: triciarepre6@gmail.com- Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7300113794939428>

2004 até 2022 e livros com referencial teórico. Pesquisa feita a princípio sobre a segunda tópica freudiana com ênfase no mecanismo de defesa de pulsão de saber nos processos artísticos.

Como exemplo neste artigo é citada a intensa vida da artista Frida Kahlo, onde a força motora verticalizada, pulsional, resgatou uma harmonia psíquica do próprio sujeito artista de como a arte foi uma fonte para sua harmonização psíquica.

A sublimação permite o poder criativo se manifestar mas não liberta o ser humano do sofrimento, da dor mesmo porque o artista dialoga com a pulsão perigosa e destrutiva do eu, o espaço, o contato que ele tem com essa pulsão é que possibilita a ressignificação do sofrimento e o equilíbrio da psique.

Diante disso percebe-se a possibilidade do diálogo com inconsciente, no interior do ser humano com o externo sendo um canal de transcendência e reorganização da psique.

Desde tempos primórdios da humanidade até os dias atuais, em pleno século XXI a arte é uma importante forma de expressão e de comunicação. Sua força de comunicação é amplificada nas grandes cidades nos polos culturais, a exemplo no Brasil, em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e outros, pelo acesso às exposições de arte, galerias, lançamentos de livros, cursos universitários, cursos livres, quantidade de cinemas com lançamentos de filmes, teatros, shows e etc.. É atemporal e transpõe limites de territórios nacionais e internacionais, culturas e línguas. Existem variadas formas de linguagens artísticas como pintura, dança, literatura, música, arquitetura, cinema e outras.

Algumas questões se apresentam curiosamente em relação a arte e a psicanálise.

A arte, a produção artística pode ser um produto do mecanismo de defesa da pulsão do saber segundo a teoria freudiana? Na sublimação o que é a arte como a Ding, a coisa segundo Lacan?

Frente esse olhar de curiosidade refletiremos com base na psicanálise, a teoria da segunda tópica de Freud, os impulsos. Especificamente a pulsão do saber e seu mecanismo de defesa, a sublimação, unindo a reflexão da arte como produto do mecanismo de defesa.

A psicanálise se ocupa em estudar o funcionamento da mente humana, a relação dos desejos do inconsciente, dos comportamentos e sentimentos. Neste artigo foi feita uma revisão narrativa de literatura de artigos científicos pesquisados entre os 2004 até 2022 para a

compreensão da teoria freudiana na articulação da psicanálise e da arte, o interesse de Freud não era de analisar o artista sob seus traços de neuroses mas sim considerar que o processo de criação artística segue a estrutura do conceito das neuroses (CHAVES, 2021).

Segundo Freud, os impulsos primitivos são de impulso sexual e de autopreservação já na segunda tópica os impulsos são de vida e morte, sexualidade e agressividade. Para que a estrutura psíquica do Ego não se desintegre, não desfaleça frente a sensação de desamparo, a perda do útero materno no nascimento existem os mecanismos de defesa, por exemplo a sublimação. Este mover, desvia a mente humana para arte, para cultura como produto da subjetividade na busca de novos saberes, a se expressar artisticamente.

A teoria da segunda tópica de Freud

Este artigo é um convite ao entendimento da teoria da segunda tópica freudiana a respeito da pulsão do saber e o mecanismo de defesa da sublimação, este desvia a energia da libido sexual no objeto, dessexualizado e coloca a energia da libido no objeto da sociedade. A segunda tópica surge a partir de 1920, da revisão de Freud em seus estudos com uma estrutura mais dinâmica e complexa apresentando o conceito de inconsciente, Ego, Id, Superego, Pulsão e sonhos. A criança nasce com o ID e este funciona pelo princípio do prazer, corresponde ao pólo das pulsões da personalidade. Não tem organização temporal, não é imoral nem moral. Não tem espaço, é uma instância desorganizada, é inconsciente e não modifica a realidade.

Já o Ego pode modificar a realidade na busca do prazer, e este prazer nunca é total, sempre há um sentimento de incompletude. É a parte consciente da mente, onde estão: os pensamentos, as percepções e os sentimentos. Segundo Bergeret (2006), para Freud o Ego também tem uma parte inconsciente, ele regula e controla parcialmente os instintos. É organizado e quando o Ego se desintegra se manifesta a loucura.

O Superego é o inibidor da mente, atua de forma contrária ao Id, é regido pela perfeição, o julgamento e pela hipermoral. Nele residem os componentes moral e social da personalidade. Ele pode travar a estrutura psíquica.

Segundo Freud essa estrutura é mais dinâmica em comparação com a primeira tópica. A libido para psicanálise é a busca do prazer

como fonte de energia que impulsiona a vida. A pulsão é a força que move a libido em direção ao prazer. Quando pensamos em pulsão imediatamente nos vem à mente uma imagem de um coração bombeando, pulsando fortemente representando em seu pulsar o movimento, o mover, a força.

A pulsão para Freud é a força que move a libido, ela é um conceito, ela não tem uma realização clínica. É uma força que move a libido em direção ao prazer que tem sua fonte nas membranas do corpo (lábios, anus, olhar e escuta) no contato com o outro provoca uma erotização a partir da pulsionalidade humana(estímulo interno ininterrupto), ela não está baseada nos instintos como nos animais e sim baseada nas pulsões. A pulsão não é somática nem psíquica, ela é uma ponte entre eles. Ela se dirige a um objeto mas não o encontra e por definição é o objeto perdido e portanto volta-se a si mesma que é sua meta, que é a satisfação. Existem 2 tipos básicos de pulsão: pulsão de vida e pulsão de morte. Pulsão de vida é toda demanda interna que nos leva a buscar o prazer (a criar, realizar projetos) e a pulsão de morte é a demanda que nos move ao isolamento e a destruição.

A satisfação, a felicidade ou o prazer é uma questão para o ser humano, está em sua psique, ele a busca. A libido é a busca do prazer, portanto segundo Freud na teoria da segunda tópica ele apresenta a pulsão de saber, que é a pulsão que tem seu mover de libido sexual desviada para o objeto da sociedade, o intelecto, o trabalho, a cultura, o esporte ou a ciência. Essa pulsão tem um mecanismo de defesa, chamado de sublimação, que existe para que o Ego não se desintegre ou se recalque em neuroses. O excesso desse mecanismo pode desenvolver patologias. A sublimação desvia o foco da energia da libido sexual, reorienta os objetivos pulsionais e traz a realização do trabalho intelectual, do prazer em fazer arte. Mas nem toda atividade artística é uma sublimação, para que o seja é necessário o desvio da pulsão, uma nova rota, uma transformação.

Por ser uma estrutura complexa outras pulsões são associadas como a pulsão escópica que está ligada a relação do olhar, Coutinho nos lembra que a palavra escopofilia vem do grego e significa o ato de ver, de examinar, no primeiro dos Três Ensaio sobre a sexualidade (1905) de Freud, a curiosidade sexual advinda do olhar para o corpo do outro e ele estar oculto com as roupas é ligada a excitação visual, e esta pode ser desviada para arte porque a curiosidade é um mover de pulsão.

No segundo capítulo dos Três Ensaio sobre a sexualidade , Freud discorre sobre o recalque, as inibições sexuais, diz que ele é orgânico não depende da educação mas é determinado pela hereditariedade e ao desenvolvimento da moralidade. São forças psíquicas opostas que se movem para suprimir o desprazer, construindo barreiras mentais de repugnância, de vergonha e de moralidade.

Fazendo uma associação entre a sublimação e a pulsão de saber percebe-se que a sublimação é o mecanismo de defesa da pulsão do saber, a qual estaria ligada à pulsão de domínio. Portanto recalque e sublimação aparecem paralelamente porque são os dois pólos das vicissitudes. Em 1908 Freud escreve *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* onde o conceito da pulsão do saber registra-se com o mecanismo de defesa da sublimação apresentando a dessexualização e o mesmo sentido para o recalque. Surgindo assim o primeiro impasse para se fundamentar o conceito já que ambos passam pela operação de dessexualização.

Em 1910 na publicação do ensaio sobre Leonardo da Vinci ele afirma que não existiria recalque das pulsões sexuais na sublimação e sim, a passagem direta dessa pulsão para produção de objetos sublimes. Isso seria o impulso dominante de investigação retirar uma parte do interesse sexual e colocá-lo em um objeto do pensamento, escapando portanto da inibição neurótica do pensamento. A libido ligada a essa potente pulsão de investigação torna-se mais forte. Para Castiel, a sublimação por ser um mecanismo de defesa tem a capacidade de fazer alterações possíveis na mente em relação à realidade, os desejos e a castração.

Freud escreve em 1923, no artigo *Ego e o Id* , características da desfusão pulsional na sublimação por causa da dessexualização onde “coloca o eu a serviço de objetos opostos aos da pulsão de vida” (Freud,v.XIX, p.73). À medida que a pulsão de morte é introduzida o pensamento de Freud resulta em liberação das pulsões agressivas do supereu que vão contra a libido deixando exposto ou em perigo o Ego. Para Freud é importante que a pulsão de morte seja transformada em Eros, o indivíduo precisa continuar a ser desejante, ou seja , prosseguir no seu desejo de desejar, vencendo assim a inércia psíquica.

Da angústia, O Mal- Estar na Civilização(1930), a sublimação

Freud explica em *O Mal-Estar na Civilização* (1930) que para

viver em civilização ele teve que abrir mão dos prazeres do ID. Trata da angústia da renúncia pulsional que se tem que fazer para que seja possível se viver em sociedade. Traz a realidade do cotidiano e sua impossibilidade de satisfação, o conflito, o desprazer. Apresenta a impossibilidade de convívio com o outro, a relação com o outro está fadada ao fracasso. Por essa razão nos tornamos seres civilizados que encontram subjetividade ao tentar simbolizar na arte sua incompletude e angústia do real com o outro, do sujeito com a cultura. Um impulso polarizado de vida e de morte se tensionam por sua complexidade e se amalgamam, para querer representar o que ele vê, qual o desejo do inconsciente e o que ele sente simbolizados pela arte.

O sentimento de angústia, de vazio inerente à existência humana citados por Freud no texto é uma força motora para o prazer cultural, da mente, a necessidade de busca do conhecimento e da comunicação. Esse sentimento de vazio e incompletude pode ser transmutado. A arte possibilita esse impulso transformador, criador, preencher o vazio partindo do vazio. Nos mostra que a fruição, a produção artística é um instrumento para se encontrar a satisfação dos processos psíquicos internos para tornar as pessoas independentes do mundo externo. Freud alega que não existe uma regra para ser aplicada a todos, mas que cada um pode descobrir por si mesmo qual é a melhor forma de encontrar essa satisfação interna.

Sublimação, mecanismo de defesa: a arte como produto artístico

Na busca do encontro da satisfação interna reside a possibilidade de sublimar, o que é esse mecanismo de defesa? A Sublimação pode ter vários destinos, para Jorge (Marco Antonio Coutinho), quando Freud fala de sublimação refere-se a pulsão sexual com a finalidade desviada para o social e quando fala em afastar-se está ligado ao mecanismo de recalque. O termo psicanalítico usado por Freud, *sublimierung* explica “ as atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual”(cnf. Laplanche & Pontalis) com foco desviado para o objeto de valor social. A cultura, as artes, o conhecimento, o trabalho, o esporte e a ciência são alguns dos objetos valorizados socialmente na sublimação. Jorge compara a sublimação à química, a mudança de estado químico do sólido para o gasoso, sem passar pelo estado líquido. Uma verticalidade de ascensão, uma transcendência. Lacan diz que a

sublimação é a elevação do objeto à dignidade de coisa(das Ding), o mesmo sentido pode ser dado ao objeto de arte, proporcionando uma satisfação mítica segundo Freud.

A arte como objeto pulsional, produto da libido de energia vital pode transformar e ser transformado pela obra de arte. A potência da criação artística é transformadora, catártica segundo CHAREUN, 2020, p.46

Alguns artistas conseguem lidar com essa sublimação em seu inconsciente produzindo uma arte transformadora independente da técnica utilizada, estudos recentes do professor Luiz Flávio Silva e de Eliana Rodrigues Pereira Mendes falam da dualidade da fusão / defusão que a sublimação traz ao inconsciente, exemplo é a vida e obra artística da pintora Frida Kahlo (Coyoacán, México, 1907-1954), 57 anos. Nascida de pai alemão fotografo e mãe mexicana, tiveram 4 filhas e Frida era uma delas. Ainda criança com 6 anos teve poliomielite ficando com a perna direita afetada. Gostava de fotografar como seu pai e se vestir de terno, irreverente em suas atitudes e desafiadora se apresentava ao mundo essa adolescente. Uma mulher à frente de seu tempo se tornou, enfrentando a dor física e a da alma. Sempre teve uma saúde fraca, aos 18 anos sofreu um grave acidente de bonde, no qual teve das costas, pélvis até a vagina perfurada por um cano do bonde. Esse acidente trouxe muitas complicações, cirurgias para sua recuperação, ficou muito tempo de cama, engessada, sem se mover e com fortes dores.

Começou a pintar na cama, nesse período seu pai a ajudou construindo cavaletes adaptados para que ela conseguisse pintar deitada, com a boca ou as mãos. As imagens representadas em suas pinturas eram muito simbólicas, nem todas as compreendiam porém eram impactadas por elas. Frida já conhecia o famoso pintor muralista Diego Rivera, mais velho que ela e muito conhecido. Quando ele estava pintando um mural na Universidade do México, Frida foi até ele e lhe apresentou suas obras. A conversa entre os dois foi cheia de provocações, opiniões artísticas dissonantes, porém arrebatadoras nas emoções um pelo outro, se apaixonaram. Casam-se em 1929, com ele teve um relacionamento muito conturbado de amor e ódio. Por causa do acidente com o bonde não pôde realizar seu sonho de ser mãe, por algumas vezes suas gestações não vingavam.

Deu acolhida em sua casa a Trotsky e sua esposa, por ser impulsiva e cativante Frida acabou se envolvendo com Trotsky, foram

amantes. Frida era intensa em suas relações teve outros amantes, homens e mulheres principalmente quando morou nos EUA com Diego. Tais rompantes emocionais eram muitas vezes impulsionados para provocar Diego que também tinha uma vida sexual intensa com outras mulheres, chegando a ser amante de uma irmã de Frida. Nesse período se separaram mas depois voltaram a se casar e ficaram juntos até a morte de Frida, ela não suportava as dores no corpo em decorrência do acidente com o bonde e assim teve algumas tentativas de suicídio que não deram certo. Mas em seus últimos dias as dores eram tão intensas que só a morfina aliviava um pouco. Não se sabe se sua morte foi provocada por uma overdose de morfina para dor sem querer ou se foi suicídio disfarçado, pois sua angústia e dor de viver naquelas condições a faziam uma prisioneira em seu corpo. Sua morte foi registrada como embolia pulmonar por ficar muito deitada, a hipótese de que tenha sido uma overdose acidental nunca foi descartada.

Mesmo com uma saúde fragilizada, limitações físicas era nítido em suas atitudes e nas produções artísticas uma pulsão de vida e de morte existentes em seu interior. Uma força arrebatadora, verticalizada ligando terra e céu como um raio, que iluminava a escuridão da vida que ela enfrentava.

Sua relevância na história da arte é entrelaçada com sua vivência de sentimentos intensos de dor e angústia, a tragédia permeou sua vida e talvez por isso mesmo os momentos de alegria e felicidade que viveu também tenham sido intensos de prazeres, beleza e lealdade. Essa amálgama, essa dualidade refletem a pulsão de morte, Tanatos transcendida em Eros, a pulsão de vida, produzindo uma arte catártica tanto para quem a contempla quanto para Frida ao produzi-la.

Em sua fala:” Pinto a mim mesma, porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor”. “Pensam que eu era surrealista, mas eu não era.... Nunca pintei sonhos. Pintava a minha própria realidade”. “Sofri dois grandes acidentes na minha vida: um foi no bonde e o outro o Diego”. “Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?”

Frida escancara, expressa com tamanha força sua verdade, sua consciência e de seu inconsciente na medida que ele emerge em símbolos representados em sua obra. A sublimação pode ter possibilitado a Frida uma harmonia psíquica do próprio sujeito artista a qual foi representada pela força motora verticalizada, unindo terra e céu, sendo a força criadora propulsora do seu fazer artístico.

Considerações finais

Conclui-se nesta pesquisa a importância de se compreender a segunda tópica freudiana com relação a arte e a sublimação. Como esse mecanismo de defesa da pulsão de saber, a sublimação, dialoga com a arte possibilitando uma transmutação na psique humana. A experiência catártica com a arte é um caminho que se abre para o inconsciente emergir por meio de símbolos criando uma ponte entre o mundo interno e externo do indivíduo. Levando a arte ao lugar da sublimação e de objeto sublimado, transcendente. Como forma de representação da arte na sublimação trago neste artigo como exemplo: a pintora Frida Kahlo, ao refletir sobre sua experiência de vida catártica, de dores e alegrias, muitas vezes em seus relatos falava de caos e de paraíso sobre sua existência pessoal e artística intensa. Por causa de suas palavras, de suas vivências representadas, simbolizadas em seus quadros, ela é a materialização da catarse, a força de viver pulsional de vida e morte, uma transmutação, um eclodir em sublimação na produção artística pela arte.

Ampliando o olhar compreendemos que existimos como sociedade e necessitamos de cultura e da arte, assim como precisamos de comida, bebida e sexo. Segundo Freud somos movidos por impulsos primitivos e de autopreservação onde o mecanismo de defesa, a sublimação, traz a possibilidade de satisfação, quando esta ocorre na psique humana possibilita um desvio pulsional estimulado pela arte e juntas propiciam uma reorganização harmoniosa entre dores e alegrias internas construindo uma ponte de diálogo do exterior e interior do indivíduo com o espaço e as pessoas externas, refletindo na sua produção artística vivenciada de diversas maneiras.

Ao analisar as diversas escritas sobre esse tema percebe-se que não há um conceito determinante de Freud, há o direcionamento de um caminho a ser percorrido para a compreensão da relação dos impulsos prazerosos advindos de novos saberes culturais, científicos, de trabalho, de esportes e etc... Eles auxiliam no equilíbrio da psique mas outros estudaram a relação desse impulso sexual da libido, na busca do prazer dessexualizado para novos saberes elevando um objeto(arte) a dignidade de coisa trazendo a pulsão com o gozo segundo Lacan. Portanto é um assunto estudado ainda hoje sob variados olhares, esta pesquisa foi feita com base nas noções freudianas mas não significa que não existam outras percepções.

Referências bibliográficas

CASTIEL, S. V. **A sublimação e a teoria da clínica**. In: Sublimação: clínica e metodologia. São Paulo: Escuta, p.117-13, 2007.

COSENTINO, J. C. **O inconsciente freudiano: as marcas da segunda tópica**. *Ágora (Rio J.)* 7 (2), Dez 2004.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução: Álvaro Costa. Rio de Janeiro, RJ: BUP – Biblioteca Universal Popular, 1968.

FREUD, Sigmund. **O instinto e suas vicissitudes**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, v.XIV, p.137- 168, 1915.

JACQUES, A. **Entre Angústia e Desamparo**. Traduições. *Ágora (Rio J.)* 4 (2), Dez 2001.

PERCY, A. **Frida Kahlo para inconformistas**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, pg. 17. 2020.

MENDES, E. R. P. **Pulsão e sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites**. *Reverso, Belo Horizonte*, v. 33, n. 62, 2011.

LEITE, R. F.; MACEDO, F. N.; ANDRADE, S. B. C. **Psicanálise: uma revisão didática sobre as principais contribuições de Freud**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 55, p. 255-259, jun. 2021.

POSFÁCIO

A coletânea “Abordagens da Psicanálise sob à Ótica Educacional” representa não somente uma reflexão sobre a relevância entre as abordagens psicanalíticas e seus primas educacionais, destacando, por exemplo o contributos de renomados teóricos como Freud e Lacan, mas sim, e principalmente, com base nos seus fomentadores capítulos enriquecer a intersecção entre a psicanálise e a educação revelando o valor na integração dos seus elementos.

Atentem-se que os estudos e observações ponderadas não só são embasadas pelos catedráticos supracitados e tantos outros demonstrados, mas pelas práticas pedagógicas envolvidas, buscando assim promover uma compreensão aprofundada entre todo esse conjunto.

Porém, no meu peculiar entendimento, a compreensão investigada entre o desenvolvimento humano e seus agentes envolvidos no contexto escolar deve ser um exercício constante, por assim dizer duradouro.

Com isso, os convido leitores e entusiastas para essa continuidade permitindo que o debate seja sempre crescente e qualitativo.

Prof. Me. Carlos Batista

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCIA SIQUEIRA DE ANDRADE



Possui Mestrado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994), Doutorado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Foi até 2018 professora titular do Centro Universitário FIEO, Coordenadora do Programa em Psicologia Educacional do UNIFIEO, Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do UNIFIEO, coordenadora do GT Aprendizagem humana na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Atualmente é professora permanente, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia/ Psicossomática da Universidade Ibirapuera, São Paulo, Brasil e membro do Comitê de Ética em Pesquisa (COEPE) da UNIB. Foi editora do periódico Cadernos de Psicopedagogia. Seus principais interesses estão voltados para o estudo dos processos de aprendizagem humana e dificuldades específicas entendendo que nesse processo as variáveis psicológicas encontram-se articuladas a componentes sociais. Suas pesquisas nessa área têm investigado a aprendizagem em diferentes contextos: escola, família, abrigos. Também desenvolve pesquisas Estresse ocupacional em professores. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5318672791370764>

CARLOS BATISTA



Orientador Pedagógico. Tutor EaD. Mestre em Educação, membro do CPA (Comunidade de Professores Autores), também é pesquisador, tendo o seu primeiro projeto datado de 1998 financiado pela FAPESP, palestrante educacional e professor em polos EaD vinculados à Universidade Paulista desde 2017. Dentre suas especializações destacam-se: Redação e Oratória e Literatura Brasileira pela Faculdade São Luís (SP) em 2020, Docência do Ensino Superior, realizada na FMU (SP) em 2020, Formação em Educação a Distância, realizada na UNIP (SP) em 2019, MBA em Marketing e Vendas, realizada também na FMU (SP) de 2018. Graduado em Pedagogia (FCE, 2022), Letras-Inglês (UNIP, 2020) e Desenho Industrial (FAAP, 1999) atualmente Carlos se dedica a duas paixões; à primeira se trata da conclusão dos seus novos projetos acadêmicos nos próximos anos e à segunda é escrever poesias para lhe acalmar à alma e ao corpo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8130346912500730>.

